ANA PAULA CRICO

As Relações de Trabalho na Indústria Calçadista de Franca

Mestrado - História

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
2006

ANA PAULA CRICO

As Relações de Trabalho na Indústria Calçadista de Franca

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História.
Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.
Orientadora: Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg / 07/06

C928r Crico, Ana Paula, 1979-
As relações de trabalho na indústria calçadista de Fran–ca / Ana Paula Crico. - Uberlândia, 2006.
110 f. : il.
Orientador: Heloisa Helena Pacheco Cardoso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uber - lândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.
1. História social - Teses. 2. Trabalhadores da indústria de calçados - Franca (SP) - Condições sociais. I. Cardoso, Heloisa Helena Pacheco. II.Universidade Federal de Uber-lândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradeço e dedico este trabalho especialmente a meu marido, José Humberto, por sempre estar ao meu lado e ter me apoiado em todos os momentos: alegres, tristes, estressantes, confusos, de desânimo e de ansiedade. Por ter tido toda paciência e por ter me amado sempre.

E também o dedico a meu filho Dionísio, que foi um dos motivos pelos quais eu tive mais vontade de realizar este trabalho, e que me deu forças para concluir este sonho tão esperado.

Eu amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, principalmente meus pais por todo apoio na minha jornada até este momento e a Dona Lourdes por toda paciência e compreensão.

Agradeço a todos os professores do curso de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente a minha orientadora Dra. Heloisa, por toda compreensão e paciência, e a todos os funcionários e colegas do curso.

A todas as pessoas que se habilitaram em ser entrevistadas contribuindo com suas experiências para a realização desse trabalho e especialmente ao Sr. Nelson Fanan, que além de seu depoimento colaborou com seu acervo pessoal de panfletos, folhetins e fotografias.

Aos órgãos públicos e privados: Ministério do Trabalho, Sindicato dos Trabalhadores de Franca, Sindicato das Indústrias de Franca, aos funcionários do Museu Histórico Municipal de Franca e o Arquivo Municipal de Franca, e aos funcionários do DINFRA – Departamento da Indústria de Franca.

À minha amiga Lucimar que me ajudou com as entrevistas e as fotos da fábrica de seu pai em Franca.

A todos aqueles que contribuíram, mesmo que de forma indireta, para a realização deste sonho permeado de tanta insistência e perseverança.

Redescobrir

Elis Regina

Composição: Luiz Gonzaga Jr.

Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia
Como um animal que sabe da floresta, perigosa
Redescobrir o sal que está na própria pele, macia
Redescobrir o doce no lamber das línguas, macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia
Vai o bicho homem fruto da semente, memória
Renascer da própria força, própria luz e fé, memória
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história
Somos a semente, ato, mente e voz, magia
Não tenha medo, meu menino bobo, memória
Tudo principia na própria pessoa, beleza
Vai como a criança que não teme o tempo, mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor, magia
Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia

RESUMO

O presente trabalho visa ampliação da discussão sobre as diversas transformações ocorridas nas relações de trabalho na indústria calçadista de Franca. Para entender melhor tais transformações a pesquisa desenvolveu-se em cima das muitas alterações que se sucederam na cidade, desde o deslocamento geográfico do pólo industrial, até os locais que foram de grande importância na vida dos trabalhadores francanos, como a Praça Nossa Senhora da Conceição, o coração da cidade.

O processo de reestruturação produtiva da indústria calçadista foi marcado pela modificação do maquinário, pelo processo de terceirização de partes do setor produtivo (acompanhado pela precarização intensa do trabalho a partir da década de 1990) e pela reestruturação organizacional dentro das empresas, o que se refletiu em uma nova forma do trabalhador exercer as suas funções nas fábricas de calçados.

Os trabalhadores demonstraram, através de suas experiências, como as alterações em suas vidas foram ocorrendo no interior deste pólo produtivo de calçados tão importante em que Franca se tornou. Movendo-se pela força de sua gente e gerando e atraindo cada vez mais mão-de-obra, a cidade fez-se conhecida mundialmente pela produção de sapatos, principalmente os masculinos.

Na “Cidade do Calçado” os operários sapateiros vivenciaram mudanças, organizaram-se, buscaram e formaram representações sindicais e políticas, foram à luta e sangraram nas ruas por seus direitos sagrados de trabalhador.

Palavras-chave: indústria calçadista, relações de trabalho, trabalhadores sapateiros, reestruturação produtiva, terceirização, precarização, mudança organizacional, sindicato, Franca.

ABSTRACT

The present work seeks to enlarge the discussion about the several transformations that happened in the work relationships inside the Franca footwear industries.

To better understand such transformations the research was developed over the many transformations occurred in the city, since the geographical displacement of the industrial pole, until the places that were of great importance in the life of the francanos workers, as the Praça Nossa Senhora da Conceição, the heart of the city.

The process of productive reorganization of the footwear industry was marked by the machinery modifications, by the subcontracting process of the productive sector parts (followed by the intense impoverishment of the work starting from 1990 decade) and by the organizational reorganization inside the companies, that reflected in a new form of the worker to exert their functions in the footwear industries. The workers demonstrated, through their experiences, how the alterations in their lives had happened inside of this so important productive footwear pole that Franca became.

Moving by your people's power and generating and attracting more and more labor force, the city became world-wide known for the shoes production, mainly the masculine ones.

In the "City of the Shoe" the shoemakers lived changes, organized themselves, searched and formed syndical union and political representations, and went to the streets to fight and bleed for their sacred rights of worker.

Keywords: footwear industry, work relationships, shoemaker workers, productive restructuring, subcontracting, impoverishment, organizational change, union, Franca.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Sumário

Considerações Iniciais.....10

Capítulo I
A imagem de Franca como a cidade do calçado..... 23

Capítulo II
Os trabalhadores e a reestruturação produtiva
do setor calçadista em Franca.....43

Capítulo III
A formação sindical e operária em Franca.....69

Considerações Finais.....96

Fontes.....101

Bibliografia.....105

Considerações Iniciais

Esta pesquisa analisa as relações de trabalho na indústria calçadista de Franca[1], através das experiências de seus trabalhadores, usando o diálogo com suas narrativas, pois são eles, homens e mulheres de diferentes idades e diversos setores que, em seus modos de vida, vivenciaram e vivenciam tais relações e as transformações dentro da indústria calçadista francana.

Interessa-nos aqui analisar como os trabalhadores sapateiros sentiram as mudanças em seu meio, sejam elas na forma da organização do trabalho, na reestruturação produtiva, no gerenciamento das fábricas, no aumento dos setores terceirizados, entre outros. Para isso, além das narrativas orais, outras fontes também foram pesquisadas e contribuem nas análises aqui apresentadas.

O interesse pelo assunto surgiu durante a minha graduação, quando levantei questionamentos acerca das relações trabalhista no setor calçadista francano. Morando, na época, na cidade de Franca, percebi o quanto o setor industrial de calçados se apresentava importante para a população, pois além de ser um dos principais setores econômicos da cidade, envolvia diversas questões problemáticas como o trabalho infantil, o trabalho terceirizado (com contratações, porém sem direitos trabalhistas) e o sistema de rotatividade, onde os trabalhadores exercem suas funções somente durante alguns meses do ano.

Os trabalhos universitários que têm como tema a indústria calçadista abordam, em sua maioria, apenas uma análise econômica da indústria, sendo poucos os que constroem uma análise social, e quase nenhum se dedica às relações de trabalho, considerando nelas as narrativas dos próprios trabalhadores. Saber como os trabalhadores vivem no dia a dia as relações de trabalho parece-me relevante por colocar no centro da reflexão as pessoas, entendendo-as como sujeitos sociais que participaram e participam do movimento de reformulação do setor produtivo da indústria calçadista de Franca.

[1] A cidade de Franca está localizada na região nordeste do Estado de São Paulo, com uma área de aproximadamente 603 Km2 e fica a 401 Km da capital São Paulo e a 712 Km do Distrito Federal. A população estimada de Franca, segundo o censo feito pela Prefeitura Municipal, em 2005, é de 315 mil habitantes.

Algumas pesquisas que tratam do trabalho infantil foram baseadas em uma entrevista[2], realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores, em conjunto com o Núcleo de Promoção e Educação em Saúde Escolar da Universidade de São Paulo - USP, em 1994, com algumas crianças nas escolas de Franca. Podemos citar, entre outros, os trabalhos de Silvana Santos[3] e de Raquel Cintra e Raquel Andrade[4].

O trabalho de Silvana Santos, baseado nesta entrevista realizada pelo Sindicato dos Sapateiros e pela USP, analisa as crianças que trabalhavam e estudavam na cidade de Franca no período de 1995. Faz também uma análise crítica do sindicato e dos critérios de realização e interpretação da pesquisa. Nessa análise a autora conclui que não é possível se basear nessa entrevista, com dados estatísticos, devido a várias falhas metodológicas de aplicação. A autora critica a escolha dos alunos feita pelas próprias professoras que conheciam o problema e, em alguns casos, elas omitiram dados, como, por exemplo, professoras que eram esposas de donos de bancas que empregavam alguns desses alunos.

Raquel Cintra e Raquel Andrade também se basearam na entrevista realizada pelo Sindicato dos Sapateiros, fazendo uma análise descritiva das entrevistas das crianças, ou seja, apresentando dados estatísticos e trechos das entrevistas, descrevendo como foi a realização da pesquisa e as conclusões desta, como o problema cultural do trabalho infantil em Franca. As crianças aprendem em casa que o trabalho com calçados é mais importante que o estudo, favorecendo o baixo desempenho escolar destas crianças.

A tese de doutorado de Vera Lúcia Navarro[5] questiona a reestruturação produtiva e seus impactos no trabalho na indústria calçadista; faz uma análise geral da indústria calçadista francana desde seu surgimento até a reestruturação produtiva na década de 1990, abordando a sua expansão nas décadas de 1950 e 1960 e o advento das exportações.

---

[2] Informações cedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados e Vestuário de Franca, 2003.

[3] SANTOS, Silvana Barbosa dos. *O trabalho infantil em Franca*: a ciência na luta pelo direito a ser criança. Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1995.

[4] CINTRA, Raquel B., ANDRADE, Raquel M. *A criança: o calçado X a escola* – uma reflexão sobre a terceirização em Franca, Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1995.

[5] NAVARRO, Vera Lúcia. *A produção de calçados de couro em Franca (SP)*: a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

Partindo das entrevistas com trabalhadores, empresários, sindicalistas e outros profissionais ligados ao setor, a autora reconstituiu todo o processo de produção do calçado em todas as suas etapas, inclusive as desenvolvidas nas bancas[6], analisando as relações de trabalho e suas transformações. Nesse sentido, esse trabalho fornece informações sobre o tema, embora o seu caminho de análise difira do trabalho nesta dissertação.

Uma pesquisa que contribuiu com as reflexões desenvolvidas aqui, centradas na interpretação das relações sociais vividas pelos trabalhadores com as mudanças no seu ambiente de trabalho, foi a de Telma Bessa Sales[7]. A autora, em sua dissertação de mestrado, analisa como os trabalhadores metalúrgicos da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, vivenciaram as transformações na indústria, principalmente o período de reestruturação produtiva. O trabalho é muito significativo para a presente pesquisa, porque através dele podemos analisar e comparar como os trabalhadores da indústria calçadista, que passaram por processos de reestruturação produtiva assim como aos da VW, vivenciaram essas transformações.

Para Sales, a reestruturação produtiva foi responsável pela precarização do trabalho dentro da VW, diminuindo postos de trabalho, desvalorizando salários e até mesmo dificultando a organização sindical e a luta dos trabalhadores.

As lutas sindicais estão no centro das preocupações do trabalho de Conclusão de Curso de Gilmar Dominici[8]. Ele relata como se deu a formação da luta operária em Franca, incluindo a união do Sindicato dos Sapateiros com o Partido dos Trabalhadores – PT. Analisa como essa união transformou a história da luta operária francana e se tornou uma grande influência política entre os trabalhadores.

Todos os trabalhos aqui citados contribuíram na trajetória da pesquisa, possibilitando, nas reflexões feitas a partir das análises de seus autores, repensar caminhos e noções solidificadas. Nessa trajetória, o contato com a documentação, e o diálogo que foi sendo construído com ela, resultou em novos olhares sobre a temática.

---

[6] Bancas unidades produtivas prestadoras de serviços à indústria calçadista, realizam etapas produção (pesponto, corte, ponteação e ou chanfração).

[7] SALES, Telma Bessa. *Experiências de João Ferrador em tempos de reestruturação produtiva*: VW Anchieta – SBC. Dissertação de Mestrado apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2000.

[8] DOMINICI, Gilmar. Sapateiros em Luta. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Franca, 1988.

O diálogo com as narrativas dos trabalhadores sobre as relações de trabalho vividas por eles levaram-me a buscar outras fontes, como dados estatísticos do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFranca); informações cedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados e Vestuário de Franca (STICV), incluindo o folhetim "O Sapateiro"; documentos da Prefeitura Municipal de Franca; dados da Associação do Comércio e da Indústria de Franca (ACIF); fotografias do meu arquivo pessoal que relatam o ambiente da fábrica; fotografias da cidade tiradas em diferentes épocas, cedidas pelo Museu Histórico Municipal de Franca e pelo Arquivo Municipal de Franca; mapas da cidade e outros.

Os dados estatísticos do SINDIFranca, aqui utilizados, abordam o período entre 1980 a 2003 e apresentam números de fábricas, número de trabalhadores contratados, médias salariais e médias de trabalhadores no período citado, assim como a quantidade de produção e o total de exportação do setor. Esses dados estatísticos são importantes, não como forma de reafirmar um acontecimento, mas como um dos caminhos possíveis para a análise dos questionamentos que surgiram das narrativas dos trabalhadores.

O Sindicato dos Trabalhadores, vinculado à CUT e ao Partido dos Trabalhadores, edita mensalmente o folhetim intitulado "O Sapateiro", outra fonte utilizada, que tem como objetivo fornecer informações sobre diversos assuntos aos trabalhadores, como: opções de lazer, greves, reuniões etc.

Alguns dos entrevistados da pesquisa são sindicalizados, e suas idéias e questionamentos sobre a instituição tornaram o contato com o Sindicato dos Sapateiros relevante para a pesquisa. O Sindicato não representa as mais diversas expectativas desses trabalhadores, mas é ele que lidera a luta sindical no setor.

Os documentos da Prefeitura Municipal de Franca nos possibilitam perceber como a imagem da indústria de calçados foi sendo construída na cidade, transformando Franca na "Cidade do Calçado". O diálogo com esses documentos é importante para entendermos não só como se deu essa construção da imagem da cidade, mas também para perceber como os trabalhadores se relacionam com essa imagem e como eles também constroem suas imagens sobre Franca, carregadas de significados, que formam o imaginário sobre a cidade de acordo com a trajetória de cada um.

A imagem de Franca como a cidade do calçado aparece muitas vezes nas entrevistas. Nela a indústria calçadista surge como único meio de vida, como é

possível perceber na fala da Márcia, que, apesar dos seus 25 anos de idade, já trabalhou em três fábricas, ao dizer que o setor é o que gera mais empregos. Nas suas palavras:

> *"É muito importante, porque é mais calçado né, o que gera mais emprego é a área de calçados... uns diz que gosta, outros não. Eu pelo menos gosto do que faço. Tem gente que num gosta de mexer com sapato porque só tem isso, aí eles vai mexendo, aí vai enjoando, cansa, agora tem gente que já gosta. Eu gosto"*[9].

Nos anos de 1940 e 1950 as pessoas estavam se deslocando do campo para a cidade em busca de empregos. No campo havia escassez de trabalho devido à produção cafeeira e a ampliação da criação de gado, atividades que exigiam pouca mão-de-obra, porém na cidade elas encontravam oportunidades em outras atividades.

Quando surgiram as primeiras fábricas calçadistas, na década de 1940, muitas pessoas já produziam sapatos manualmente em suas casas. Com o tempo houve a ampliação da indústria calçadista e, consequentemente, do maquinário fabril por elas utilizado, o que, devido à concorrência entre o trabalho manual e o industrializado, levou os empregos e os trabalhadores às fábricas, onde tiveram que lidar com esse processo de mudanças tecnológicas e reaprender o ofício de sapateiro, mesclando as novas técnicas aos seus modos de vida.

A cidade de Franca, apesar de se destacar como um grande pólo industrial de calçados, possui outras importantes atividades econômicas, como o cultivo do café, a extração de diamantes, a produção de leite e o comércio. Mas é no setor calçadista que se encontram as maiores oportunidades de trabalho.

Com o tempo houve a necessidade de se aglomerar as indústrias em um determinado local, conhecido como "Distrito Industrial". O Distrito Industrial, criado em agosto de 1984, pelo DINFRA (Departamento da Indústria de Franca), conta, em 2005, com mais de 220 empresas, sendo 111 delas fábricas de calçados.

Esse aglomerado de indústrias é considerado importante já que alterou vários aspectos da vida dos trabalhadores calçadistas francanos. Antes trabalhavam em suas casas ou até mesmo em fabriquetas de fundo de quintal, próximas às suas residências, porém, com a implantação do Distrito Industrial, em uma área afastada dos principais bairros da cidade, a rotina foi alterada e os trabalhadores se viram

[9] Márcia Helena Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.

obrigados a deslocarem-se diariamente de suas moradias até os locais de trabalho. Nesse trajeto, da casa para o trabalho, e vice-versa, as pessoas foram construindo novas relações. Tais relações extravasaram os limites internos do ambiente fabril e se transformaram em relações diferentes das que antes os trabalhadores tinham com suas famílias em seus lares, com a comunidade, com o sindicato, enfim, com a própria cidade.

Na maioria das fábricas há setores distintos onde algumas atividades são desempenhadas apenas por mulheres e outras apenas por homens. Esse fato se dá não pelo serviço em si, mas por apresentarem características de atividades que originalmente eram realizadas basicamente pelas mulheres, como, por exemplo, a costura do calçado; e atividades realizadas pelos homens, como o manejo de máquinas maiores e ou mais pesadas, como a Molina[10].

O diálogo com as fotografias nos permitiu não só uma análise do ambiente de trabalho na fábrica, mas também a análise da relação que cada trabalhador tem com seu ofício, uma vez interpretadas junto com as narrativas dos trabalhadores. As fotografias nos servem não como uma ilustração, mas como uma fonte que cresce com a crítica, com a análise e com o conhecimento; levam a questionamentos sobre a relação de trabalho e a função que cada trabalhador desempenha no espaço fabril. Como nos diz Raphael Samuel:

> *"Podemos pensar que nos encaminhamos a elas, em busca do conhecimento do passado, mas é o conhecimento que nos leva a elas que as faz historicamente significativas, transformando uma oportunidade residual maior ou menor do passado em um precioso ícone".*[11]

As fotografias do meu acervo foram feitas no período das entrevistas e retratam fábricas de pequeno e médio porte. Mostram o local de trabalho de alguns entrevistados, máquinas utilizadas na fabricação dos calçados e imagens da cidade de Franca. Tais imagens, junto com as narrativas, nos ajudam a perceber as relações de trabalho que são travadas no ambiente fabril e no próprio município.

---

[10] A Molina é uma máquina que monta o sapato. Ela monta vários pares por hora, aumentando muito a produtividade da fábrica.

[11] SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: *Revista Projeto História*, nº 14, São Paulo: EDUC, 1997, p.60.

São utilizadas também fotografias do Arquivo Municipal de Franca, do Museu Histórico Municipal de Franca e da Revista “Ciudad de Franca”, editada pela Prefeitura Municipal em 1998.

Na discussão com a história oral, como analisa Portelli[12], a narrativa “não nos oferece um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”, pois a sociedade se apresenta como uma rede, onde cada um é diferente, mas quando compartilham suas experiências individuais, elementos comuns podem aparecer.

Assim acontece quando dialogamos sobre os lugares onde as tensões estão ocorrendo. No caso da presente pesquisa, o ambiente da fábrica, a casa do trabalhador, o seu bairro e o sindicato são os espaços onde as principais indagações surgem. É onde as relações acontecem, onde as experiências informam sobre os modos de vida dos trabalhadores e sobre as relações que constroem.

São nessas experiências compartilhadas que encontramos as muitas memórias e outras histórias. As pessoas narram, constroem e interpretam, a partir de um terreno de experiências comuns, as suas memórias. Nós, como historiadores, analisamos trajetórias de vida, buscando compreender como e porque elas percorreram alguns caminhos e não outros e os significados deles no presente vivido pelos depoentes..

Podemos encontrar nas falas dos trabalhadores muitas expectativas, aspirações e ou até decepções em comum, que não devem ser interpretadas como homogêneas, pois cada um tem suas próprias interpretações sobre o vivido, ou seja, cada um traz consigo a sua própria subjetividade.

É da fala dos trabalhadores que muitos questionamentos vão surgindo. Questões, por exemplo, relacionadas com os significados da organização do trabalho nas indústrias calçadistas de Franca. As fábricas, na década de 1940 até o final da década de 1970, procuravam desenvolver um sentimento patriarcal em suas gestões para que os trabalhadores sentissem que realmente faziam parte de uma mesma família. Realizavam almoços, churrascos, enfim, vários eventos comemorativos para que os trabalhadores se sentissem como partes da empresa e também responsáveis pelos seus sucessos e ou fracassos.

As fábricas ainda procuram manter esses tipos de relações, mas de uma forma diferente, não mais abordando os trabalhadores como parte de uma grande família,

[12] PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. I, nº 2, 1996.

mas sim como membros de uma equipe, onde se sintam responsáveis pelo que foi bem ou mal sucedido nos resultados da empresa.

João Paulo da Silva, casado, 20 anos de idade, operário dos calçados Ferracini, fala dessas relações de responsabilidade vividas no ambiente fabril, onde o trabalhador se sente em grande parte responsável pelo sucesso e ou insucesso da fábrica, e como isto se reflete diretamente em sua vida:

> *"(...) trabalho, trabalho, amizade, amizade. Depois que saiu da fábrica tudo bem, pode conversar, brincar. Dentro da fábrica não, é trabalhar. E o crescimento da fábrica favorece também o funcionário, não só o patrão".*[13]

Outro questionamento que aparece é sobre o processo de reestruturação produtiva das fábricas calçadistas francanas na década de 1990, período cuja reestruturação foi mais intensa, e os desdobramentos que daí advieram.

A reestruturação produtiva foi realizada pelas empresas como forma de aumentar a produtividade, assim como os lucros. Na indústria calçadista as formas de reestruturação produtiva atingiram fábricas de todos os portes e suas formas mais visíveis são: o uso de novas máquinas, a reorganização fabril e a terceirização de partes do setor produtivo.

O novo maquinário e o avanço tecnológico exigiram dos trabalhadores maior especialização. Trabalhadores que antes exerciam funções praticamente manuais, que requeriam um grau mais simples de conhecimento, agora trabalham em máquinas que exigem novos conhecimentos, como, por exemplo, a compreensão de uma língua estrangeira, mesmo que em um nível básico, já que a maioria das máquinas apresenta instruções em inglês. Já outras máquinas exigem não só o conhecimento da língua estrangeira, mas também a necessidade da realização de um curso de especialização por parte do trabalhador, como ocorre no caso do manuseio da máquina chamada Molina, devido à complexidade em seu manejo.

Outro processo significativo da reestruturação produtiva na indústria calçadista foi à terceirização de partes do setor produtivo, especificamente o chamado pesponto[14], que deve ser realizado manualmente. Geralmente esse trabalho

[13] João Paulo da Silva. Entrevista realizada em 19/01/2004.
[14] O pesponto é uma costura que geralmente fica por cima do sapato emendando partes de couro. Em alguns modelos de sapatos essa costura só pode ser feita manualmente.

é separado em lotes, com certa quantidade de calçados a serem pespontados e repassados pela fábrica a um responsável, que se encarrega de distribuir os pares aos trabalhadores que trabalham em suas casas ou em bancas de pesponto legais ou ilegais.

Muitas pessoas de Franca, e até mesmo das regiões vizinhas, trabalham costurando os calçados, porém também há os que colam, prancham, cortam, etc. Em sua maioria trabalham em casa, sem direitos trabalhistas ou horários específicos, durante dia e noite, e, em muitos casos, para cumprirem as metas do serviço, envolvem as crianças de casa no processo. Essa forma e local de trabalho, onde o serviço é realizado na moradia ou em um lugar preestabelecido, como na garagem de um vizinho ou em um barracão alugado, onde se reúnem para trabalhar manualmente o calçado, são conhecidos como bancas de pesponto.

É difícil ter uma noção de quantas crianças trabalharam ou trabalham costurando sapatos, pelo fato do serviço ser distribuído sem nenhuma forma de contratação e o trabalho ser realizado nas casas das pessoas, dificultando até mesmo a fiscalização por parte das autoridades.

Para muitos que trabalham pespontando sapatos esta é uma atividade passageira. A maioria dos entrevistados já costurou sapatos e encara esse serviço como o início da profissão. Alguns começaram na infância, outros trabalharam em bancas em períodos em que estavam desempregados. De forma geral, tanto para os entrevistados que trabalharam ou que ainda trabalham em bancas de pesponto, assim como para muitos trabalhadores que se envolvem com o setor calçadista francano, o trabalho nas bancas foi ou ainda é a única forma de sobrevivência.

Para a maioria dos entrevistados, as transformações do trabalho na indústria calçadista foram mais significativas a partir da década de 1990. Como já mencionado, o surgimento de novas máquinas e a terceirização de partes da produção (antes realizadas majoritariamente dentro da fábrica), aparece de forma significativa nas experiências dos trabalhadores, principalmente no período supracitado.

Essas modificações do trabalho estão em constante movimento, porém na presente pesquisa elas são limitadas por cortes cronológicos que foram determinados de acordo com as fontes utilizadas, portanto deixa em aberto questionamentos e possíveis análises de como os trabalhadores continuam experimentando essas transformações.

Na construção do caminho de análise apresentado nessa dissertação foram importantes as observações de E. P. Thompson[15]. Para o autor, nós nunca temos uma teoria pronta, as noções nos ajudam a pensar a realidade, mas elas mesmas precisam ser recriadas. Temos um mapa e uma bagagem, que estão carregados de palavras-chave a serem questionadas, onde interrogamos os silêncios reais através do diálogo do conhecimento, que se faz entre evidências e conceitos, a partir das nossas indagações. Com elas é que buscamos compreender como as pessoas vivem e reorganizam suas experiências e como as experiências individuais compartilhadas levam a valores e idéias comuns.

A cultura é também uma noção que nos ajuda a compreender melhor as relações sociais. Como interpretou Cevasco[16], em estudo sobre a obra de Raymond Williams, a cultura está em toda sociedade, em todos os modos de pensar, no conjunto de práticas e expectativas que envolvem toda a vida, ou seja, o vivido cheio de significados e valores a serem vivenciados como práticas.

Na fábrica, cria-se um ambiente de amizade, companheirismo e ao mesmo tempo de tensões. Dª Maria Sônia e o Sr. Centeno viam na fábrica um local de trabalho, mas também um local familiar, onde estavam seus amigos. Saiam juntos, faziam horas extras e havia encontros amorosos no período do "serão". Até mesmo demonstrações de companheirismo, como narra Dª Maria Sônia, quando diz que as amigas "roubavam" agulhas de máquinas de costura para que, quando alguma amiga quebrasse uma agulha, elas pudessem repô-las sem que o chefe as visse, não ocasionando algum tipo de punição.

Encontramos nessas relações sociais compartilhadas pontos comuns nas experiências mais diversas dos sujeitos, por isso foram entrevistados trabalhadores de diversos setores, homens e mulheres, desde os que começaram a trabalhar há pouco tempo nas fábricas e bancas até os que trabalham com calçados há muitos anos. As entrevistas foram realizadas em diversos locais, principalmente naqueles onde os entrevistados se sentiam mais à vontade durante a conversa.

É importante saber um pouco sobre cada entrevistado para que se compreenda melhor as suas emoções, atitudes e opiniões sobre o tema da pesquisa.

---

[15] THOMPSON, E.P. O Termo Ausente: experiência. In: *A miséria da teoria ou um planetário de erros*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

[16] CEVASCO, Maria Elisa. Questões de Teoria: o materialismo cultural. In: *Para Ler Raymond Williams*, São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Márcia, 25 anos de idade, trabalhou em três fábricas, duas delas de grande porte, e, a última, em que atualmente trabalha, de menor porte. Devido a grande distância entre sua residência e o Distrito Industrial, e os custos do transporte aí envolvidos, buscou emprego perto de casa, no mesmo bairro. No período em que estava desempregada, trabalhou em bancas de pesponto.

Dª Maria Sonia, mãe da Márcia, trabalhou no ramo calçadista em várias fábricas cerca de 15 anos. Quando estava fora da fábrica costurava sapatos em casa. Infelizmente durante a realização da pesquisa Dª Maria Sônia faleceu, mas nos deixou uma imensa lição de vida através da sua narrativa e das suas experiências.

Valdivino Resende Júnior, 24 anos de idade, trabalha na fábrica pertencente ao seu tio. Começou no ofício de sapateiro logo na infância, aos onze, doze anos de idade. Nunca trabalhou em bancas de pesponto e está satisfeito com o trabalho atual.

João Paulo, 20 anos de idade, pai de dois filhos, também começou a trabalhar muito jovem. Trabalha nos calçados Ferracini, localizada no Distrito Industrial, e o seu transporte fica a cargo da empresa, feito por um ônibus fretado. Nesse trajeto muitas relações foram e são estabelecidas com os outros trabalhadores que moram em diferentes locais da cidade. João Paulo é sindicalizado e, para ele, o Sindicato dos Trabalhadores de Calçados de Franca é uma importante fonte de informações e de representação da categoria. Seu primeiro emprego foi em uma fábrica de calçados e nunca trabalhou em bancas.

Edson, há 13 anos trabalhador da fábrica de calçados Albanesi, já trabalhou em outras fábricas, mas nunca em bancas de pesponto.

Fabiano, 18 anos de idade, e Luiz Fernando, 15 anos de idade, trabalham juntos há um ano e meio em uma banca de pesponto. Já trabalharam em outras bancas.

Antonio Centeno, 48 anos de idade, trabalhou em várias fábricas de calçados em diversos ofícios. Hoje é chefe de setor. Centeno vivenciou inúmeras transformações dentro do ambiente de trabalho nas fábricas calçadistas, entre elas, a reestruturação tecnológica, a nova forma de organização gerencial, estabelecida principalmente na década de 1990, e as mudanças nos próprios costumes dos trabalhadores.

Paulo Vergueiro foi morar em Franca na década 1970 para trabalhar na indústria calçadista que oferecia grandes oportunidades. Trabalhou em várias

fábricas e aprendeu a trabalhar com a Molina, uma tarefa que exige muita atenção e qualificação de quem a opera. Hoje Paulo está aposentado.

Isabel Vergueiro, esposa de Paulo Vergueiro, foi para Franca com o marido e, apesar de não gostar da cidade, ainda mora lá. Começou a trabalhar em fábrica de calçados ainda na década de 1970. Trabalhou também em várias bancas de pesponto, desde as bancas da própria fábrica até as terceirizadas e uma que foi de sua propriedade. Não trabalha mais no ramo dos calçados e ainda não conseguiu se aposentar devido aos períodos que trabalhou em bancas sem carteira assinada.

Nelson Fanan começou a trabalhar na fábrica quando a fabricação de calçados ainda era totalmente manual. Trabalhou em várias fábricas, em diversos setores, mas a sua preferência era o ofício de montador. Entrou para o sindicato quando da sua fundação em Franca e participou de toda sua evolução até sua integração com a CUT e o com o Partido dos Trabalhadores. Sempre lutou pelos diretos dos trabalhadores e hoje, mesmo aposentado, milita como presidente da Associação dos Trabalhadores Aposentados de Franca, ligada ao Sindicato. Foi homenageado como cidadão francano por sua participação nas lutas sociais.

Paulo Afonso Ribeiro, presidente do Sindicato dos Sapateiros de Franca desde 25 de outubro de 2000, já trabalhou em diversas fábricas de calçados e atualmente está registrado na Calçados Ravelli. Também trabalhou em outros setores fora do ramo calçadista. Sua entrevista foi fundamental para compreender como estão atualmente as atividades do Sindicato dos Sapateiros de Franca, e como ele está atuando nas questões trabalhistas e nos interesses dos trabalhadores.

O diálogo com as fontes e a organização da pesquisa resultaram na elaboração desta dissertação em três capítulos. No primeiro analiso como a imagem de Franca - “a Cidade do Calçado” - é construída. Como a Prefeitura Municipal, o comércio e os próprios trabalhadores vão construindo, em suas trajetórias, imagens da cidade (como a Cidade do Calçado) e como cada um cria o seu próprio significado. Ainda no primeiro capítulo discuto como os trabalhadores vivenciam e vivenciaram as mudanças no processo de urbanização da cidade, assim como as mudanças nas diversas formas de lazer e nos costumes locais.

No segundo capítulo procuro abordar a reestruturação produtiva sentida pelos trabalhadores francanos, o crescimento do trabalho terceirizado, o envolvimento de municípios vizinhos na terceirização do trabalho, que foi mais significativa a partir da década de 1990, e a ação sindical diante dessas mudanças.

Analiso como a reestruturação se procedeu no setor calçadista e como os processos de transformação das estruturas administrativas passaram de patriarcal à gerencial, incluindo as mudanças físicas da própria fábrica, e como os trabalhadores vivenciaram essas mudanças.

Procuro abordar também o que é, nos dias atuais, trabalhar na fábrica diante da modernização tecnológica e da "necessidade" de maior qualificação e flexibilização; como tais trabalhadores enfrentam à concorrência do mercado de trabalho, assim como a forma que interpretam essas questões.

O terceiro capítulo refere-se ao desenvolvimento da luta operária na cidade de Franca, desde a sua formação até o surgimento do Sindicato dos Sapateiros e sua posterior união com o Partido dos Trabalhadores.

Analiso também como os trabalhadores participaram e participam dessa luta operária e como eles demonstram suas simpatias e antipatias pelo sindicato que os representa. O capítulo aborda a formação do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca e o que este reflete na produtividade de calçados e, por conseqüência, no nível de empregos gerados na cidade.

CAPÍTULO I

A IMAGEM DE FRANCA COMO A CIDADE DO CALÇADO

"Onde você quer instalar sua empresa?
Onde há pessoas especializadas para exercer funções em sua empresa?
Onde há escolas, do primário à universidade, com ênfase na qualidade?
Onde há infra-estrutura de grandes cidades, mas com qualidade de vida de cidade do interior?
Onde há empresas que tem sucesso reconhecido nacional e internacionalmente?
Onde há muito mais que tudo isso e você pode contribuir para que haja muito mais.
Cidade de Franca".

(Revista Ciudad de Franca, 1998)

CAPÍTULO I - A imagem de Franca como a Cidade do Calçado

A cidade de Franca é conhecida como a "Cidade do Calçado". Esta imagem foi sendo construída ao longo dos anos por seus vários agentes sociais: Prefeitura Municipal, Sindicato da Indústria e Comércio e pelos próprios meios de comunicação. Essa imagem tem também uma grande representatividade nas visões dos trabalhadores da indústria calçadista, porque, por formas variadas, elas expressam as trajetórias de muitos que encontraram na atividade industrial seus meios de sobrevivência.

Desde o início dos anos quarenta, quando começaram a aparecer algumas fábricas de calçados na cidade de Franca, esta ainda era como a maioria dos municípios interioranos do país. A infra-estrutura era precária, comparado com a situação vivida pelos moradores no ano 2000, e muitas ruas ainda eram de terra, sem asfalto ou paralelepípedos.

O Sr. Nelson Fanan, que começou a trabalhar nos anos de 1940, com 14 anos de idade, como ajudante farmacêutico, ingressando na indústria calçadista logo depois, nos conta um pouco como era viver nesta cidade, enfrentando a falta de estrutura, por exemplo, de asfalto e iluminação pública, para trabalhar:

> "*... fui pro Ateneu (*Colégio Francano*). Mas como era muito difícil pra mim, aqui num tinha nem asfalto, nem ônibus, nem luz. Eu era menino pra ir daqui lá a noite. Porque de dia eu num ficava em casa, trabalhava, né? E num tinha como, aí eu deixei também. E como era antigamente eles dava mais valor em profissão. Eles falava assim: "Você tem que ter uma profissão".*[17]

As dificuldades relatadas talvez não fossem tão evidentes no período. O olhar do hoje é que faz o Sr. Nelson ver a falta de algumas comodidades como dificuldades. A cultura local, que prezava mais a valorização da profissão, do trabalho, que a educação escolar, parece ter tido uma influência maior na decisão de abandonar a escola. Esta ficava em segundo plano e não era o único caminho para se ter uma profissão e um emprego que lhe garantisse um salário. Qualquer trabalho

[17] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

praticamente era considerado uma profissão, e a profissão era uma realização pessoal.

O Sr. Nelson trabalhou dois anos em uma farmácia para aprender a profissão de farmacêutico, porém, achava o serviço cansativo para um garoto de quatorze anos. Não se sentia apegado ao trabalho e gostava muito de passear. Gostava dos fins-de-semana e, quando narra seus passeios, conta um pouco sobre o que era a cidade em sua forma de vê-la, ou seja, mostra um pouco daquilo que mais lhe chamava a atenção. Ele nos fala de um cotidiano construído na mistura de elementos urbanos com elementos rurais:

> *"Trabalhava até nove horas da noite. Num tinha o domingo, num tinha o sábado, num tinha o Natal. E eu era menino né? Queria ter uma folguinha pra ir no cinema, gostava muito de ler, dar uma saidinha, vamos dizer, comer fruto no cerrado, andar, dar uma pescadinha, né?"*[18]

No início da década de 1940, quando alguns dos entrevistados começaram a trabalhar na indústria calçadista, a cidade de Franca tinha 29.638 habitantes. Em 2005, a cidade possui aproximadamente 315.000 habitantes[19]. Houve um crescimento bem significativo, que pode ter sido influenciado pelo crescimento do setor calçadista e pelas políticas de ampliação de postos de trabalho neste setor.

O número menor de habitantes, no início dos anos de 1940, também influenciava nas relações de trabalho. As pessoas se conheciam melhor e abriam mão de formalidades, como contratos e carteira de trabalho, por exemplo. Essa era exigida quando a pessoa já estivesse apta para a profissão, ou seja, depois de passar pela fase de aprendiz:

> *"E trabalhei também sem registro. Na farmácia sem registro, ali sem registro* (referindo-se a primeira fábrica de calçados em que trabalhou). *Um ano e meio, na farmácia dois, ali dois também, com a intenção de aprender. Comecei a aprender".* [20]

[18] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[19] Informações cedidas pelo Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Franca, 2005.
[20] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

Até o início dos anos de 1980, a maioria das fábricas concentrava-se no centro da cidade, onde a circulação de pessoas era maior. No centro a cidade se desenvolvia e era onde ficava também a maior parte do comércio, cinemas e salões de festas. As pessoas trabalhavam, compravam, vendiam e se divertiam no centro da cidade.

D. Maria Sônia nasceu e sempre residiu em Franca, onde trabalhou com calçados em diversas fábricas e também costurando em casa, desde os anos setenta. Trabalhou em vários locais vivenciando o crescimento e as transformações da cidade. Ao longo de sua entrevista, ela narra como foram ocorrendo essas transformações e o que elas significaram.

O centro tinha um sentido maior para ela, já que foi ali o lugar onde trabalhou por vários anos. A circulação de pessoas conferia a ele o título de lugar mais importante da cidade:

> *"É mais ou menos no centro, tudo no centro ali. Na rua do Comércio, tinha as pessoas na rua... não, as pessoas na rua do Comércio e o coisa* (se referindo a Palermo, fábrica em que trabalhou) *na rua do Frei...Era movimentado né? Não tinha muita diferença de hoje não."*[21]

Na década de 1970, o número de habitantes da cidade já apresentava um crescimento, com 93.638 habitantes. Mesmo com o alargamento do espaço urbano, a concentração de pessoas no centro continuou bem significativa. As modificações por que o centro da cidade foi passando ao longo dos anos, como o aumento do número de lojas, a ampliação da praça central (Praça da Nossa Senhora da Conceição), que hoje fica localizada entre dois dos principais "calçadões" comerciais da cidade, parecem confirmar a importância deste espaço para os moradores.

A praça era e é um local de lazer, tanto durante o dia quanto a noite O domingo, principalmente, é o dia em que as pessoas saem da missa e ficam na praça para tomar sorvetes ou ouvir a música tocada no coreto. Na década de 1970 era importante ir à praça para passear e se divertir:

> *"Eh, nóis dava ali na praça, ali de fora, volta ali na praça. Eles punha música no coreto né? Ali nóis ficava dano volta. Os moços ficava de volta e nóis ficava dano volta ali. Nóis punha salto fininho, olhava pro paralelepípedo, vixe! Nóis não cansava de mandar consertar o salto do sapato, quando num rancava. Aquela época era boa demais!"*[22]

[21] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[22] Idem.

Na foto abaixo, temos a vista da Praça Nossa Senhora da Conceição, que fica em frente a Igreja Matriz, no centro da cidade, aproximadamente na década de 1930.

Fig.1: Praça da Nossa Senhora da Conceição. Foto do Museu da Imagem e do Som "Bonaventura Cariolato", da Prefeitura Municipal de Franca, s.d.

Na foto seguinte temos a imagem da Praça Nossa Senhora da Conceição no início dos anos de 1980. Comparando com a imagem anterior pode-se notar as transformações pelas quais a Praça passou ao longo dos anos, principalmente na sua estrutura e também nas modificações ao seu redor, como a presença de novos prédios.

Fig.2: Praça Nossa Senhora da Conceição no início dos anos de 1980. Foto do Museu da Imagem e do Som "Bonaventura Cariolato" da Prefeitura Municipal de Franca, s.d.

Na foto abaixo, datada do final dos anos 1990, notamos outras transformações pelas quais a Praça Nossa Senhora da Conceição passou em menos de dez anos, refletindo o próprio desenvolvimento da cidade e a imagem que hoje ela demonstra: uma praça central ampla, onde o comércio praticamente está à sua volta. Ao lado direito, está a Praça Barão, que liga a Praça Central à Rua do Comércio, hoje transformada em calçadão.

Fig. 3: Foto aérea da Praça Nossa Senhora da Conceição. *Revista Cidade de Franca*, editada pela prefeitura Municipal de Franca em 1998.

Vemos na foto seguinte a praça da Nossa Senhora da Conceição em 2005. Ao fundo, temos a Igreja Matriz. A Praça continua sendo muito freqüentada pelas pessoas, e, conforme o tempo passa, vai sofrendo reformas e modificações, pois ao seu redor está a principal parte do comércio local, um dos importantes pilares de sustentação econômica da cidade de Franca.

Fig. 4: Praça Central Nossa Senhora da Conceição. Acervo Ana Paula Crico, 2005.

Podemos perceber no centro mudanças muito significativas, pois além de uma maior concentração do comércio, temos também uma concentração de bancos, vendedores ambulantes, etc. Mas apesar dessa mudança, a praça ainda é um local de lazer, onde é possível ver as pessoas sentadas nos bancos, conversando, crianças brincando, principalmente nos domingos após a missa na Igreja Matriz.

Mesmo com todas essas modificações, para muitos trabalhadores a década de 1970 ainda traz grandes recordações. Além do passeio na Praça, a diversão acontecia também nas quermesses, nas brincadeiras, nos bailes:

> *"Nossa nóis ia nessas quermesses aí, oh! Que era quermesse agora é bagunça....Ah, a quermesse era boa, dez horas a gente tinha que vim embora da quermesse, né. Tinha gente que tomava ônibus, nóis ia daqui na Santa Rita (igreja onde ocorria a quermesse) na quermesse lá. Era uma*

> *delícia. Passava no lugar que nem tinha casa, dez e meia no máximo tinha que tá em casa, porque meu pai, Nossa Senhora".*[23]

Para D. Maria Sônia, o divertido não era apenas a quermesse em si, mas a ida e a vinda, onde caminhava com os amigos conversando, brincando e, mesmo tendo horário para chegar em casa, valia a pena. Não importava a distância percorrida, pois a diversão estava no todo, coisa que, para ela, hoje não existe mais. Hoje as pessoas não saem mais juntas, não caminham juntas, não conversam como antes. Hoje, não há mais horários para se chegar em casa, e a finalidade de se ir na quermesse passou a ser outra, o que ela interpreta como "bagunça".

Naquela época, década de 1970, também eram raros os bailes, então as "brincadeiras" aconteciam em casa mesmo. As brincadeiras eram como bailes, mas feitas em algum ambiente doméstico, com menos pessoas. Eram só os amigos que as freqüentavam e não se pagava para entrar. As brincadeiras tinham hora certa para começar e para terminar, e o som ficava por conta do dono da casa onde as festas aconteciam:

> *" As brincadeiras era em casa, dançava era em casa....Tinha muito lugar pra você ir, igual, nóis ia em brincadeira de casa em casa. Ia na praça, cinema, cinema nóis ia. Nóis ia no Domingo, no meio da semana, viche."*[24]

O cinema, ao qual D. Maria Sônia se refere na década de 1970, é o Cine Avenida, que hoje não existe mais. Ele ficava bem em frente a Praça Nossa Senhora da Conceição.

Outra forma de diversão eram os bailes dedicados aos trabalhadores da fábrica de calçados, como, por exemplo, o Baile do Sapateiro, em um salão no centro da cidade, que ocorria no dia primeiro de maio, data em que se comemora o Dia do Trabalho. D. Maria Sônia, quando lembra as festas específicas para os sapateiros, nos conta como era o baile e do que ela mais gostava:

> *"Tinha. Dia 1º de maio tinha. Tinha o Baile do Sapateiro. Nossa, a gente ficava esperando esse baile. Os bailes era uma delícia, aquilo enchia. Um frio que Deus dava, mas era tão bão."*[25]

---

[23] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[24] Idem.
[25] Idem.

A cidade de Franca está localizada a uma altitude de 1.040 metros, colaborando para que em alguns meses do ano as temperaturas sejam inferiores às médias das cidades da região. Mesmo nessa época as pessoas esperavam pelo baile e se animavam em sair e se divertir:

> *"Ah, começava as oito horas, daí lá até as quatro horas, ia até as quatro horas. Quem quisesse fica, ficava, quem quisesse ia embora. Ih, não, nóis trabalhava de sábado até as quatro. Ficava até as quatro, todo dia até as quatro, menos sábado, voltava pra trabalhar."*[26]

Mesmo tendo trabalhado a semana inteira, inclusive aos sábados, todos se animavam para ir ao baile. Ela se lembra do frio e da labuta na fábrica, porém era importante comparecer ao baile, que até hoje lhe traz ótimas lembranças. A festa era dedicada aos sapateiros, mas qualquer pessoa podia ir e a entrada era franca. Hoje o Baile do Sapateiro ainda é realizado, mas como promoção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados de Franca, e a entrada é grátis apenas para os associados. Além de tudo ele não acontece mais no dia primeiro de maio. No ano de 2004, por exemplo, foi realizado no dia 22 de outubro.

Até o final da década de 1970 a fábrica tinha um ambiente "familiar", onde se desenvolvia uma grande amizade entre os trabalhadores, e até mesmo namoros e casamentos. Era um dos principais locais de encontro e era onde as pessoas passavam a maior parte do seu tempo, pois trabalhavam oito horas diárias e ainda faziam serões, de três horas, estendendo sua jornada de trabalho para onze horas diárias praticamente. Na fábrica, os trabalhadores se relacionavam, se conheciam, faziam amizades. D. Maria Sônia afirma que muitos casamentos de suas amigas, e inclusive o seu, foram frutos do relacionamento onde trabalhavam:

> *"Cê saia na porta da fábrica, parecia festa, os moços esperava as namoradas, sabe? Esperava as noivas na porta da fábrica. Cada um esperava seu namorado, seu noivo ou marido, que legal, cê vê que legal que era?"*.[27]

O serão, que hoje está praticamente proibido pela Prefeitura Municipal de Franca, também era um importante horário de encontro entre os namorados e noivos trabalhadores da indústria calçadista. Nessa época, os jovens casais não namoravam

[26] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[27] Idem.

durante a semana no local onde trabalhavam, pois seus pais os impediam de se encontrarem entre segunda e sexta-feira, e os serões eram vistos como oportunidades para isso, portanto momentos esperados, mesmo que significassem aumento da jornada de trabalho:

> *"era bão, que nem, quem namorava de segunda a sexta, no domingo já combinava, quarta-feira tem serão, era quarta e sexta".*[28]

Para o Sr. Nelson Fanan, as relações de amizade na fábrica foram fundamentais. Mesmo que o ambiente físico de uma determinada fábrica não fosse agradável, a amizade compensava tudo:

> *"Só que assim em compensação a amizade, o coleguismo era bom demais. Você podia sair de uma seção e ir na outra, conversar. Você levava uma fruta, um lanche, cê ia lá e dividia, eles trazia pro cê. Era assim. Hoje não, hoje é muito diferente, é difícil mesmo você fazer amizade dentro da fábrica. Antigamente não, cê fazia e era companheiro, né? Então cê folgava no Sábado e Domingo, Segunda-feira cê ficava doidinho pra chegar na fábrica, no serviço e encontrar aquele pessoal".* [29]

Com a criação do Distrito Industrial de Franca, em agosto de 1984, pelo DINFRA (Departamento da Indústria de Franca), praticamente quase todas as fábricas situadas no centro da cidade se mudaram, acarretando transformações nas várias maneiras de viver e nos costumes dos trabalhadores.

O Distrito possui atualmente 220 empresas, atuando em vários setores de produção. As primeiras a se instalarem no Distrito foram os curtumes, incentivadas por questões ambientais e políticas municipais de organização para atrair mais investimentos, já que o objetivo da Prefeitura e dos empresários era o de propiciar um pólo ativo e especializado na produção de calçados, visto que a década de 1980 passava claramente por uma expansão expressiva no número de exportações do produto. Os curtumes inicialmente se localizavam no centro, sem nenhuma política ambiental de tratamento de água. O cheiro exalado pelo curtimento do couro era forte e provocava problemas de saúde.

O Distrito Industrial foi projetado inicialmente para a retirada dos curtumes do centro da cidade, e devido a isto tais empresas foram as primeiras a lá se instalar. A área foi subdividida em três partes: a parte dos curtumes, a parte das fábricas de

[28] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[29] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

calçados, e a parte restante disponibilizada para empresas das mais diversas atividades.

Esta divisão facilitou a questão ambiental defendida pela Prefeitura Municipal. O lugar onde foram instalados os curtumes possui uma estação de tratamento de água especializada, que diminui o cheiro prejudicial à saúde e promove o reaproveitamento da água tratada. Na figura podemos ver as áreas de concentração de curtumes, fábricas de calçados e outras empresas de diversas atividades.

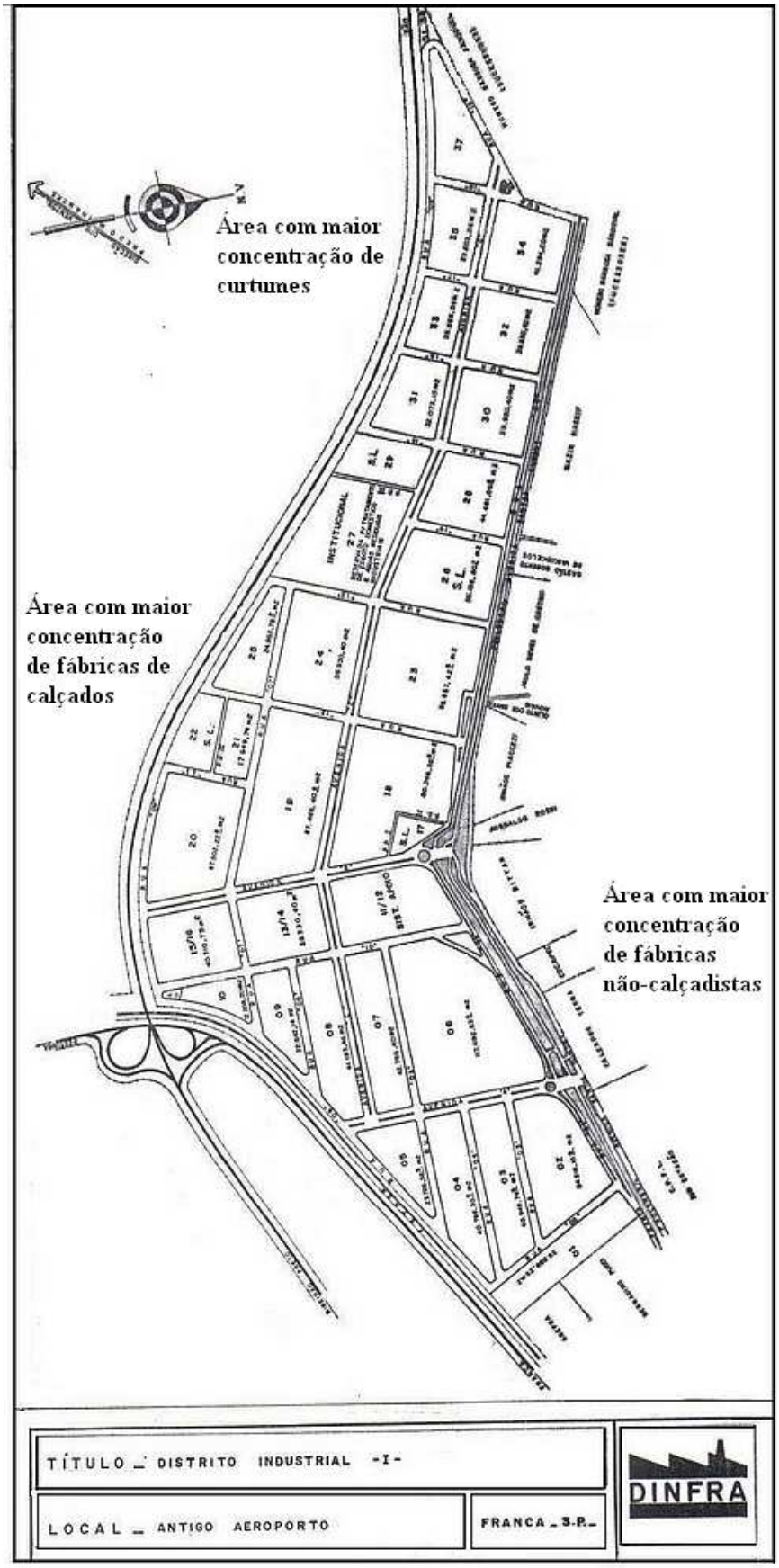

Fig. 5: Mapa do Distrito Industrial. Acervo do DINFRA (Departamento da Indústria de Franca).

As fábricas de calçados ficam próximas aos curtumes, que são seus fornecedores diretos de matéria prima, porém muitas são proprietárias de seus próprios curtumes. No setor onde ficam as outras empresas, cujo ramo de atividade se distingue da do setor calçadista, encontram-se empresas de retifica, construção civil, fertilizantes, fibras de vidro, torrefação de café, esquadrias metálicas, cartonagem, concreto, material elétrico e outros.

A localização do Distrito Industrial foi feita, após várias análises, em terrenos próximos as principais rodovias que margeiam a cidade de Franca, facilitando o escoamento dos produtos. O Distrito possui atualmente todos os seus lotes vendidos, com cerca de aproximadamente 90% de área construída.

Devido à dimensão e o custo dos lotes disponíveis no início do loteamento, houve uma grande procura por parte das empresas de maior porte. As pequenas empresas, impedidas financeiramente de adquirirem terrenos no Distrito, espalharam-se pelos bairros francanos, onde até hoje atuam. Duas exceções se fazem neste cenário: a Samello e a Amazonas, duas fábricas de grande porte que, por já possuírem suas fábricas dispostas em outros locais, preferiram não se instalar no Distrito Industrial.

Fig. 6. Foto aérea de parte do Distrito Industrial. Revista *Ciudad de Franca*, editada pela Prefeitura Municipal de Franca, editada em 1998.

A transferência das fábricas, parte para os bairros da cidade e parte para o Distrito Industrial, trouxe mudanças na vida dos trabalhadores, já que estes, que antes iam ao trabalho principalmente à pé ou de bicicleta, agora necessitam do transporte público para chegarem às fábricas. Antes da década de 1980 comiam em casa, no retiro de seus lares; agora, devido às longas distâncias a percorrer, levam a própria comida para o trabalho e passam menos tempo com seus familiares.

Quando D. Maria Sônia trabalhava na fábrica Palermo, e a maioria delas localizava-se no centro da cidade, havia a opção de "pegar" um ônibus para o trabalho, porém as linhas do transporte público urbano ainda eram precárias. Para D. Maria Sônia, a ida a pé para o trabalho tinha um significado diferente:

> *"Ah, tinha gente que morava longe... tinha que tomar ônibus. Tinha gente que tinha que tomar ônibus. Ih, num era difícil, a pessoa que num tomava ônibus ia na sola mesmo. Porque naquela época tinha pouco ônibus, né? O povo andava a pé mesmo".*[30]

Como o Distrito fica localizado praticamente fora da cidade, com poucos domicílios próximos, pegar ônibus se tornou quase que obrigatório. Algumas fábricas oferecem transporte próprio, mas a maioria não.

João Paulo, com vinte anos de idade, trabalha na Ferracini há cinco anos e meio, e fala dessa trajetória diária e como hoje estão estabelecidas essas relações sociais, já que, devido ao tamanho da fábrica, gerou-se um quadro de empregados bem diverso, provindos de várias regiões e cidades[31], o que limitou o relacionamento entre estes funcionários apenas ao ambiente fabril:

> *"É uma fábrica grande, num é pequena. Tem funcionários, assim, daqui de Franca, tem funcionário de Ribeirão Corrente, Patrocínio Paulista, tem das cidades da região".*[32]

Márcia, que tem 21 anos de idade, e é filha de D. Maria Sônia, trabalha em fábrica há quatro anos. Diferentemente de sua mãe, vê a ida ao trabalho como mais uma dificuldade a ser enfrentada. O crescimento urbano traz para muitos o aumento

[30] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2005.
[31] Principalmente dos municípios mais próximos, como, por exemplo: Restinga, Rifaina, Cristais Paulista, Pedregulho e outros.
[32] João Paulo da Silva. Entrevista realizada em 19/01/2004.

das distâncias entre o trabalho e a moradia e, para aqueles que não contam com o transporte da empresa, os obstáculos a serem enfrentados são muitos:

> *"Quando eu trabalhei no Samello, eles fechou a fábrica que eu trabalhava, mudou pra outra cidade, não tinha condições de mandar a gente pra outra cidade. Aí dispensou. Agora na Carmem Steffens, eu pedi pra sair, porque tava ficando muito longe, cansativo, né? Pra ir de ônibus, você tem que pegar dois ônibus, ou... eu ia de bicicleta. Aí eu tinha mudado pra cá (referindo-se a sua casa atual), ficava mais longe ainda. Tinha que levar comida. Eu falei: "Ah, vou ver se eu arrumo serviço mais perto, pra lá é muito longe". É lá no fim do Distrito, é muito longe, não tinha ônibus, assim... ônibus da firma. Fica mais complicado".*[33]

A distância da fábrica acaba se tornando um elemento considerável na busca de um emprego. Além da falta da comodidade de se acordar mais cedo, de levar comida de casa para o trabalho etc., o custo envolvido na locomoção entre o local onde se reside até o ambiente onde se trabalha acarreta um gasto extra ao trabalhador, que se vê desmotivado em desembolsar parte importante do seu salário em transporte, seja ele público ou o privado. Márcia comenta a sua mudança de emprego e o que melhorou quando passou a trabalhar próximo à sua casa:

> *"Assim... é mais perto, você já economiza ônibus, comida e tudo. Já ajuda. Nessas firmas mais longe já complica muito o transporte... Tem empresa que da* (o transporte), *né? Lá onde eu trabalhava num dava não".*[34]

Algumas fábricas têm ônibus próprio ou fornecem vale transporte, mas isto não é uma regra, portanto o trabalhador acaba optando por fábricas que ofereçam tais benefícios. Aqueles que não têm essa oportunidade são obrigados a custear diariamente o seu transporte até o local de trabalho.

As mudanças nas relações dos trabalhadores com a cidade ao longo dos anos acontecem em formas contraditórias. Se o crescimento urbano vem seguido de transformações no aspecto físico, muitas vezes positivas, como no embelezamento da Praça, no asfaltamento das ruas, na abertura de novos empregos com a expansão industrial, ele também significa mudanças na convivência entre as pessoas, nos relacionamentos entre colegas, em novas dificuldades de locomoção, entre outros, que, para muitos, têm sentido de perda. Esses elementos não contam na publicidade que visa construir a imagem da cidade associada ao progresso.

---

[33] Márcia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2005.
[34] Idem.

A Prefeitura Municipal de Franca, principalmente nos anos de 1990, preocupou-se em "fortalecer" a imagem de Franca como a "Capital do Calçado". Para tanto, várias políticas municipais foram sendo implantadas. Uma delas foi na área de publicidade com a revista *Ciudad de Franca*, em 1998, um projeto coordenado pelo vice-prefeito Cassiano Pimentel. Esta revista foi publicada em língua espanhola para fortalecer a entrada e a propaganda da cidade no Mercosul. Nela, a Prefeitura procura mostrar todas as vantagens de se investir na cidade de Franca, intitulada também como a "Cidade do Progresso".

A revista se empenha em divulgar uma imagem positiva da cidade em todas as áreas como, saúde, lazer, educação, transporte, alimentação, assistência social, universidades, infra-estrutura e outras áreas econômicas (café, produção de leite e extração e lapidação de diamantes)[35].

Encontramos na revista a frase: "Franca, a cidade que calça o mundo"[36], revelando a "necessidade" do uso da propaganda como um meio para expandir o mercado externo. Através da figura 7 podemos perceber como essa imagem foi explorada, pois além da idéia de "cidade do progresso", também foi utilizada a localização geográfica de Franca como sendo uma cidade estrategicamente situada entre os principais pólos comerciais do país.

[35] Franca é considerada um pólo diamantífero. O governo municipal incentiva esta atividade, considerada uma das bases de sustentação da economia local, assim como o café e a indústria calçadista. O comércio de pedras preciosas conta com laboratórios de certificação de diamantes, o que lhe dá credibilidade internacional.

[36] Revista *Ciudad de Franca*, publicada pela Prefeitura Municipal de Franca, 1998, Franca-SP, p. 48.

Fig. 7: Mapa da localização de Franca no Estado de São Paulo. Revista *Ciudad de Franca*, editada pela Prefeitura Municipal de Franca, 1998, p. 06.

Em 1998, foram exportados 3.600.075 pares de calçados, segunda maior queda de vendas desde que se iniciaram as exportações. Já, no mesmo ano, o mercado interno registrou o maior índice de vendas (87% ou 25,4 milhões de pares). Neste mesmo ano também foi registrado o menor número de trabalhadores empregados na indústria calçadista desde 1984 (15.360 funcionários[37]). A queda nas exportações é que levou a Prefeitura e o empresariado local a investir em divulgação do produto industrial para os mercados sul-americanos.

Outra forma de divulgação da "Capital do Calçado" foi a criação do Shopping do Calçado de Franca. Criado em 1997 possui 76 lojas especializadas no comércio de calçados no varejo e atacado. A maioria dessas lojas pertence às fábricas de calçados da cidade, servindo tanto de publicidade para as empresas, quanto de revendedoras dos produtos destas. O shopping possui um amplo estacionamento para automóveis, ônibus, microônibus e vans, visando abranger o máximo de clientela possível.[38] O

[37] Dados fornecidos pelo Sindicato da Indústria de Calçados de Franca.
[38] Dados do site: www.shoppingdocalcado.com.br .Acesso em 03/08/2005.

governo municipal e os empresários empenham-se em divulgá-lo como “o maior shopping de calçados da América Latina”.

Os meios de comunicação, como os jornais e as rádios, também influenciam na propaganda do município, forjando ainda mais o título de “Cidade do Calçado” ou “Cidade do Progresso”.

Mas, para alguns trabalhadores, a cidade pode ser vista de outra maneira, principalmente para aqueles que não são naturais de Franca e a escolheram como domicílio por causa do trabalho e das oportunidades oferecidas.

O Sr. Paulo Vergueiro não é natural da cidade de Franca. Tinha alguns parentes que trabalhavam na indústria calçadista, o que o levou a procurar trabalho na cidade como um meio de ganhar a vida. Ingressou no Calçados Amazonas na década de 1970 e hoje está aposentado pela indústria de calçados. Sua esposa, D. Isabel Vergueiro, o acompanhou em Franca. Ela também trabalhou na indústria calçadista, como pespontadeira em fábricas e em bancas de pesponto. Atualmente, os dois não trabalham mais diretamente na indústria calçadista, mas nos contam suas expectativas e decepções em relação à “Cidade do Progresso”, “Capital do Calçado”, que se acentua na comparação com hoje:

> *“Quando a gente veio pra Franca, a gente trabalhava na roça. Veio trabalhar no Amazonas. Foi o primeiro, porque era o mais... porque você num sabe fazer nada de sapato, vamos pro Amazonas. Trabalhou, acho que três anos, acho que trabalhei no Amazonas. Aí depois, ah! Franca tem muito sapato, na época lá tinha serviço né. Você não precisa se preocupar, se você trabalhasse normalmente você tava empregado por muitos, porque naquela época era mais difícil ter empregado do que ter um serviço. Porque o empregado, o serviço tinha demais, você passava na porta assim, tinha um empregado que sabia trabalhar, num tinha empregado naquela época.”* [39]

D. Isabel, que nasceu no campo, nunca se acostumou com a cidade, e não gosta da cidade em si, do progresso, do asfalto. Ela prefere a vida do campo, o sossego, estar mais próxima à natureza. D. Isabel foi para Franca por causa do marido e em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Acabou ingressando na indústria calçadista, onde trabalhou por muitos anos, mas mesmo assim não se acostumou. Traz sempre o campo em suas lembranças e a esperança de um dia voltar a morar nele:

[39] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

> *"Eu nunca gostei daqui pra te falar a verdade. Num sei porque. Fui nascida e criada na roça, né? Agora eu num sei. Quando eu vinha passear aqui, ai, eu achava aqui tão ruim. O Paulo falava: "Ah, eu vou ter que morar em Franca. Ah mais vai ter que morar lá, porque eu num vou sair de lá não."Ah, mas eu num vou acostumar e num acostumei até hoje... Nossa, eu to doidinha pra ir pra roça. Eu vivo infernizando a vida dele pra ir pra roça".*[40]

As avaliações de D.Isabel, que podem também ser de outros moradores, indicam-nos que a imagem do progresso é interpretada e vivida de formas diferenciadas pelas pessoas.

Em 1984, registrou-se na indústria calçadista um maior número de trabalhadores, 34.509, e um dos maiores números de pares produzidos, 32 milhões. Nessa época o fluxo de trabalhadores na cidade se expandia cada vez mais, chegando a atingir alguns municípios vizinhos, como Cristais Paulista, Restinga, Pedregulho, etc. O número de habitantes no início dos anos de 1980 era de 148.990 habitantes. Já, em 1993, o número era de 247.331 habitantes[41], um crescimento de quase cem mil habitantes num período de dez anos. Esse crescimento trouxe várias expectativas em relação ao mercado de trabalho e ao poder aquisitivo, que nem sempre se concretizaram:

> *"... antigamente tinha um monte de serviço, eles até pagava a gente. Eu mesmo consegui dez reais um dia pra levar uma pespontadeira lá pra fazer o teste. Só pra fazer o teste. Eles pagava a gente pra arrumar pessoa pra trabalhar na fábrica. E hoje não. Hoje ta muito difícil. Ta tendo pouco emprego."* [42]

Da década de 1990 a 2005, o crescimento populacional foi de aproximadamente cinqüenta mil habitantes, talvez em conseqüência de uma leve queda no setor calçadista, que é sentido por todos os trabalhadores:

> *"Hoje tem muita gente pra trabalhar e num tem praticamente serviço. Hoje a pessoa sai, aí cê vê muita gente procurando serviço e não tem. Não tem trabalho. Você vê aí na Franca, fábrica fechada, fábrica que há um ano ou mais, cerca de dez anos atrás produzia dois mil, três mil pares de sapato, hoje ela tá fechada, ela tá destruída".*[43]

> *"Hoje tá muito difícil. Tá tendo pouco emprego. Chega final de ano, fez o que fez. Aí eles manda embora. Faz serão a semana inteira pra chegar*

[40] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[41] Informações cedidas pelo Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Franca, 2005.
[42] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[43] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

> *o Natal, né? Aí chega janeiro, fevereiro fica esse paradão num tem serviço."*[44]

Podemos observar essa variação do crescimento demográfico de Franca de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1: Crescimento demográfico em Franca de 1940 - 2000

Ano	número de habitantes
1940	29.638
1950	36.176
1960	56.987
1970	93.638
1980	148.990
1991	233.098
1993	247.331
1996	267.235
1997	275.747
1998	282.953
1999	290.139
2000	287.400

Fonte: Acervo Arquivo Histórico Muncipal de Franca.

O setor calçadista diminuiu muito entre os anos de 1980 a 2000, frustrando muitas expectativas dos trabalhadores, que passaram a ter menos opções de trabalho. Passaram a ganhar menos e a sofrer com as políticas de rotatividade, com o medo do desemprego. Medo este, de chegarem ao fim do ano sem saberem se estarão ou não empregados.

Apesar de a cidade não depender exclusivamente do calçado, este ainda é o setor econômico predominante e um dos que mais interfere na vida das pessoas. Não só na vida das pessoas que trabalham diretamente na indústria de calçados, mas, enfim, na vida de todos os cidadãos francanos. Mesmo que indiretamente relacionada aos outros setores, qualquer variação na indústria calçadista, por menor que seja, surti efeitos consideráveis na cidade de Franca, principalmente no comércio, muitas vezes causando um verdadeiro "efeito dominó". Como nos diz Paulo Vergueiro, "hoje tá muito difícil".

Nas transformações ocorridas no espaço urbano e no cotidiano das pessoas inserem-se as que foram introduzidas no ambiente de trabalho. Foram paulatinamente sendo adotados vários processos de reestruturação produtiva, com

[44] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

novas formas organizacionais, aquisição de novos maquinários e terceirização de partes do setor produtivo. Os significados dessas mudanças para os trabalhadores serão analisados no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

OS TRABALHADORES E A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO SETOR CALÇADISTA EM FRANCA

"Antigamente dava mais trabalho, era mais difícil, porque cê tinha que fazer tudo manual. Hoje tá mais prático, embora talvez trabalha muito também, porque naquela época não tinha esteira... Hoje é na esteira, se é fácil, se é difícil, você tem o mesmo tempo pra fazer aquele serviço".

(Paulo Vergueira, 2005)

CAPÍTULO II - Os trabalhadores e a reestruturação produtiva do setor calçadista em Franca

Até os anos de 1960 a indústria calçadista não sofreu muitas transformações e servia mais ao mercado interno brasileiro que, com o aumento da população, cresceu consideravelmente. Já a partir dos anos de 1970, a produção começou a voltar-se para o mercado internacional, intensificando-se nas décadas seguintes.

De acordo com a tese de doutorado de Vera Lúcia Navarro[45], nos anos de 1950 houve um estímulo, por parte do governo, para o crescimento industrial. Com o aumento da industrialização também houve um aumento do contingente de trabalhadores assalariados e do seu poder aquisitivo, por conseqüência aumentando a aquisição dos chamados bens de consumo.

O setor calçadista de Franca, a partir da década de 1950, começou a investir em maquinários e na incrementação das suas mercadorias, elevando sua produção, chegando a representar 48,7% da produção do município[46]. Esse aumento do setor elevou também o número de trabalhadores na indústria de calçados, favorecendo pequenas empresas que passaram a suprir esse mercado em ascensão, a partir da década de 1980, já que as grandes empresas voltavam-se para o mercado externo. Navarro constata em seu estudo que:

> *"Paralelamente à ampliação de algumas indústrias calçadistas e à constituição de grupos empresariais em Franca (voltados para o mercado externo), cresceu o número de pequenas e médias unidades produtivas no município, dedicadas à produção de calçados direcionados exclusivamente ao mercado interno".*[47]

Esse crescimento do setor calçadista e as oportunidades criadas para as pequenas empresas são ressaltadas pelos trabalhadores. Valdivino, 24 anos, que trabalha no setor calçadista desde os 12 anos; em entrevista realizada em julho de

[45] NAVARRO, Vera Lúcia. *A produção de calçados de couro em Franca (SP)*: a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho, Tese de Doutoramento apresentada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.
[46] Idem.
[47] Idem.

2004, nos conta um pouco como as pequenas fábricas aproveitaram o mercado interno em ascensão, conseqüência das exportações pelas grandes empresas.

> *"É, a exportação ficou forte aqui no Brasil pra nós, voltou a melhorar bastante, o nosso forte é no mercado interno né, o nosso aqui, mas a exportação trouxe muito serviço pras fábricas grandes, que as fábricas pequenas começou a ter mais serviço, porque as exportação os grande comeu e os pequeno ficou com o mercado interno, então por isso eu acho que cresceu essa área da... do mercado interno aqui no Brasil, cresceu bastante o serviço aqui, muito mesmo, uns oitenta, noventa por cento."*[48]

Esse aumento do mercado interno e externo elevou também a concorrência entre as empresas calçadistas, conduzindo-as a buscarem novas alternativas na produção de bens e serviços com menores custos e maior qualidade. Uma dessas alternativas foi a "reestruturação produtiva", que pode ser entendida como investimentos em tecnologia e principalmente mudanças na organização administrativa e funcional das indústrias.

Como analisa Vera Lúcia Navarro, uma das características da indústria de calçados de Franca é o emprego intensivo da mão-de-obra, pois, neste ramo de serviço, as fábricas de calçados apresentam baixo nível de concentração de capital, adotando medidas que não fazem uso de tecnologias sofisticadas[49].

Em Franca a reestruturação produtiva se deu em vários aspectos, principalmente na organização gerencial, tecnológica e na terceirização de partes do setor produtivo.

Até a década de 1970 as empresas francanas tinham, em sua maioria, uma organização gerencial baseada na forma paternalista, ou seja, as empresas agiam como uma grande família onde todos faziam e se sentiam como parte dela, exigindo dos trabalhadores dedicação total. Essa forma paternal pode ser observada através de políticas fabris que realizavam "encontros informais" com os trabalhadores para manterem um contato direto entre o empregado e a gerência, fazendo com que o trabalhador se sentisse realmente um membro dessa "grande" família -a fábrica.

Eram realizados almoços, jantares, bailes, convenções etc. e, na maioria das vezes, essas reuniões eram marcadas em datas comemorativas como, por exemplo, o Dia do Trabalho. D. Maria Sônia começou a trabalhar com 15 anos de idade, no

[48] Valdivino Rezende. Entrevista realizada em 09/07/2004
[49] NAVARRO, Vera Lúcia. Op. Cit.

início da década de 1970, em fábricas de calçados e ou, às vezes, costurando em casa. Em entrevista realizada em julho de 2004, ela nos conta como essas comemorações eram importantes para os trabalhadores, não só pelo fato de serem uma comemoração do Dia do Trabalho, mas por eles presenciarem aspectos que eram incomuns no seu dia a dia, como por exemplo, quando ela destaca como era o churrasco com almoço e carne de primeira, o que provavelmente não estava presente no seu cotidiano, pois seu salário era o básico para a manutenção da casa:

> *"O que eu lembro... lembro que marcou muito, foi o 1º de maio, né? Tinha um churrasco na firma, nossa era bom demais! Eles não falava churrasco não, falava almoço tinha naquela época, agora é churrasco, né?, carne assada de primeira. Era almoço mesmo, tinha carne assada, tudo, mas tinha o arroz, feijão. Nossa, mas marcou muito E foi setenta e dois, eu sai pra casar, aí depois voltei, meu filho já tava com sete meses. Voltei também mais quatro anos, aí noutra firma, mas era tão bão... eu gostava, vichi..., melhor que ficar dentro de casa.."*[50]

Além das comemorações que aconteciam na fábrica, principalmente no primeiro de maio, Maria Sônia sente saudades desta fábrica como um todo. Na sua fala emerge não só o valor do trabalho, como também as relações construídas no interior da fábrica nos anos 1970. Nesses anos, com o salário de quase todos da família se "conseguia fazer muita coisa".

A forma de tratamento do trabalhador sempre foi muito importante para as empresas, pois, na visão empresarial, quanto mais o trabalhador gosta do que faz e se sente orgulhoso, mais ele se esforça em querer crescer junto com a empresa. O trabalhador sente orgulho pela sua profissão, uma profissão que lhe renda um salário digno e que lhe satisfaz, em seu dia a dia.

No sistema patronal, para se alcançar esse "orgulho" do trabalhador e fazer com que este se sentisse parte da empresa eram realizadas reuniões em ambientes agradáveis, com ar familiar, buscando também que o trabalhador entendesse que é importante e que tem responsabilidades que lhes são delegadas, e que tais responsabilidades eram rigorosamente fiscalizadas, deixando claro seu papel de "parte" importante e integrante da empresa.

---

[50] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.

Nessa época, até meados da década de 1970, os trabalhadores adquiriam, de acordo com o tempo de serviço, estabilidade, ou seja, quanto mais anos de trabalho na mesma fábrica mais estável ele se tornava. Após dez anos de trabalho na mesma fábrica a estabilidade era total, não podendo mais ser demitido. Isso mudaria com a nova política estabelecida no país pós-ditadura militar.

Sr. Nelson Fanan, 73 anos, que começou na indústria calçadista na década de 1940, nos explica essa forma de estabilidade na fábrica. O valor dado a ela parte da comparação entre as relações de trabalho daquela época e as vividas nos anos 2000, quando a estabilidade tornou-se uma preocupação maior do que o próprio salário:

> *"... num era fundo de garantia, era estabilidade. É uma lei antiga, muito boa. Estabilidade é o seguinte: em um ano se te mandassem embora era um salário atual, dois anos, dois salários, quando chegasse dez anos numa firma, num era difícil que eles num mandavam embora, você tinha vinte salários atuais e era na... tinha estabilidade naquela época. Depois da ditadura, mudou tudo".*[51]

Mesmo com a estabilidade e o grande número de empregos na indústria calçadista até a década de 1970, conforme relataram vários trabalhadores entrevistados, percebemos que ainda existia o "medo" do desemprego. Mesmo com as "vantagens" oferecidas pelas fábricas, o mais importante era o emprego.

> *"... o patrão pode ser bão, igual os outros, os outros era melhor, antigamente era melhor, e a vantagem que antigamente cê via..., aumenta o salário dia 1º de maio né, ali sobrava aquele aumento, metade daquele aumento sobrava, agora já vem faltando, o aumento que vem não é verdade? Danado é isso, mas... e outra os empregados tinha medo de ser mandado embora, hoje eles pagam para ser mandado embora, eles dá motivo para ser mandado embora, por causa da mordomia do seguro desemprego, os acerto, tem que acertar tudo..."*[52]

Os anos de 1970 foram parte de um momento vivido no país no qual os trabalhadores se sentiam mais seguros nos seus empregos e eram valorizados pelo ofício e pelo que ele significava em termos salariais. Nos anos 2000 os salários deixaram de corresponder às necessidades do trabalhador. A demissão e o recebimento do seguro desemprego tornaram-se duas das alternativas que estão postas nos dias atuais.

---

[51] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[52] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.

O medo de ser demitido aparece no dia a dia da fábrica, na fiscalização do trabalho, que D. Maria Sônia classifica como rígido e sem liberdade:

> *"...a liberdade, eu acho que gostei mais da liberdade na firma. Antes era mais controlado. A liberdade é boa porque ninguém é escravo."...num era ruim, era mais rígido, né, tinha medo, né, agora hoje o povo num tem medo de nada."*[53]

Os trabalhadores da fase paternalista acabavam entrando num certo conflito entre seus direitos e deveres. O trabalho parecia ser melhor, pois o dinheiro era mais rentável e aparentemente havia emprego abundante na indústria calçadista, embora o controle sobre os trabalhadores fosse maior. O que os diferenciava era a função de cada um. O orgulho de suas tarefas dentro da fábrica parece que compensava todo o resto. Maria Sônia se especializou nessa época, na década de 1970, como pespontadeira e demonstra a sua importância no trabalho coletivo na empresa:

> *"... trabalhei numa fabriqueta que era sapato de mulher, sapato fino, sabe? Falava que era salto quinze que usava, aquele saltão assim. Sapato fino, plataforma. Eu trabalhei de tudo e era tudo manual. E eu era pespontadeira desse sapato, tinha só eu de pespontadeira..."* [54]

Antônio Centeno, que começou a trabalhar em fábricas de calçados desde a década de 1970 e ainda trabalha em fábrica, referindo-se ao seu trabalho em diversas empresas de calçados e em várias etapas da produção, ressalta o seu papel no processo:

> *"... fui aprender, aprendi a frisar, aprendi... peguei de tudo no sapato, mas eu tive vontade..."* [55]

Podemos perceber que a vontade de aprender para ter uma profissão era de suma importância na vida desses trabalhadores, que começaram a trabalhar numa época em que existiam poucos cursos profissionalizantes, as pessoas aprendiam as profissões no próprio trabalho, e a sua força de vontade era o que se destacava.

A produção do calçado, até o aparecimento de máquinas que passaram a compor diretamente a produção, era realizada quase totalmente de forma manual em

---

[53] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[54] Idem.
[55] Antônio Centeno. Entrevista realizada em 14/07/2004.

cima de mesas, e o próprio funcionário era quem regulava a quantidade e o tempo de sua produção, por isso a fiscalização era rígida para que o trabalho fosse produzido "sem erros" e o mais rapidamente possível. Como o couro é a principal (e mais cara) matéria prima do calçado, e a perda de cortes de couro representa um grande prejuízo para a empresa, o trabalhador é pressionado a não se equivocar e a manter qualidade e eficiência em seu serviço, sendo fiscalizado não só para ter o melhor aproveitamento do couro, mas também por todo o material de produção, pois a perda de materiais acarretava prejuízos. Sobre o trabalhador, essa preocupação se transformava em fiscalização rígida e controle com efeitos emocionais:

> *"Nossa nóis tinha uma chefe, sai de baixo com ela. Era mulher nossa chefe, se quebrasse uma agulha, nossa senhora. Quantas vezes uma emprestava agulha para a outra, a outra emprestava pra outra, pra num pedir pra ela. Duas agulhas no dia Nossa Senhora da Aparecida, a hora que quebrava a agulha a menina ficava até amarela".*[56]

Apesar do surgimento e evolução do maquinário, a produção do calçado em Franca sempre passou por várias etapas manuais, desde o corte do couro até a montagem do sapato. Apesar das tarefas manuais serem realizadas em "banquinhas"[57] dentro da própria fábrica, muitos trabalhadores levavam calçados para terminar em casa nos finais de semana, fora do horário de trabalho. Em seus domicílios geralmente a família inteira participava do processo de produção do calçado, buscando sempre melhorar o seu padrão de vida:

> *"Conseguia muita coisa trabalhando em fábrica. Conseguia fazer muita coisa, nossa. Principalmente meu cunhado mesmo, só de casa de aluguel, trabalhando em fábrica e em casa também, traz o serviço da fábrica pra casa de noite".*[58]

Na fábrica, até meados da década de 1970, só trabalhavam homens, porém havia mulheres empregadas, cujo serviço, como costurar sapatos, por exemplo, era

[56] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 09/07/2004
[57] As banquinhas eram pequenas mesas que ficavam no interior das fábricas, onde os trabalhadores tinham a sua disposição todas as ferramentas necessárias para realizar a confecção do sapato.
[58] Maria Sônia Marçal. Entrevista realizada em 07/09/2005.

feito em casa. O calçado era distribuído em lotes, onde cada um pegava sua cota que seria feita em casa. O trabalhador era empregado e registrado na fábrica, mas exercia suas tarefas em domicílio e, na maioria dos casos, trabalhava em casa com a máquina fornecida pela própria fábrica. D. Isabel trabalhava em uma máquina fornecida pela empresa. Ela iniciou suas atividades em fábrica no início da década de 1970 e se alterou entre trabalhos dentro da fábrica e trabalhos em bancas, mas quando começou a trabalhar ela realizava esse tipo de serviço:

> *" Fui trabalhar de costurar manual, mocassim, nos Calçados Terra. Era registrado lá, mas eu trazia o serviço e costurava em casa, então toda manhãzinha seis, seis e meia tinha que ta lá, tinha que marcar cartão".* [59]

Em seus lares trabalhavam além do previsto pela legislação trabalhista, que estabelece uma jornada de oito horas, já que não havia horário fixo. Em casa há o envolvimento de toda família, e o trabalho se misturava à sua vida pessoal, nas relações familiares, no relacionamento conjugal, no lazer, etc., pois as cotas deveriam ser cumpridas de qualquer forma. As cotas de sapatos eram dadas pelas empresas, de acordo com a quantidade de sapatos em estoque.

A fábrica, no início dos anos de 1950, era vista como um local sujo e desorganizado para as mulheres, pois em seu interior eram realizadas todas as etapas do sapato manualmente, inclusive o curtimento do couro e do "grude" (massa feita com farinha e limão), que tinham cheiros fortes e quase insuportáveis. O trabalho interno também era considerado muito pesado para ser realizado por mulheres. Portanto, estas ficavam responsáveis pela costura manual ou em máquinas em suas casas. Esta característica viria mudar até a década de 1970, quando o número de mulheres trabalhando na fábrica já era bem significativo.

As mulheres que costuravam em máquinas para as fábricas eram as pespontadeiras, considerada a melhor profissão feminina da época, porque representava uns dos melhores salários da fábrica, abaixo do cortador e do montador, que eram basicamente funções exercidas por homens. As máquinas de pesponto também tinham os seus níveis de conhecimento e davam status dentro da fábrica.

[59] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

> *"O sapato passa por várias máquinas de pesponto, então tem os níveis de pespontador, o mais profissional faz o serviço mais difícil e em casa você tem que fazer o serviço sozinho".*[60]

Nessa mesma época, apesar de a produção do calçado ser manual, feita pelos oficiais de sapateiro, havia, por motivos de acabamento, o auxílio de uma única máquina movida por um motor e uma polia, cujo objetivo era realizar certas etapas do processo como, por exemplo, a prensa[61] e o polimento. Na fala do Sr. Nelson, que começou a trabalhar na indústria calçadista em meados da década de 1950 como oficial de sapateiro, podemos visualizar um pouco do trabalho com esse tipo de máquina:

> *"Primeiro não tinha máquina, cada máquina tinha seu motorzinho não. Era um eixo muito grande, eixo mesmo com polia, aqueles correão e um motorzão que tocava o eixo inteiro. Qualquer coisa,... que se queria ligar uma máquina, cê pegava a Corrêa, passava na polia da máquina e tocava aquela máquina".*[62]

Na foto, percebemos como eram estas máquinas. O Sr. Nelson ainda preserva uma dessas máquinas em sua casa, mostrando o quanto a profissão de oficial de sapateiro foi importante na sua realização pessoal e que hoje deixa saudades e recordações. Ele ainda faz alguns pares manualmente e concertos em sua casa.

Fig 8. Foto da polia usada na indústria calçadista nas décadas de quarenta e cinqüenta. Acervo Ana Paula Crico, 2005.

[60] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005
[61] Máquina que prensa o sapato para a colagem do ouro na palmilha.
[62] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

A partir da década de 1990, com o intuito de diminuir os custos e aumentar a velocidade da fabricação, certas partes da produção do calçado, que eram feitas nas bancas dentro da fábrica, passaram a ser quase que exclusivamente feitas fora do ambiente fabril.

A implantação de novas máquinas, que aceleraram a fabricação do calçado, levou a uma nova organização fabril, feita com o uso de esteiras eletrônicas, onde o trabalhador não pode parar e nem organizar seu próprio tempo de serviço, pois a esteira tem seu tempo de rotação programado.

Alguns modelos de sapatos, como o mocassim e a sapatilha, por exemplo, exigem costura manual e ou em máquinas de pesponto, mas apesar disto são sapatos de baixo custo, pois possuem sola de couro e são montados à mão, portanto não passam por todas as etapas dos outros modelos de calçados, que vão seguindo o andamento das esteiras. A banca acaba se caracterizando como uma produção à parte.

O espaço produtivo da fábrica passou a ser "inconveniente" para o trabalho manual, que, em raros casos, podia ser realizado em um outro local específico e reservado dentro da própria fábrica, porém o mais comum era que fosse feito em um outro local, fora dela:

> *"Em banca o serviço é mais difícil, é bem parecido com o de casa. Você tem que fazer tudo... é banca da fábrica, mais num é dentro da fábrica é fora, você pega o serviço na fábrica e leva pra banca".* [63]

D. Isabel ainda conta como é trabalhar na banca dentro da fábrica e a diferença em trabalhar na banca fora da fábrica:

> *"Já trabalhei em banca dentro da fábrica... lá tem menos responsabilidade, tem responsabilidade, mas tem menos porque se você parou com o serviço ali, tem orientação daqui, dali, se ta errado o serviço cê tem o chefe pra te corrigir, né em casa não, cê tem que ta atenta mesmo se não, se errar um pé aí cê vai ter que pagar aquele pé que você estragou, né, num tem como e a pessoa que vem trazer o serviço é empregado e num tem como te orientar, né".*[64]

[63] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005
[64] Idem.

Nas bancas são realizadas (entre outras atividades) o corte do couro, a chanfração, que é o processo de redução das bordas das peças do calçado, facilitando a montagem e colagem do mesmo; a ponteação, a união da entressola e o cabedal do sapato, que pode ser feita através de costura na máquina pespontadeira; e principalmente o pesponto, que é a costura dos cortes de couro para formar o sapato, realizada em máquinas ou manualmente. Os calçados mais comuns produzidos em banca são o mocassim e a sapatilha.

No início, os trabalhadores buscavam pessoalmente o sapato na fábrica e pegavam a quantidade que consideravam possível para costurar. Depois, em algumas fábricas, os serviços passaram a ser realizados nas próprias bancas da fábrica. D. Isabel que viveu as duas fases do trabalho, o trabalho em casa e nas bancas, assinala perdas nessa mudança, com a presença da figura do "banqueiro":

> *"Só que a gente pegava direto da fábrica, na época né? Só que agora num tem isso mais, agora é banqueiro também, os banqueiro vai lá pega o sapato e repassa para as costureiras. Antigamente as costureiras que pegavam, ganhava mais. Hoje não, porque os banqueiros tiram os dele né, eles quer ganhar mais que o funcionário, né? Lógico!"* [65]

Hoje em dia, esses serviços são entregues a terceiros, como donos de bancas, por exemplo, ou simplesmente a uma pessoa que passa o serviço aos trabalhadores e que se responsabiliza pela entrega dos serviços realizados à fábrica contratante. Os trabalhadores envolvidos no processo, além de realizarem o serviço a preços reduzidos, não possuem contrato, registro ou direitos trabalhistas.

As pessoas costuram em casa, sem horário próprio, e muitas vezes sem o mínimo necessário para esses tipos de atividades, como, por exemplo, a ausência de orientação correta sobre o trabalho que estão desempenhando ou a falta de local adequado para que o mesmo seja realizado. É possível ver ainda hoje em Franca homens, e principalmente mulheres, sentados em calçadas ou em varandas costurando sapatos.

As mulheres, além de costurar praticamente o dia todo, ainda tinham que cumprir suas tarefas domésticas, cuidando da casa, do marido, dos filhos. D. Maria Sônia diz que quando não estava trabalhando em fábrica, costurava sapato em casa:

---

[65] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

> *"... fiquei costurando em casa direto, criei tudo, essa aqui (se referindo a filha que estava ao seu lado na hora da entrevista) oh, mamava dum lado e eu costurava daqui. Nossa foi uma luta pra criar esses meninos, mas Graças a Deus deu certo..."* [66]

Essa situação parece não ter mudado muito nos anos de 1990. Talvez até tenha acontecido uma certa precarização das condições de trabalho. Para as mulheres essa soma de tarefas domésticas com tarefas para a fábrica continua sendo uma situação comum do cotidiano. A precarização se acentua com a presença do "intermediário" e com a consequente redução dos salários, ocasionada não só por sua presença como pela concorrência nesse tipo de atividade, realizada hoje tanto por homens como por mulheres.

O processo de terceirização que ocorreu em Franca e demais regiões brasileiras se deu de forma desordenada e sem nenhum controle fiscal. As pessoas trabalham em regimes de contratação que, na maioria das vezes, não inclui respeito aos direitos trabalhistas, e também sob forma de subcontratação, que é quando o trabalho é repassado para várias pessoas, tornando-o mais precário:

> *"As banca é assim, elas monta com cinco ou seis máquinas e tem o pespontador que faz o serviço, aquele serviço eles são pagos pela fábrica né, só que tem umas que registram as pessoas que eles contratam, mas tem outras que não, trabalha só sem registro sem nada, só que é assim, é mais difícil do que trabalhar dentro da fábrica".*[67]

A mão-de-obra mais utilizada nas bancas de pesponto é a das mulheres, dos jovens e crianças, todos trabalhando em condições precárias, contribuindo para o barateamento da produção. Às crianças e aos adolescentes cabem as atividades de colar, dobrar e aparar, cortar linha, lixar peças de couro e outros.

As bancas, em geral, são montadas em locais improvisados, como em garagens, varandas ou outro cômodo da casa que, por vezes, estão em condições precárias, possuindo pouca ventilação e baixa luminosidade, além de também, por vezes, estarem expostos ao sol e a chuva e de também abrigarem produtos tóxicos prejudiciais à saúde, como a cola e o solvente.

Dois adolescentes, Fabiano, de 18 anos, e Luiz Fernando, de 15 anos, que aproximadamente há um ano e dois meses costuram sapatos, e que trabalham junto

[66] Maria Sonia Marçal. Entrevista realizada em 07/09/2004
[67] Isabel Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

ao dono da banca e sua esposa, narraram como se dá o serviço em banca. O dono da banca busca uma cota de sapato diretamente na fábrica e tal cota tem que ser cumprida em um determinado período. Os dois adolescentes trabalham sem nenhum registro, contrato ou carteira de trabalho e sem nenhuma forma de benefício. Sobre as bancas em geral eles relatam:

> *"Varia, varia de tamanho, de produção que ela ergue... a gente trabalha com sapato masculino, assim a gente já trabalhou com sandália... o tipo de sapato básico é mocassim e sapatilha. Assim, lá a gente fabrica, tipo assim, faz mais é sapatilha né? Especializa em sapatilha, sai bem mais cerca de... o que por dia? Cento e cinqüenta, duzentos par de sapatilha. De vez em quando vem o mocassim, o mocassim vem quarenta, quarenta e cinco, por ficha né? De vez em quando vem uma ficha só, é variado mais trabalha mais com sapatilha."* [68]

Eles já trabalharam em outras bancas e consideram todas parecidas e quando perguntei sobre o ambiente de trabalho, eles responderam:

> *"O ambiente não é tão bão não, mas é um ambiente razoável sabe... tem a mesa, tem o banco é confortável até... De primeira quando ele não tinha colocado a banca pra dentro da casa dava sol, quando chovia não dava mais pra trabalhar, porque a chuva pegava lá, assim não assim tudo, mas atrapalhava, sabe? Pôr as caixa lá no chão, aí com o passar do tempo sol, sol, forte, com o passar do tempo aí a gente entrou pra dentro lá e colocou ventilador lá dento. Foi ajeitando sabe, tá melhor até, porque sol num atrapalha mais, calor, era um calor intenso."* [69]

> *"Meu primo trabalha numa banca, mas é uma banca, lá era normal, tinha os negócio tudo, chegava assim tinha tipo um café da manhã, aí na hora do almoço assim, aí quando o cheiro da cola tava muito forte, ele dava um leite pra tira um pouco"* [70]

Chuva, sol, produtos tóxicos, compõem o dia-a-dia de trabalho de muitos adolescentes nas bancas. A inalação do cheiro da cola é apontada pelos depoentes como uma questão séria que compromete não só as condições de trabalho, mas a saúde do trabalhador:

> *"... trabalha com cola e o cheiro é forte, trabalha sem nenhum tipo de proteção".* [71]

---

[68] Fabiano. Entrevista realizada em 19/01/2004
[69] Idem.
[70] Luiz Fernando. Entrevista realizada em 19/01/2004
[71] Idem.

> *" Eu já passei mal com cola, me deu uma dor de estômago forte e muita dor nas costas."* [72]

A alimentação, inadequada junto à exposição de produtos tóxicos, pode aumentar o risco de prejudicar a saúde dessas pessoas. Em algumas bancas, são oferecidos aos trabalhadores o café da manhã e o leite, este visto como uma solução para prevenção de possíveis intoxicações. Mas nem todos oferecem esses alimentos. Muitos adolescentes também reclamam da alimentação precária que recebem ou mesmo da falta dela:

> *"... só que a gente deveria exigir né, tipo assim, chegar de manhã tomar um café, comer um pão, sabe, daí é normal de quase toadas as bancas aqui, só que lá num tem isso, lá num tem."* [73]

A década de 1990 foi também o período em que houve maior número de denúncias ao Ministério do Trabalho sobre o trabalho infantil em Franca. Em uma pesquisa realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Calçados e Vestuário de Franca, juntamente com o Núcleo de Promoção e Educação em Saúde Escolar da Universidade de São Paulo - USP, divulgada em julho de 1994, foram entrevistadas 1561 crianças entre 7 a 13 anos que trabalhavam em bancas[74].

A maioria dessas crianças trabalhava cerca de seis horas ou mais, com baixa remuneração, sem nenhum benefício trabalhista e sob condições precárias. Nessa mesma pesquisa, é interessante notar que a maioria das crianças alegou gostar do trabalho que fazia. Em Franca, existe uma "cultura" de valorização do trabalho, em detrimento da educação e do bem estar infantil, a criança desde cedo aprende a acreditar que o trabalho prepara para o futuro. Essa idéia, difundida na sociedade francana, dificulta atividades que visam a erradicação do trabalho infantil na cidade.

Algumas monografias apresentam essa discussão sobre o trabalho infantil em Franca. Essas monografias são baseadas nestas entrevistas com crianças realizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores em 1994. As entrevistas foram realizadas em formas de questionários elaborados pelo próprio sindicato. As crianças entrevistadas estavam matriculadas em escolas públicas e as entrevistas foram realizadas nas próprias escolas.

---

[72] Luiz Fernando. Entrevista realizada em 19/01/2004
[73] Fabiano. Entrevista realizada em 19/01/2004
[74] Dados fornecidos pelo Sindicato dos Trabalhadores de Calçados e Vestuário de Franca, 2004.

Essas crianças trabalham em casa, ajudando os pais a concluírem suas metas. Não possuem férias escolares, pois é nessa época que os serviços aumentam, atrapalhando assim o desenvolvimento educacional e até psicológico da criança.[75]

O período de escassez de pedidos de sapatos às fabricas são meses que coincidem com as férias escolares. Nesses períodos, os pedidos são menores para os sapatos produzidos internamente nas fábricas, mas a produção do sapato manual (mocassim e sapatilha) aumenta por serem sapatos de baixo custo, pois não passam por toda linhagem de montagem.

As monografias discutem também os trabalhos assistencialistas exercidos na cidade na década de 1980, que preferiam encaminhar as crianças para o trabalho a fim de se evitar a delinqüência. Essa postura teria acarretado o aumento do trabalho infantil na década de 1990 por desenvolver uma noção na sociedade de que era melhor a criança trabalhar do que ficar na rua.[76]

Mas, é importante ressaltar que a "cultura" do trabalho infantil em Franca remonta às décadas de 1940 e 1950, quando crianças iam para as fábricas para *aprenderem* uma profissão. A profissão era motivo de orgulho para os trabalhadores, que às vezes trabalhavam sem receberem nada, somente para aprender um ofício. Mas não podemos deixar de observar como essa cultura do trabalho infantil foi se modificando ao longo dos anos. O trabalho infantil começou a se tornar uma questão sócio-econômica, ou seja, crianças que trabalham para completar a renda (baixa) familiar e não mais para aprender uma profissão.

Medidas de combate ao trabalho infantil foram tomadas pelo Ministério do Trabalho juntamente com o SENAI, que passa a atuar no município em 1984. Com a criação do Instituto Pró Criança, as crianças exercem ali atividades como aprendizes e realizam cursos no próprio SENAI que, após o treinamento técnico, as encaminham como aprendizes para as fábricas. Esses cursos no SENAI, conhecidos por confeccionador eclético, os adolescentes de 14 a 16 anos incompletos aprendem o corte, pesponto e acabamento do sapato. Eles recebem por mês, para fazerem o curso, um salário mínimo, bolsa alimentação e vale transporte, o que fez aumentar

---

[75] SANTOS, Silvana Barbosa dos. *O trabalho infantil em Franca*: a ciência na luta pelo direito a ser criança. Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual Paulista, campus Franca, São Paulo, 1995.

[76] CINTRA, Raquel B., ANDRADE, Raquel M. *A criança: o calçado X a escola* – uma reflexão sobre a terceirização em Franca, Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1995.

cada vez mais a procura por esses cursos. Atualmente o SENAI oferece 96 vagas, infelizmente não conseguem atingir a procura, que este ano foi de 1000 adolescentes.

Na mesma época do Instituto Pró Criança, foi criado em Franca, assim como em vários municípios vizinhos, a Guarda Mirim, cujo objetivo é o de encaminhar os jovens, na condição de aprendizes, a diversos setores do comércio e da indústria da cidade. A Prefeitura remunera os adolescentes, que geralmente trabalham meio período, todos devem estar matriculados em escolas do ensino fundamental ou do ensino médio.

Há ainda o trabalho de fiscalização do Ministério do Trabalho, que autua empresas e bancas empregadoras de menores que não estejam sob a condição de aprendiz, encaminhando-os, caso necessário, ao Conselho Tutelar.

Contudo, não é possível se ver resultados concretos quanto a erradicação do trabalho infantil, pois apenas as denúncias são atendidas. De acordo com o Ministério do Trabalho, o número de fiscais atuando em Franca é insuficiente para uma fiscalização mais adequada e para conseguir melhores resultados.

O Ministério do Trabalho de Franca também adotou algumas medidas no combate à terceirização precarizada, autuando as empresas que terceirizam partes da produção sem estarem baseadas no Termo de Conduta de Responsabilidade do Tomador do serviço e da banca, o TAC. Neste termo, as empresas se responsabilizam pelos contratos de trabalho, medidas de segurança e a forma de contratação dos trabalhadores.

O Sindicato dos Trabalhadores de Calçados e do Vestuário de Franca e Região realizou algumas tentativas para amenizar a precarização do trabalho realizado em bancas como, por exemplo, exigindo um contrato formal, que possa garantir ao trabalhador algum direito trabalhista e também repassar o serviço que era feito em casa para um local específico.

Muitas empresas adotaram medidas para legalizar a terceirização das bancas como, por exemplo, abrindo suas próprias bancas (em geral próximas ao seu respectivo estabelecimento) e/ou exigindo das bancas terceirizadas contratos de seus empregados.

Hoje, na cidade de Franca, e em outras regiões do Brasil, se fala até em processo de “quarteirização”, ou seja, as empresas terceirizam os serviços, que são repassados várias vezes chegando até às pessoas que fazem de suas casas bancas de pespontos. Recebem a mercadoria do fornecedor e geralmente empregam vizinhos,

sendo na maioria das vezes adolescentes, principalmente quando têm um lote grande de produtos a ser cumprido. Esse processo é totalmente informal, o que dificulta precisar a dimensão de tal tipo de trabalho na cidade de Franca e nos municípios vizinhos que também são atingidos.

Além das mudanças nas bancas e a subcontratação, outro caminho da reestruturação produtiva adotada pela indústria calçadista francana pode ser visto na redução do número de funcionários. Em 1984, havia 34.509 funcionários, e em 2003 esse número foi reduzido para 19.793, com uma média de produtividade praticamente estável nesse período.[77] Esses dados podem ser justificados pela terceirização de partes dos setores de produção, pelas subcontratações dos trabalhadores que não são contados estatisticamente pelo sindicato das indústrias (SindiFranca) e pelas melhorias na mecanização das fábricas causando várias demissões.

Hoje, é comum a rotatividade de trabalhadores contratados, ou seja, as fábricas têm os seus funcionários fixos, porém, em períodos de aumento da produção elas contratam novos funcionários que são demitidos ao término de tais períodos e, caso volte a ascensão da produtividade, são novamente contratados. Os fixos, por sua vez, quando em fase de baixa produção, são afastados do serviço até que sejam novamente chamados:

> *"Fim de ano tem um apertozinho. Fim de ano a pessoa desemprega e vai três, quatro, cinco meses pra ele poder conseguir um outro serviço em fábrica de calçado. Porque agora na parte do começo do ano não é fácil, não tem serviço".* [78]

Pode-se notar que a implantação de políticas de reestruturação produtiva na indústria calçadista se dá mais na forma de organização dos funcionários e em menor grau na implantação de máquinas eletrônicas.

O processo de produção do calçado exige mais a qualificação do trabalhador, pois mesmo com as máquinas utilizadas, várias partes devem ser realizadas manualmente.

---

[77] Dados fornecidos pelo Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, 2004.
[78] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

As máquinas de corte do couro já têm suas formas estabelecidas e não atingem a qualificação do manuseio do trabalhador, que pode cortar o couro no formato que se deseja e desviar dos defeitos economizando partes do couro que seriam descartadas pelas máquinas. Os cortadores têm os maiores salários dentro da fábrica, pois sua responsabilidade também é maior. Paulo, que trabalhou em várias fábricas desde a década de 1960, fala da função de cortador e ressalta a necessidade dela para o empresariado e, ao mesmo tempo, indica sua importância (como montador) nas relações de produção das quais faz parte:

> *"... é o primeiro que começa no sapato é o cortador... ali se ele não der bom rendimento no aproveitamento, na vaqueta, ele quebra o patrão mais rápido que todo mundo".*[79]

Os próprios trabalhadores vão adequando seus serviços com o maquinário a fim de se alcançar uma qualidade maior sem desperdícios. Portanto, a qualificação do trabalhador, para se obter um melhor rendimento com as máquinas, passou a ser extremamente importante para as empresas e se constituiu em mais um processo de reestruturação produtiva da indústria calçadista.

O envolvimento dos trabalhadores no processo de produção se dá através de grupos de discussões, por exemplo, onde o trabalhador é convidado a opinar, a dar sugestões a respeito de como melhorar a organização fabril e até mesmo a fazer cursos oferecidos pela própria empresa.

Trabalhando na empresa Albanesi, há 13 anos, Edson, que exerce várias funções na fábrica, destaca a importância da qualificação na empresa calçadista e como ela é um meio de hierarquizar os trabalhadores nas fábricas:

> *"...sempre que é possível agente tá fazendo curso alguma coisa, até mesmo aqui dentro, eles abrem várias oportunidades pra que agente possa ta aprendendo, entendeu? Desde que haja interesse da pessoa em querer aprender, eles abrem o espaço, pra que você teja aprendendo, eles abrem um espaço, tipo assim, por exemplo, se você ficar um pouquinho a mais depois da hora , cinco, dez minuto pra você mesmo aumentar o seu conhecimento e consideravelmente e quando você atingir aquele... perfeição você ta ocupando lugar melhor, até pra ta aumentando teu próprio salário, quer dizer, interesse agente tem que ter né..."* [80]

[79] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[80] Edson. Entrevista realizada em 24/09/2003

Os grupos de discussões são realizados pela maioria das fábricas, principalmente aquelas que têm uma produção maior voltada para o comércio externo. Elas visam a participação de todos os empregados da fábrica, sem distinção de setores, pois se discute uma política de flexibilização, onde é importante o trabalhador conhecer todas as fases da produção. Há também cursos específicos para cada setor, oferecidos pela própria empresa. Geralmente esses cursos são realizados em horários de plantão, após o expediente.

Mas a qualificação, como analisa Edson, só ganha significados concretos quando o trabalho é realizado de foram harmônica visando resultados positivos para a empresa:

> *"...mas a pessoa a partir de que ela entra dentro da fábrica, ela é conscientizada que o pessoal aqui trabalha em equipe, entendeu? A partir da hora em que ela entra, ela já ta sabendo que, o trabalho é feito assim, num é individual, é o trabalho de equipe, que manda a turma sempre pra frente, né."*[81]

Além dos treinamentos e o envolvimento dos trabalhadores na implantação dessas mudanças organizacionais, outra forma de estímulo aos trabalhadores é a implantação de políticas de premiações individuais.

O SENAI iniciou, em Franca, várias atividades, como curso de formação de técnicos de nível médio na área de calçados, com ênfase no planejamento e na organização da produção e em recursos humanos, e cursos de relacionamento, visando "ensinar" como as pessoas devem se relacionar no ambiente de trabalho, e até como se comportar perante uma entrevista.

Márcia, filha de D. Maria Sônia, começou a trabalhar em fábrica há uns quatro anos e ingressou nesses cursos oferecidos pelo SENAI. Para ela o curso não é apenas uma qualificação em si, mas uma realização pessoal:

> *"Eu sou mais no administrativo, aí esse pessoal, eles colocou porque tem muita gente que já entra no administrativo e é muito tímida a pessoa. Você num sabe falar direito, não consegue se expressar, então eles colocou essa parte de pessoal porque ali você já vai aprender, é igual eu te falei de relacionamento, é..., como é que eu falo?, Como você vai se apresentar numa entrevista, como deve se vestir, como se preencher um currículo, muita coisa a gente que num sabe, eu pelo menos não sabia um monte de coisas. Lá eu aprendi, fazendo a parte pessoal, aí igual, tem muita*

[81] Edson. Entrevista realizada em 24/09/2003.

> *gente que é tímida né, não consegue falar, aí chega lá, ah , cê tem que falar."*[82]

No padrão tecnológico, a mais significativa mudança foi a difusão do uso da máquina de montar o bico do sapato, a Molina. Essa máquina substituiu o trabalho manual, predominante na indústria de calçados de Franca até os anos 70, quando a Molina passou a ser difundida. Essa máquina de origem italiana, foi adotada praticamente por todas as empresas francanas e hoje até mesmo nas microempresas podemos encontrar uma ou duas delas.

Existe uma empresa em Franca, a Popi Máquinas e Equipamentos Ltda, que passou a fabricar a Molina e outros tipos de máquinas para o setor calçadista, facilitando as suas aquisições, pois a fabricação local do maquinário barateou a compra do produto e também a sua manutenção. A Molina se tornou muito significativa na indústria calçadista, porque exige do seu operador grande habilidade e concentração. Alguns chegam a fazer anos de curso para conseguir manejá-la. O molineiro, profissional que trabalha com a Molina, tem hoje uns dos mais altos salários dentro da fábrica, devido a sua experiência e o grau de dificuldade de operação da máquina, que chega a montar 1500 pares por dia.

O molineiro acabou se tornando um profissional praticamente indispensável dentro da fábrica. O SENAI realiza curso para aprendizagem desta produção e a empresa que fabrica a Molina também oferece diversos cursos, mas muitos trabalhadores como o Sr. Paulo, por exemplo, tiveram que aprender a trabalhar com este equipamento sem nenhum curso:

> *"O gerente geral me chamou e falou: você quer aprender na Molina? Eu vou chamar o mecânico e ele vai te ensinar, se você der certo no serviço, talvez amanhã você vai trabalhar muito, mas pode ter um salário bem melhor, do que salário mínimo. Você vai ter uma profissão, só que também se você não aprender, não der certo é dali pra rua, porque no outro serviço cê num volta também".*[83]

O Sr. Paulo, que trabalhou com a Molina por 20 anos em várias empresas, hoje está aposentado. Na última empresa que trabalhou operava duas Molinas ao mesmo tempo. Ele nos descreve um pouco o grau de dificuldade da máquina e o que é trabalhar com ela:

---

[82] Márcia Marçal. Entrevista realizada em 07/09/2004
[83] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

> *"...pesado e quente, pesado e quente de todos os jeitos que você pensar que é, porque a caloria da Molina é 250 grau de caloria pra dissolver a cola, a cola tipo macarrão, então 250 grau. Tem o vaporizador que também é quente, que tem que ficar sempre do lado do molineiro e cada lugar é de um jeito, mas sempre tem que ficar ao lado, porque uma pessoa num ...quando é fábrica mais grande tem uma pessoa pra por o sapato no vaporizador, aí você pega. Isso aqui é cola (mostrou uma cicatriz:) se bater cola aqui, 250 grau ela fica quase líquida, 250 grau onde ela pegar em você já pega e já tira a pele na hora. Se você deixar os dedos na pinça, se dela ela também te arranca um pedaço do dedo, então é tudo isso, é trabalhoso".*[84]

A Molina, apesar de grande, faz um trabalho muito delicado ao montar vários bicos de sapatos por dia. Podemos observar na foto o local onde o bico do sapato é montado, os visores de temperatura e a fiação. Ligados ao lado da forma estão os canos que levam a cola, que derrete na hora que se encontra com a máquina. Na frente da forma estão as pinças que seguram o couro para ser colado.

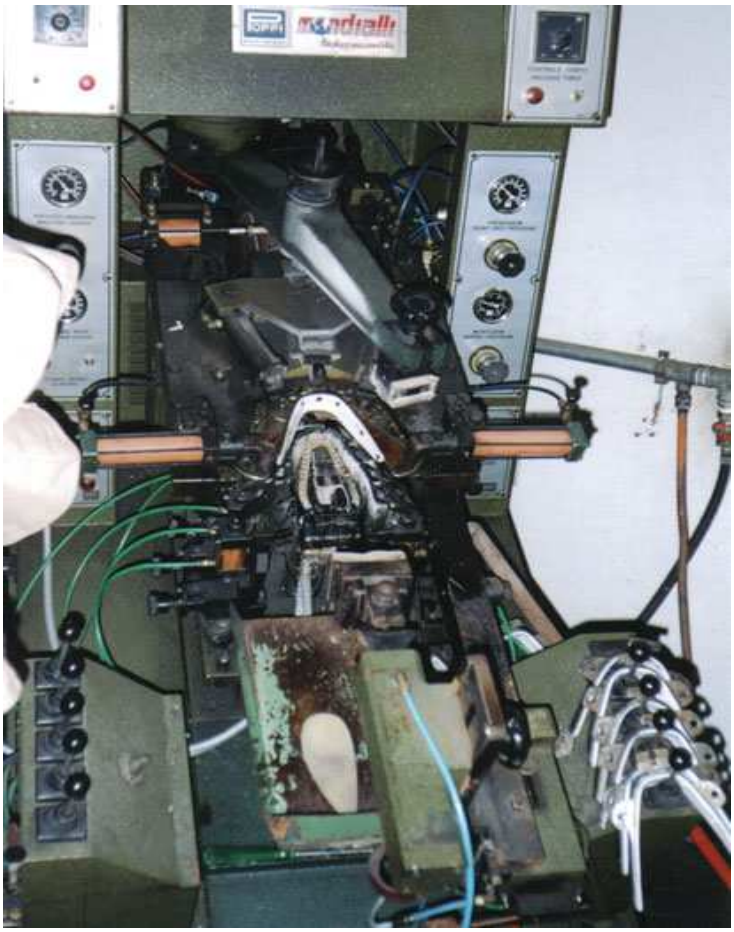

Fig 9. Foto da Molina (frente). Acervo Ana Paula Crico, 2005.

[84] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

O processo de funcionamento da máquina, a partir da colocação do sapato na forma, até sua retirada é explicado pelo Sr. Paulo:

> *"Aí hora que você pega que tá o sapato tudo, você viu que tá certinho, pode acionar a máquina. Você aciona, vem um injetor, injeta, só injeta a cola, vem automaticamente e assim que injeto, ao mesmo tempo o teflon segura, a vaqueta segura, e vem a tesoura, aí na tesoura descer o resto da máquina, desce também aí a tesoura passa e aí ela prensa fica cinco, seis segundo e aí sai pronto".*[85]

O molineiro tem um serviço muito pesado, além de trabalhar sob altas temperaturas, tem enorme responsabilidade sobre seu serviço, não podendo desviar a atenção em nenhum momento, podendo sofrer vários acidentes de trabalho.

> *"Se você, uma pequena bobeada que você der aí vai dedo, vai mão, precisa ficar esperto com os curiosos que aparece, porque tem curioso que cê ta trabalhando ali chega "oh esse sapato aqui" e pega e já leva a mão. Você tá trabalhando, quantas vezes já aconteceu, quantas vezes eu tava , tive que tirar a mão de gerente, de patrão..."* [86]

Ele ainda ressalta a vigilância que se deve ter ao operar a máquina, que ele domina com mais perfeição que os próprios gerentes, manifestando um sentimento de orgulho pelo seu conhecimento:

> *"Tem que controlar, então ali você controla, cada sapato é uma pressão, você tem... se é um sapato mais forte você tem que por mais pressão, tem que por as pinças, puxar talvez uma, duas pinças primeiro, você tem que dar pressão no pezinho, pressão no apoio, dependendo do sapato você tira a pressão, então você tem que controlar ela ali, cada sapato é uma..."*[87]

Numa fábrica se trabalha vários modelos de sapatos por dia, sendo que às vezes modelos femininos e masculinos ao mesmo tempo. Todo ritmo do trabalho fabril, na maioria das fábricas francanas, é controlado pela implantação de esteiras. É com a sua experiência de trabalhador, agora aposentado, que o Sr. Paulo explica o processo de trabalho:

> *"... vários modelos ao dia e várias formas ao dia, muito difícil você trabalhar. Em uma fábrica que tem um modelo e forma pra você trabalhar*

[85] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[86] Idem.
[87] Idem.

> *numa qualidade só, ali cada modelo que você faz, cada forma que faz é um ferramentário".*[88]

> *"...Tem que trocar e acompanhar a esteira, tem máquina, que tem até, tipo um estufinha do lado. Você deixa o calibrador, cê deixa ele colocado na caloria, a hora que cê tira outro que tem que trocar, cê tira um e põe o outro. Quando você acaba de parafusar as formas de teflon ele já aqueceu pra você num perder produção e ali é... já apitou a sirene, você tem que pegar e ir até o fim, Tem dia, tem lugar que tem regra de que pra você ir no banheiro tem que ficar uma pessoa no seu lugar, porque não tem como você ir e deixar a máquina lá, sem uma pessoa trabalhando, porque a esteira num deixa não. Só se for um serviço assim muito bom aí adianta um pouquinho, faz o que tem de fazer e volta e ainda dá tempo, mas na maioria dos lugar tem que ter uma pessoa pra te substituir, se você for tomar água, ir no banheiro, tem pessoa pra fazer".* [89]

Como a Molina faz parte da esteira, o molineiro tem que acompanhar o mesmo ritmo, fazendo um trabalho que exige muita atenção, precisão e ao mesmo tempo rapidez.

O maior efeito das esteiras é o controle do ritmo de trabalho, garantindo a produção. Ela exige a concentração extrema do trabalhador e obriga sua permanência no processo produtivo a tal ponto que ela passa a significar um controle sobre o tempo gasto para a satisfação das necessidades individuais.

No entanto, a partir dos anos de 1990, muitas empresas francanas começaram a se organizar em células, distribuídas em sua maioria em forma de "U" ou em "L". Essa organização facilitou o trabalho com a esteira, onde ficam distribuídas as máquinas e os trabalhadores. A Molina é uma das máquinas que fazem parte da esteira, e o molineiro tem que acompanhá-la. Às vezes, em fábricas pequenas, além de trabalhar na Molina, o molineiro ainda tem que passar o trabalho no vaporizador, como já foi discutido anteriormente.

A implantação de esteiras nas fábricas francanas vem de alguns anos: eram organizadas em forma de banquetas, onde os "oficiais montadores" montavam o sapato e repassavam-no para outras funções, como o acabamento, por exemplo. Depois das banquetas, os sapatos vinham nas carretas onde os trabalhadores faziam suas tarefas e iam empurrando-as para frente.

> *"... em 68 ainda era esteira manual, aí conforme você ia fazendo você ia tocando o carrinho pra frente, o outro fazia o dele e ia tocando o carrinho pra frente, o*

[88] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[89] Idem.

> *outro... e aí ia sendo assim tudo manual, agora hoje, hoje tem que espernear mesmo, tem que trabalhar e muito."*[90]

Com a implantação da esteira eletrônica, o trabalho se tornou bem mais controlado, pois a esteira tem o seu ritmo programado e o trabalhador tem que seguí-lo, não podendo desviar a atenção. Se precisarem sair para qualquer coisa, alguém tem que ficar em seu lugar, não podendo atrasar o serviço pois a esteira passa. Com a esteira, principalmente a eletrônica, as relações sociais dentro da fábrica ficaram mais difíceis, como o contato, as brincadeiras, a conversa, etc. Todos têm seu tempo programado por ela.[91]

Vera Lúcia Navarro considera a reestruturação produtiva uma forma de se produzir bens e serviços com melhor qualidade e preços competitivos, para que o empresariado pudesse concorrer com empresas estrangeiras após a abertura econômica realizada pelo governo na década de 1990.

Para Telma Bessa Sales[92], na sua análise sobre a Volkswagen em São Bernardo, a reestruturação produtiva se deu com a robotização da produção ocasionando grandes mudanças em todo setor produtivo, tanto na forma organizacional, gerencial quanto funcional.

Segundo André Gorz, a reestruturação produtiva através da tecnologia da fábrica impõe uma certa técnica de trabalho, um tipo de subordinação e hierarquia, causadas pela divisão de tarefas, ou seja, a tecnologia divide as tarefas da fábrica cada vez mais, fazendo com que os trabalhadores se tornem cada vez mais específicos, sem conhecimento do todo, ficando ainda mais subordinados, dependentes dos meios de produção[93].

Temos na foto abaixo um exemplo da esteira dentro da fábrica de calçados. A sua colocação se dá geralmente no centro, onde é mais fácil ter uma visão total de

---

[90] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

[91] Vários autores dedicaram-se à análise da reestruturação produtiva. Entre eles citamos:
SUZIGAN, W., GARCIA, R., FURTADO J., SAMPAIO, S.E.K, *Sistemas Produtivos locais no Estado de São Paulo:* o caso da indústria calçadista de Franca.
BRAGA FILHO, Hélio. *A reorganização da indústria de calçados de Franca*. Franca: FACEF, v.3, n°2, 2000.
NAVARRO, Vera Lúcia. *A produção de calçados de couro em Franca (SP)*: a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho, tese de doutoramento apresentada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

[92] SALES, Telma Bessa. *Experiências de João Ferrador em tempos de reestruturação produtiva*: VW Anchieta – SBC. Tese de Mestrado apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2000.

[93] GORZ, André. *Crítica da Divisão do Trabalho*. Tradução: Estela dos Santos Abreu, 1° edição, Editora Ltda, São Paulo, SP, 1980

seu segmento. Ao lado podemos ver as máquinas que compõem o processo produtivo do calçado.

Fig. 10. Foto da esteira de uma fábrica de médio porte. Acervo Ana Paula Crico, 2005.

Não faz parte da esteira o corte do couro e o pesponto do sapato. Estes estão nas fotos seguintes:

Fig. 11. Foto da seção de cortes do couro, as vaquetas. Acervo Ana Paula Crico, 2005.

Fig. 12. Foto da seção de pesponto. Acervo Ana Paula Crico, 2005.

Em algumas fábricas, os escritórios dos chefes e supervisores têm uma vista total para a esteira e, em outras, onde não há esta vista, eles possuem câmaras de monitoramento. As esteiras são controladas pelos donos das fábricas, de acordo com o tipo e a quantidade da produção.

> *"O dono da fábrica que programa a velocidade que ele necessita. Hoje ele necessita de uma produção, amanhã de outra produção, aí ele tem como regular ele pra mais ou pra menos, então ele põe dois pares em cada carrinho, três pares em cada carrinho ou um par por carrinho, pula um carrinho e põe dois, pula, põe dois carrinho lotados, o outro põe só um par, então tem opções. Mais antigamente não tanto, que eu fui em 68, né, mas bem antes que eu era ainda bem mais difícil mais complicado, mas naquela*

> *época era tudo na esteira, nas carretas, quando tinha a esteira era tudo manual. Aí se fosse difícil cê segurava o carrinho e num empurraria, se outro empurrasse lá de trás você seguraria, agora hoje na esteira elétrica não tem".*[94]

Paulo ressalta, na sua explicação sobre as mudanças no trabalho com as esteiras, a perda do controle do ritmo de trabalho pelos trabalhadores nas empresas. Se o carrinho manual podia ser controlado, "a esteira elétrica" não pode ser segurada. Essa mudança altera as relações de trabalho e a convivência dentro da empresa.

Cada trabalhador sentiu de forma diferente os processos de reestruturação pelos quais a indústria calçadista passou e cada um deles reagiu de forma diferente, sendo em lutas trabalhistas através do movimento sindical, seja fazendo o seu trabalho sem envolvimento algum com o sindicato, ou apenas se especializando para ter uma vida melhor. Mas são nessas reações, nessas experiências de cada um, que podemos entender um pouco como foi esse processo de transformação da indústria calçadista e como o modo de vida dos trabalhadores foi sendo reconstruído nessas transformações.

[94] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005

CAPÍTULO III

A ORGANIZAÇÃO SINDICAL E OPERÁRIA EM FRANCA

"E os sapateiros de Franca participaram da gloriosa jornada contra o decreto que queria arrochar ainda mais os nossos salários.

E, nós, que nunca tínhamos feito uma greve geral conseguimos fazê-la.

Hoje, todos repetem: 'valeu a pena lutar'..."

(Panfleto do Sindicato dos Sapateiros, 1985)

CAPÍTULO III – Manifestações de Trabalhadores e Organização Sindical no Setor Calçadista

O setor calçadista francano se caracteriza atualmente pela sua dimensão, alcançada ao longo dos anos, com a conquista dos mercados interno e externo. Esse desenvolvimento foi marcado por períodos de sazonalidade de trabalhadores e produção, mudanças na organização fabril e reestruturação produtiva. Em vários momentos os embates entre empresários e trabalhadores estiveram presentes nas relações sociais neste setor.

Na década de 1940 o sindicato "representava" os trabalhadores em suas lutas, mas estava ao mesmo tempo ligado aos interesses das fábricas e também do governo. Essa forma de sindicato, do período getulista, foi denominada pelos trabalhadores de "Sindicato Pelego"[95], de índole corporativista, ou seja, atrelado ao Estado e que visava amenizar as manifestações trabalhistas.

O Sr. Nelson Fanan relata algumas de suas participações nas lutas trabalhistas travadas na época em que o sindicato em Franca tinha essas características conciliatórias e era denominado "Sindicato Pelego":

> *"O sindicato mesmo era de... ele foi, ele é de quarenta e um, quarenta e um. Só que era diferente o sindicato, num tinha assim, é... era um sindicato que reconciliava patrão e empregado, que eles falava pelego, né?"*[96]

O primeiro sindicato fundado em Franca foi o "Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Couro de Franca", em 1937, por Luis Magrin, sindicalista getulista que foi, inclusive, fundador do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) na cidade de Franca. Magrin defendia a harmonia entre os patrões e empregados.

A fundação dos primeiros sindicatos em Franca ocorreu, portanto, no período pós 1930, caracterizados pelo sindicalismo vertical, associado ao Ministério do Trabalho. Esse fato demonstrou um movimento operário passivo que obedecia às leis implantadas pelo Estado Varguista.

---

[95] Segundo o dicionário Aurélio uma das definições da palavra pelego é: "Designação comum aos agentes mais ou menos disfarçados do Ministério do Trabalho nos sindicatos operários. Bras. Fig. Pessoa subserviente; capacho".

[96] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

Em 1941 o sindicato é reconhecido pelo Ministério do Trabalho com o nome de “Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Franca”. Durante o período de 1941 a 1982 o sindicato foi corporativista e a passividade do movimento operário pode ser justificada pelo receio de perder as garantias dadas pela implantação das leis trabalhistas como, por exemplo, a lei de estabilidade, cujo benefício era muito prezado pelos trabalhadores, principalmente dentro do setor calçadista.

A formação do sindicato em Franca não surge da vontade direta dos trabalhadores, mas de lideranças pré-estabelecidas, permanecendo assim até a sua reorganização em 1983, quando se inicia um período de manifestações, assembléias e greves de operários.

Antes de 1983 as lutas trabalhistas eram praticamente inexistentes, mas alguns movimentos de organização já apareciam. Em uma das fábricas onde o Sr. Nelson Fanan trabalhou, cobrava-se dos trabalhadores o material utilizado na fabricação do calçado; então houve um pequeno movimento contra tal exigência encabeçado pelo “antigo” sindicato que, pressionado pelo Ministério Público, voltou atrás diante da ameaça da perda da estabilidade dos trabalhadores em seus empregos:

> *“Aí eles falou: se quiser é assim, porque eles falaram, se vocês quiserem pagar o material é isso se não quiser a porta tá ali. Mas como a gente tinha estabilidade, né? Num vai pedir conta outra vez, né? Tava com seus quatro anos, né? Estabilidade já era bem... num podia mandar embora fácil.”*[97]

O movimento trabalhista no setor calçadista francano aparece de forma individual até a formação do sindicato vinculado ao Partido dos Trabalhadores, caracterizando-se por não ter gerado uma união marcante entre os trabalhadores, mesmo naqueles que já eram sindicalizados. Ações como as do Sr. Nelson Fanan (já militante no sindicato), que sempre lutou para conscientizar seus colegas de trabalho quanto aos direitos trabalhistas que deviam reivindicar (como a estabilidade do emprego e melhores salários, por exemplo), eram por vezes apoiadas por outros trabalhadores da mesma empresa, mas não caracterizavam uma organização definida.

Portanto pode-se perceber isso no caso da intoxicação de vários sapateiros montadores, na década de 1970, que trabalhavam com tachas de chumbo na boca

[97] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

para facilitar o serviço. Em algumas fábricas eram obrigados a trabalhar dessa forma para agilizar o processo:

> *"Tacha na boca, eles fala que é pra render o serviço, porque até cê pegar ela na caixa assim demorava, então na boca cê já virava ela. Só que tinha insalubre, né? A tarde ficava tudo roxo assim, por causa do chumbo da tacha, né? Éh... mas era obrigado".*[98]

> *"Aí o gerente chegou perto de mim e falou: 'Cê num tá pondo tacha na boca por quê?' Eu falei: 'Eu não vou por e você sabe o problema.' Aí meus colega montador ouviu o papo lá com o gerente e falou, você num vai por mesmo não? Aí eu falei não, uai, eu evitei sete ano agora vou por tacha na boca agora? Aí um pensou bem, o outro pensou bem e falou, ah eu também não, eu também não, eu também não. Gente isso é problema de saúde, é melhor perder o emprego do que a saúde."*[99]

A partir da atitude de um trabalhador, um movimento de protesto vai se articulando, pois apesar de terem vivências diversificadas, possuem experiências em comum, formando movimentos maiores em busca dos mesmos objetivos e dos mesmos interesses.

Pensar a luta dos trabalhadores por seus direitos significa buscá-la também fora do movimento organizado, nas manifestações que ocorrem no espaço fabril para além dos movimentos grevistas. Atitudes variadas de questionamentos das condições de trabalho e as reações a elas são importantes na análise das relações sociais reconstruídas cotidianamente entre empresários e trabalhadores. O sindicato é apenas uma das formas de existência do movimento dos trabalhadores. O que possibilitou muitas manifestações como as relatadas, foi a articulação dos trabalhadores em torno de objetivos comuns, relacionadas às suas condições de trabalho.[100]

Até a década de 1980 vários movimentos foram surgindo e se organizando em Franca, culminando na formação de um novo sindicato e de uma organização da classe trabalhadora diferente do antigo sindicato corporativista. Sr. Nelson Fanan fala sobre esse período:

---

[98] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[99] Idem.
[100] Os feitos de E. P. Thompson foram importantes na construção das análises desenvolvidas nesta dissertação. Entre elas destaco: THOMPSON, E. P."Prefácio", In: *A formação da classe operária inglesa*. V. 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9-14. Nesse prefácio o autor trabalha com a noção de classe social. Para ele, a classe está presente no seu próprio fazer-se, ou seja, nas relações humanas ela vai se constituindo e se articulando à identidade de interesses comuns e contra outros homens, cujos interesses se opõem. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história, suas próprias experiências.

> *"Deu muito trabalho pra derrubar o outro, né? Dezessete anos. Só que ele (presidente do sindicato) é uma pessoa até boa, só que nóis falava "os pelego", né? Getúlio Vargas, a CLT, então veio essa história até hoje."*[101]

Em 1982 houve a chamada "Virada Sindical"[102], quando muitos sindicatos passaram por grandes transformações organizacionais e políticas. Nesta data uma diretoria ligada a Pastoral Operária, ao novo sindicalismo do ABC e ao Partido dos Trabalhadores (PT), formaram uma chapa de oposição, ganharam as eleições e assumiram nova direção do Sindicato dos Sapateiros de Franca (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados e Vestuário de Franca). Alguns estudantes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Franca, do curso de Serviço Social, colaboraram com essa chapa oposicionista no Sindicato dos Sapateiros, entre eles Gilmar Dominici.

Gilmar Dominici participou de todo o movimento do "novo sindicato", elegeu-se vereador pelo PT e depois foi Prefeito de Franca por dois mandatos consecutivos, de 1997 a 2004. Era o prefeito municipal quando da publicação da revista "Ciudad de Franca", discutida no primeiro capítulo desta pesquisa, e editada com o objetivo de promover o desenvolvimento do mercado de calçados e de outros setores econômicos da cidade no Mercosul. O Trabalho de Conclusão de Curso de Dominici, quando finalizava o curso de Serviço Social pela UNESP de Franca, foi sobre o Sindicato dos Sapateiros da cidade.

Para ele o sindicato representa a luta de classes entre os proletários e a burguesia e é a representação desses proletários na luta por seus direitos. A participação do partido político dentro do sindicato torna-se fundamental na medida em que ele dirige de forma política e organizada as decisões do sindicato:

> *"A força do sindicalismo que se constituía no ABC fez refletir aos olhos dos trabalhadores de Franca que, apesar da desmobilização existente, era possível e necessário dar os primeiros passos no sentido da construção de uma entidade de classe verdadeiramente representativa dos anseios da classe trabalhadora. (...) Com a vitória da oposição sindical em 1982, o Sindicato dos Sapateiros ganha nova fisionomia, deixando de ser um órgão*

---

[101] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

[102] "Virada sindical": a construção de uma historiografia legitimadora a respeito do Sindicato dos Sapateiros de Franca-SP nos anos de 1980. REZENDE, Vinícius Donizete de.http://sindicalismo.pessoal.brigde.com.br/ViniciusRezende2005.

> *puramente assistencialista e patrocinador de acordos espúrios, para tornar-se um sindicato combativo."*[103]

Essa visão expressa o lugar social do depoente como participante da mudança sindical vivida pelo movimento trabalhista e filiado do Partido dos Trabalhadores.

Inspirados nas greves que estavam ocorrendo no ABC, os trabalhadores francanos começaram a se organizar. Essa organização ganhou força dentro da Igreja Católica, com a "Teologia da Libertação", nova tendência católica na América Latina, onde a igreja passava a ter uma atuação politicamente mais forte e atuante na comunidade.

A Pastoral Operária em Franca iniciou-se nos fins dos anos de 1970, na paróquia de São Benedito, no bairro Boa Vista, com a organização do Padre Juca. Na organização ali formada destacaram-se sapateiros como Nelson Fanan, Fábio Cândido da Silva, Jairo Ferreira e Hélio Rodrigues.

Através de uma visão progressista, o Padre Juca evangelizava e pregava a Teoria da Libertação aos trabalhadores, baseada no próprio evangelho, onde deixava de lado a visão de obediência e conformismo e trazia à tona a visão de justiça igualitária e de participação:

> *"O padre falava mais vocês são operários e estão aceitando isso? E tinha umas horas extras que a gente fazia. O padre marcava reunião e falava assim pra gente porque num veio na reunião? Ah, eu tava fazendo hora extra, serão e ele falava: Eh, é bom pra você ou é bão pro Patrão? Devia tá na reunião discutindo coisa nossa, coisa do Evangelho que fala de libertação... Tinha um livretinho que chamava Hora Extra que trazia de São Paulo, orientando nóis, contra a ditadura perseguição né?."*[104]

> *"Deus é amor ele te liberta. Ele, ele veio pra isso. Ele veio, ele veio pra te servir. Jesus num lavou os pés? Lavar os pés é um sinal de...de...de servir, né? Então é diferente desse Deus que você olha assim "Deus te castiga, heim", "Respeita seu patrão, heim", "O patrão tá te oprimindo, mas não, oh, o patrão, ele é chefe". Isso tudo a gente... a gente aprendeu assim, vamos dizer, com esse padre, com a experiência mesmo da gente de fábrica, né? Porque você vai sendo oprimido."*[105]

Em um primeiro momento, a Pastoral Operária foi constituída apenas por sapateiros, tendo em vista o grande número desses trabalhadores na cidade. Fundada

---

[103] DOMINICI, Gilmar. Sapateiros em Luta. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Franca, 1988.
[104] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[105] Idem.

em Franca entre 1978 e 1979, a Pastoral também lutava contra a ditadura militar e contra a exploração. O movimento da Pastoral Operária foi se mesclando com outras ideologias, como a socialista, por exemplo. Tornou-se peça fundamental para a formação da chapa de oposição do Sindicato dos Trabalhadores de Calçados de Franca e, posteriormente, para a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade.

O Sindicato dos Trabalhadores havia sido dirigido pela mesma direção durante dezessete anos, fato que foi revertido pela vitória da chapa liderada pelo PT e que ocorreu no mesmo ano da fundação do partido na cidade. Até hoje o PT, juntamente com a Central Única dos Trabalhadores, a CUT, dirige o Sindicato dos Trabalhadores.

O Sr. Nelson Fanan lembra como foi a formação da chapa vencedora, a qual considera como uma grande transformação no cenário sindical da cidade e, ao mesmo tempo, apesar de nunca ter feito parte da liderança sindical, sabe o quanto sua participação foi fundamental em seu surgimento, mesmo tendo tido vários prejuízos:

> *"Dentro desse movimento tudo, né? Aqui mesmo na fábrica que eu trabalhei, tinha uma Pastoral Operária, depois mudou pro sindicato, né? Eu só não entrei pro sindicato porque toda vez que ia...precisava da carteira, vamos dizer atualizada, eu tava desempregado. Porque pra ser diretor, formar uma chapa, eu tava sempre desempregado. Num fui diretor mas eu participei até pouco tempo. Mas aí depois formou o partido, que hoje né? O partido do PT. Com isso tudo, a gente paga um preço caro por essas coisas, porque olha, quem era da Pastoral Operária, quem ajudou a formar a nova chapa do sindicato, que veio do ABC e tem uma história também. Um professor de História que veio lá do ABC formando tudo, né? E formou o partido, era perseguido, polícia e patrão. Meu nome rodô na lista negra. Porque os patrão punha na lista negra. Esse aqui não, esse aqui é do sindicato, esse aqui é do Partido, esse aqui é da Pastoral Operária."*[106]

Essa formação não foi pacífica, pois era ligada a ideologias de esquerda, o que era motivo de perseguições políticas por parte dos patrões e militares:

> *" Entre 78 e 79 nós já tava se reunindo no São Benedito escondidinho, porque não podia né? Porque se pegasse dava coisa de polícia. Eu perdi um emprego de dezessete anos por causa da Pastoral Operária. Por mais que você se esconde, você leva a coisa escondida. E tinha um livretinho, chamava Hora Extra, que ele trazia de São Paulo, orientando contra a ditadura, né? E uma poção de coisas, ele vinha sozinho,*

[106] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

> *as vezes ele vinha sozinho reunir aqui. As vezes tinha um, dois, três. E da Pastoral Operária saiu o partido, saiu o sindicato que formou mesmo."*[107]

O "novo movimento" foi caracterizando-se politicamente até culminar em sua formação partidária, o PT, acarretando uma nova forma de movimento trabalhista na cidade e também incentivando a formação de sindicatos nas outras categorias.

Hoje o Sr. Nelson é conhecido por todos pelas suas lutas. Está aposentado, mas ainda atua ativamente na busca de direitos e melhores condições de trabalho para os operários calçadistas. Dirige a Associação dos Trabalhadores Aposentados de Franca e recentemente foi homenageado com o título de Cidadão Francano.

Para alguns entrevistados, o sindicato teve grande participação na luta por melhores condições de trabalho e de salário, e foi muito representativo na luta contra as formas de terceirização e o trabalho infantil. Para outros entrevistados o sindicato nunca teve grande importância, portanto não valia a pena envolver-se em questões sindicais.

O Sr. Paulo Vergueiro é associado ao sindicato e já participou de várias lutas sindicais como, por exemplo, a greve de 1986:

> *"Acho que foi em 86, uma das maior greve que teve na Franca. Foi em 86. Parou a Franca praticamente total. Todas as fábricas e nós saímos na Franca inteira em passeata e passeou nessa Franca inteira. Polícia jogou bomba, bomba em cima dos trabalhador e foi a maior bagunça...Pra aumento de salário, porque tinha muito serviço. As fábricas tinha serviço até e num dava conta do serviço. E o salário, querendo mais aumento, né? Aumento melhor, então fazia greve. Naquela época fazia greve, greve grande, das vez muitos dias".* [108]

Em 1984, por intermédio do Sindicato dos Sapateiros, juntamente com o Diretório Acadêmico da UNESP, várias reuniões foram feitas e houve grandes mobilizações na cidade, com grande participação dos trabalhadores, principalmente os do setor calçadista, no movimento pelas "Diretas Já!", iniciando-se assim um caminho de lutas e de maior participação política por parte dos trabalhadores francanos. Nesse mesmo ano foi realizado o 1˚ Congresso dos Sapateiros de Franca, que teve a participação de 200 trabalhadores de várias fábricas da cidade.

---

[107] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[108] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

Em 1985 houve a maior campanha salarial da cidade com a greve iniciada em 30 de janeiro. Praticamente todas as fábricas de Franca pararam suas atividades e iniciou-se uma grande marcha por toda a cidade. A repressão policial foi intensa, marcante. Vários diretores do sindicato foram presos e inúmeros trabalhadores foram feridos. Tal forma de repressão gerou enorme revolta entre os operários que, indignados, depredaram várias fábricas.

No panfleto abaixo temos uma foto dos trabalhadores manifestando-se em passeata pela cidade e o detalhamento das fábricas onde a paralisação foi total ou parcial. O documento destaca a oposição da imprensa e os ideais do sindicato em relação aos interesses trabalhistas e aos próprios interesses políticos do partido que o comandava. A pauta de reivindicações também aparece ali: nela, misturam-se questões relacionadas com o trabalho (salário, estabilidade, 40 horas semanais), outras com as condições de vida (BNH, congelamento) e questões políticas gerais (rompimento com o FMI) que, de alguma forma, acreditavam, interferia nessas condições de vida.

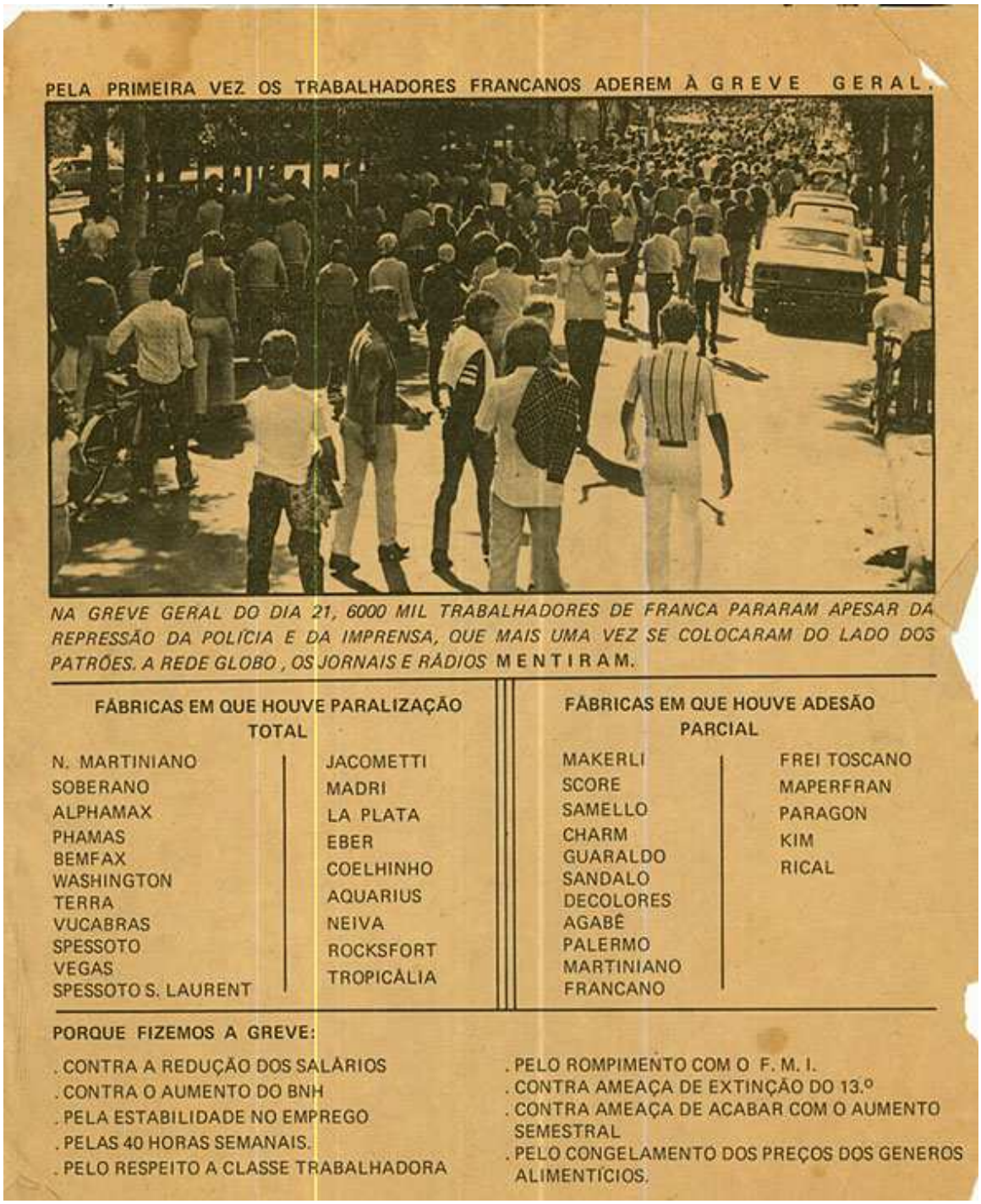

Fig. 13. Panfleto da greve de 1985 na cidade de Franca. Acervo Nelson Fanan, 1985.

No panfleto abaixo o sindicato critica a forma como os patrões reagiram à greve de 1985: "... mobilizaram um verdadeiro exército contra os trabalhadores". Em vista da violência ocorrida durante as manifestações, o Sindicato dos Sapateiros viu-se obrigado a dar ponto final à greve sem que suas reivindicações fossem atendidas, o que só aconteceria posteriormente.

Fig. 14. Panfleto do Sindicato dos Sapateiros e foto da greve geral de 1985. Acervo Nelson Fanan, 1985.

O Ministério do Trabalho vetou o sindicato e cassou seus diretores. As reuniões sindicais continuaram clandestinamente nas dependências da Pastoral

Operária, na Igreja de São Benedito. Em abril de 1985, o Sindicato dos Sapateiros foi reaberto e retomou a sua liderança e as suas atividades.

Em 1986 foi realizada uma nova campanha salarial, mas de maneira pacífica, sem greves e feita apenas por reuniões. Nessa campanha conseguiu-se acordos entre os patrões e os trabalhadores e também a redução da jornada de trabalho de 48 para 46 horas semanais.

Nesse mesmo ano, devido ao pacote econômico do governo intitulado de “Plano Cruzado”, o piso salarial dos sapateiros, conseguido com as greves, assembléias e lutas sindicais, foi reduzido consideravelmente. Para que recuperassem essa diferença e retomassem o acordo salarial anterior foi iniciada, no dia 11 de fevereiro, uma greve geral. A paralisação contou com a participação de 70% dos trabalhadores e durou 15 dias.

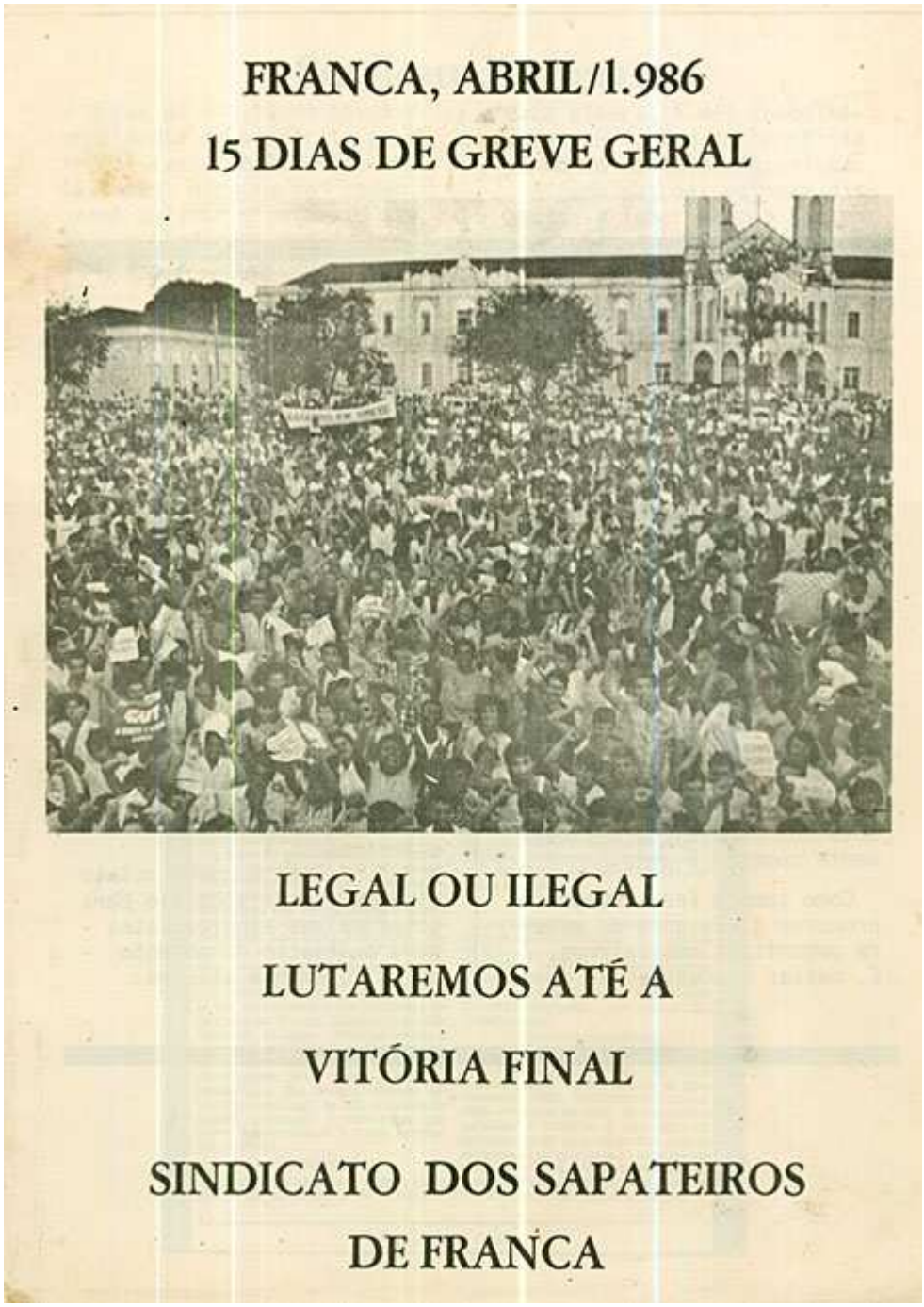

Fig. 15. Foto dos trabalhadores em greve reunidos na praça da Igreja da Capelinha. Acervo Nelson Fanan, 1986.

As greves de 1985 e 1986 foram as que obtiveram a maior participação dos trabalhadores de Franca em movimentos trabalhistas. De acordo com o boletim do

sindicato, a campanha salarial teve repercussão nacional, sendo noticiada em vários jornais:

E A CAMPANHA SALARIAL DE 1985 COMEÇOU COM A ORGANIZAÇÃO POR BAIRROS E MAIS DA METADE DA CATEGORIA PARTICIPOU DAS ASSEMBLÉIAS.

ESSE GRAU DE ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DESPERTOU A ATENÇÃO DE TODA A IMPRENSA BRASILEIRA QUE VEIO TESTEMUNHAR ESTE SURPREENDENTE GRAU DE ORGANIZAÇÃO DOS SAPATEIROS DE FRANCA.

FOLHA DE S. PAULO

Acaba greve dos calçadistas em Franca

O ESTADO DE S. PAULO

Em Franca, sapateiros chegam a acordo salarial

Diário Popular

Mais de cem feridos na greve em Franca

JORNAL DO BRASIL

Fábio Cândido da Silva, afastado do sindicato, é aplaudido pelos colegas em assembléia

Sapateiros aceitam proposta e voltam ao trabalho em Franca

Fig. 16. Foto de manchetes de jornais nacionais e locais, sobre a greve de 1985. Acervo Nelson Fanan, 1985.

Os trabalhadores que participaram do movimento, acreditavam que era possível através dele melhorar o trabalho, o salário e outras condições, mesmo sabendo que conseqüências prejudiciais a eles podiam surgir:

> *"Foi nessa greve que eles me mandaram embora. Porque a fábrica toda parou, num é que a gente em si ia sozinho fazer bagunça, mas a fábrica, assim, praticamente inteira participou e aí, participou também, entrou na greve, teve na greve, rua. Praticamente todo mundo. Na hora foi mandando, mais um pouco. Mas dentro de um mês e pouquinho, depois de analisar tudo na fábrica, mandou todo mundo embora".* [109]

As fábricas reagiram contra os trabalhadores grevistas, muitos foram demitidos de seus empregos sem saber claramente o por quê, como afirma em depoimento o Sr. Paulo

> *"Não num fala. Dispensa e... num tem...Se a pessoa tá trabalhado numa fábrica, pessoa chega e fala assim: 'Oh, a partir de hoje seu serviço não nos interessa mais'. Assim, num avisa, a fábrica num vai explicar o motivo que ela tá mandando embora".* [110]

Se muitos trabalhadores, em suas narrativas, ressaltam o sindicato enquanto espaço de luta, como o Sr. Nelson Fanan ou Paulo Vergueiro, outros entendem que a luta sindical não vale a pena e que o sindicato deveria estar voltado para outras demandas dos trabalhadores.

Outro trabalhador, João Paulo, vê o sindicato não só como uma forma de luta por melhores salários, mas também um lugar onde se tem lazer e diversão. Um lugar onde você realmente é associado, como se fosse um "clube", e são essas atividades e relações que ele acredita deveriam ser valorizadas:

> *"E muita gente tem o sindicato...Oh, tem o clube do Sindicato dos Sapateiros que é lá no Jardim Martins, muita gente pode freqüentar, jogar bola, brincar, nadar lá, a semana toda. E eles num dão valor nisso, pra eles isso aí num é nada.".* [111]

Para outros, o relacionamento com o sindicato não vale à pena devido ao risco de ficarem desempregados, já que lutar por melhores direitos e salários pode trazer prejuízos na relação entre os empregados e os seus empregadores. O Sr. Centeno, por exemplo, encara a luta sindical como uma guerra perdida, onde o patrão, que tem maior poder aquisitivo, dita as regras e o melhor a fazer é abaixar a cabeça e obedecer:

---

[109] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[110] Idem.
[111] João Paulo da Silva. Entrevista realzada em 19/01/2004.

> *"O sindicato... não num vale a pena, você levar uma fábrica e um proprietário no sindicato num vale a pena. Só problema, pra você mesmo. O dono da fábrica, ele tem o dele, ele vai lá paga. Mas pra você, você fica mal visto no setor calçadista. Geralmente o pessoal, o cara que é do sindicato, a pessoa que é do sindicato eles num gosta de dar serviço. Principalmente o cara que é da CIPA, aí eles num gosta de pegar de jeito nenhum."* [112]

Também se percebe que a falta de informação por parte de alguns trabalhadores acaba gerando uma barreira em relação aos movimentos trabalhistas, como a participação dos mesmos no sindicato, em reuniões, assembléias e greves. A noção do que é CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), por exemplo, para Centeno, demonstra essa falta de informação e a associação de elementos diferenciados como se fossem uma única coisa. Na fala do Sr. Nelson Fanan observa-se essa confusão que, geralmente, muitos trabalhadores francanos carregam:

> *"CIPA? As iniciais eu nem sei bem, mas é uma comissão sobre a saúde e..., assim, coisa prejudicial a saúde. Só que a CIPA tinha, tinha é..., como se diz, uns elementos que representava o trabalhador e os elementos que representava o patrão. Então por exemplo, a CIPA, vamos formar a CIPA, mas misturava tudo, entendeu? O sindicato falou: "Não, CIPA, CIPA, é defender o trabalhador, a CIPA do patrão é essa."* [113]

As CIPAs são obrigatoriamente organizadas por todas as empresas públicas e privadas que têm seus empregados regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas, a CLT. A CIPA tem como objetivo observar e relatar as condições de risco nos ambientes de trabalho e solicitar medidas para reduzir ou até eliminar os riscos existentes. Também se discuti na CIPA os acidentes ocorridos, que são encaminhados aos Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho e, ao empregador, são encaminhadas as conclusões dessa discussão, solicitando que medidas sejam tomadas para que previnam acidentes semelhantes.[114]

A CIPA é composta por representantes do empregador e dos empregados, de acordo com as proporções estabelecidas pela mesma. Os membros da CIPA, tanto de um lado quanto do outro, devem realizar cursos preparatórios sobre prevenção de acidentes que são fornecidos pelo próprio empregador e, no caso de Franca, são

[112] Antonio Centeno. Entrevista realizada em 09/07/2004.
[113] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[114] Sobre a CIPA consultar fonte: http//www.puc-rio.br/parcerias/cipa/nr5-4.html

oferecidos também pelo Sindicato dos Sapateiros. Talvez esse fato explique a má compreensão dos trabalhadores que acabam entendendo a CIPA como sendo um órgão regido pelo sindicato e não pelos empregados e empregadores.

Atualmente o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados e Vestuário de Franca e Região (Sindicato dos Sapateiros) é presidido por Paulo Afonso Ribeiro. Conta com aproximadamente quatro mil e oitocentos filiados, que pagam mensalidade, e também com alguns aposentados e outros que foram afastados de suas funções pelo INSS. Seu presidente, Paulo Afonso, é natural de Mutum-MG, onde morou até os 14 anos de idade. Chegou em Franca em 1985 e trabalhou em várias fábricas de calçados. Ingressou na diretoria do sindicato em 1994 e está na presidência desde o ano 2000. Seu atual mandato finda em outubro de 2006.

O Sindicato dos Sapateiros esteve presente e atuante não só nas greves ocorridas na década de 1980, após a sua fundação, mas também em outras questões que se apresentaram da década de 1990 como a reestruturação produtiva, a terceirização e o trabalho infantil.

Aliado ao Ministério Público, o Sindicato conseguiu que cobrassem das empresas que terceirizaram partes de sua produção um termo de compromisso chamado TAC, já comentado no segundo capítulo da presente pesquisa. Tal termo tem o intuito de diminuir a informalidade na contratação dos empregados e oferecer a esses trabalhadores direitos trabalhistas que, durante o processo de terceirização ilegal, foram totalmente ignorados. Como já comentado, o maior problema da terceirização em Franca é saber onde ela está ocorrendo:

> *"O Ministério Público deve tá vindo em Franca, pra tá apresentando uma proposta, na realidade não é apresentando, é impondo uma situação pra empresas de regularização das condições de trabalho, então tem esse problema de localização do que é desemprego em Franca. Pra você ter idéia, no ano passado (2002) tivemos na cidade vinte mil rescisões de contrato de trabalhadores, no entanto nós não tivemos durante o ano vinte mil trabalhadores desempregados."*[115]

Para Paulo A. Ribeiro, a terceirização, intensificada na década de 1990, foi feita com o intuito de diminuir os custos das empresas, porém acarretou a precarização do trabalho, pois eliminou vários direitos trabalhistas. Muitos

[115] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.

trabalhadores passaram a exercer suas atividades precariamente, de formas prejudiciais a saúde e trazendo benefícios apenas para um dos lados:

> *"Há quinze anos atrás nós tínhamos basicamente noventa porcento da produção, pra não dizer cem, noventa porcento da produção das indústrias e os empresários usaram o processo de terceirização pra poder diminuir custo, mas sendo que a lógica da terceirização, né, ou pelo menos teoricamente, o que que o capital diz, que a terceirização é, ela vem no sentido de aprimorar um determinado, é..., setor da produção, na área do calçado por exemplo. Então teoricamente alguém que faz só pesponto, ele vai fazer um pesponto melhor, ele vai te trazer um cabedal mais bem feito, mais bem cortado, porque ele faz só isso, ele num trabalha com sola, com colagem, com nada, com esteira, nada disso, ele trabalha com aquilo, só que na realidade o que eles fizeram foi usar o processo de terceirização pra.. pra... precarizar as relações de trabalho, não garantir os direitos e com isso garantir o seu custo e aumentar a lucratividade e ocupar novos mercados, mais usando um campo social e também um campo econômico, né? Então a mudança substancial que se deu nos últimos anos foi isso."*[116]

A terceirização na cidade de Franca tornou-se sinônimo de precarização do trabalho devido o modo como foi aplicada nas bancas, como as de pesponto, por exemplo, como Paulo nos explica:

> *"O trabalhador que está precarizado na Indústria calçadista de Franca, não só de Franca como de todo país, né? Por que que ele está precarizado? Porque ele está num ambiente precário de trabalho, porque a casa dele num é lugar pra ele trabalhar, num tem estrutura pra isso, o relógio, a força não tá preparada, a água num tá preparada, a cozinha num tá preparada pra ser uma banca de pesponto, ou mesmo a varanda, quando faz muito calor o sol bate, tá aberto ou quando faz frio, quando chove, não é um lugar preparado, então ele está precarizado."*[117]

Em 1994, o Núcleo de Promoção e Educação em Saúde Escolar da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, elaborou um Manual de Trabalho Infantil para compreender a interpretação das crianças, pais e outros grupos da sociedade sobre o trabalho infantil e os riscos decorrentes deste. Nesse mesmo ano foram recolhidos dados em 45 escolas do município[118] com o apoio do Sindicato dos Sapateiros de

[116] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.
[117] Idem.
[118] Dados encontrados na página: http://www.usp.br/agen/rede410.htm#Trabalho%20infantil. Acesso em 14 de outubro de 2005.

Franca [119]. Essa pesquisa levantou um problema que ocorria na cidade e estava se intensificando cada vez mais devido ao processo de terceirização das empresas calçadistas com as bancas.

Em 1998, o grupo já citado organizou na Câmara Municipal de Franca uma oficina cujo objetivo foi discutir os resultados da pesquisa, juntamente com o sindicato, professores, pesquisadores e integrantes do UNICEF. O presidente do sindicato se orgulha da participação no trabalho realizado:

> *"Nós tivemos um problema sério com trabalho infantil é em mil novecentos e noventa e três, noventa e quatro, né? Que nós fizemos um estudo, os empresários não quiseram discussão em relação a pesquisa que nós fizemos sobre uma fundação né? É a USP e acabou se tornando uma coisa tão grande. Hoje o Brasil inteiro fala, né, que lugar de criança é na escola e essa frase nasceu aqui nesse sindicato (...) então hoje a Globo usa, a Abrinq usa, todo mundo usa, mas partiu daqui esse trabalho. Então a partir de um sindicato, de uma ação sindical nossa os empresários reagiram a nossa ação, fundaram o pró criança, né? E outras instituições também surgiram e hoje eu posso afirmar que dentro das grandes empresas, das grandes e médias empresas, médias e grandes empresas montadoras de calçados que acabam o sapato, não tem trabalho infantil, isso eu afirmo em qualquer lugar, mas na cadeia produtiva do calçado ainda existe trabalho infantil, de uma certa forma, porque hoje o trabalhão infantil tá lá dentro das casas das pessoas que a terceirização tá lá dentro, e essa questão do Ministério Publico esse documento que nós tratamos anteriormente ele veio no sentido de também resolver essa questão do trabalho infantil".*[120]

Como discutido no segundo capítulo o Ministério Público tem atuado desde então nesta questão que, infelizmente, ainda não está totalmente erradicada.

Como presidente do sindicato, Paulo A. Ribeiro expressa sua defesa do sindicato como um meio de luta: o trabalhador tem para exigir que seus direitos sejam cumpridos, ou seja, um instrumento de representação do trabalhador. O Sindicato dos Sapateiros possui alguns serviços que ele considera essenciais como, por exemplo, o cálculo trabalhista e a rescisão de contrato, e outros que não deveriam integrar o leque de serviços oferecidos, como a assistência médica ou odontológica, já que, em sua visão e na de muitos outros trabalhadores, isto caracterizaria o sindicato como assistencialista (como era conhecido antes da união com o PT) e os custos de tais serviços implicariam na elevação do preço da mensalidade sindical, o

[119] Dados encontrados na página: http://www.usp.br/agen/rede410.htm#Trabalho%20infantil. Acesso em 14 de outubtro de 2005.
[120] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.

que oneraria o salário. A mensalidade "barata" possibilita um número maior de trabalhadores associados ao sindicato:

> *"Nós somos, nós somos um sindicato, aliás aqui num tem um perfil assistencialista, a única coisa que nós não conseguimos acabar nesse sindicato, que é assistencial, é essa barbearia que tem aqui embaixo, né? É que atende os homens da categoria e tal, e nós temos um clube pertinho, mais um clube recreativo, é lazer num é assistencialismo, né? Eeee... então nós tínhamos aqui dentista, nós tínhamos médicos, nós tínhamos é é a... psicólogo, nós no passado tinha de tudo aqui nesse sindicato, só que aí o sindicato cobrava é... contribuições compulsórias, e o trabalhador num concordava, mas descontava, né? Uma série de, então nós preferimos o que, nós sobrevivemos de mensalidade sindical, né, ou seja, de mensalidade do associado, que é o cinco reais".*[121]

> *"O trabalhador, embora ele seja, sendo sócio ou não, é atendido no sindicato a hora em que ele precisar do sindicato, se ele precisar da estrutura que é do associado que é diferente, então nós fizemos essa opção, nós não fazemos assistencialismo, nós não damos dentista, médico, nada disso, num tem colônia de férias, porque até porque é muito longe da praia porque fica inviável o trabalhador que ganha em média de quatrocentos reais por mês, como é que ele vai levar a família pra praia, vão ter uma colônia obsoleta, que vai gastar, que o prefeito até as vezes, as prefeituras do litoral liga, manda fax, e tal, mas você só pode adquirir o terreno pra construir, mas num temos condições de construir, mesmo porque fica muito longe pro nosso associado ir até lá, né? É... então nós temos essa opção, então os serviços que nós é...é... prestamos aos aos aos filiados hoje, é o trabalho de secretaria pra fazer rescisão num cobra, pra fazer um cálculo trabalhista, pra pode resolver o problema de uma empresa pra ele, qualquer coisa. Ele tá precisando de bater algum documento, alguma coisa ele num precisa ir no escritório ele pode vir aqui que as nossas meninas que trabalham na secretaria bate pra ele, né? É mais principalmente o serviço que nós prestamos pra categoria é o compromisso político de estar do lado dos trabalhadores em qualquer hipótese, se o trabalhador por fogo na fábrica nós vamos ficar do lado dele, ele tá errado, eu num to discutindo se ele tá errado se ele tá certo, mas nós vamos ficar do lado dele."*[122]

Para Dominici o sindicato assistencialista era aquele dirigido pelos "pelegos". Era um mecanismo de manipulação dos trabalhadores:

> *"Os sindicatos dirigidos pelos"pelegos", na sua maioria, permanecem com poucos filiados e, mesmo estes muitas vezes estão mais interessados em assistência social ou serviços (médico, dentista, advogado,*

[121] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.
[122] Idem.

> *colônia de férias, etc.), para manter a classe amorfa, infundindo concepções burguesas e a não participação na luta."*[123]

Os interesses do sindicato acabam colidindo com os interesses dos trabalhadores. Muitos associados têm interesse em serviços de saúde, por exemplo, e não só nas questões políticas que os dirigentes lhes apresentam e que para estes são fundamentais.

O número de trabalhadores sindicalizados em Franca caiu drasticamente nos últimos anos. Em 1982 o número era de aproximadamente 14000 e hoje conta com 4800 filiados.

Para os membros do Sindicato este fato se deve a dificuldade de "encontrar" trabalhadores dispostos a tornarem-se associados já que muitos operários trabalham terceirizados em bancas, realizando seus serviços em curtos períodos de tempo devido a rotatividade empregatícia da indústria calçadista e pelo grande número de trabalhadores informais, impossibilitando, no caso destes, o desconto das mensalidades na folha de pagamento. Para Paulo Afonso Ribeiro, presidente do sindicato, esse é o fato que justifica a diminuição do número de associados:

> *"Nós já tivemos no sindicato mais de quatorze mil, trabalhadores é... filiados e contribuindo em dia com a mensalidade é... mas isso foi num outro momento quando nós éramos trinta e seis mil trabalhadores na categoria, hoje nós somos dezoito mil formados dentro da empresa, né?,Nós temos um problema que é a terceirização".*[124]

Já o Sr. Nelson Fanan, um trabalhador filiado ao sindicato desde a década de 1950 e participante ativo das manifestações dos trabalhadores, interpreta que é a falta de liderança que leva o trabalhador a se afastar do sindicato. A distância percebida entre a associação e seus filiados seria a responsável pelo descrédito do sindicato hoje, que não está conseguindo construir novos canais de participação nas situações vividas pelos trabalhadores nas suas relações com as empresas:

> *"Tinha liderança do sindicato dentro da fábrica, então você contava com a liderança. Hoje ficou meio longe, num sei porque. A rotatividade foi demais, e foi, foi piorando. Quando cê chega a formar uma, você não sabe onde ele tá. Cê forma uma hoje, ele tá noutra fábrica, as vezes ele tá sozinho. (...) É tem uma fábrica que eu fui na porta deles fazer um piquete, o ano passado. Na porta da fábrica quem tinha senha, pegava, tinha senha da*

[123] DOMINICI, Gilmar. Sapateiros em Luta. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Franca, 1988.
[124] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.

> *firma entrava, se não num entrava, cê entendeu? Cê queria conversar com o trabalhador, eles desviava, desviava de você e já ia entrando.(...) Aí o que que acontece, desmoraliza a diretoria e a categoria, e o patrão só em cima."*[125]

A falta de interesse dos trabalhadores pela associação se dá também pela falta de informações sobre o que atualmente é o sindicato. Em geral os operários calçadistas não sindicalizados hoje vêem o sindicato como uma organização representada por um partido, que nem sempre é aquele que atende aos interesses dos trabalhadores e que, em épocas de eleições, mistura interesses da categoria com os interesses eleitorais. O trabalhador filiado acaba sendo filiado ao Partido dos Trabalhadores e "perde" o direito de ser apenas sindicalizado, pois se vê "obrigado" a também pertencer a um partido político.

Podemos perceber essa característica política do sindicato desde sua mudança em 1982. Essa vinculação entre sindicato e partido é ressaltada por Dominici no seu trabalho de conclusão de curso: *"os movimentos dos sapateiros contribuíram muito para a organização e o crescimento do PT, haja vista os resultados eleitorais do partido em novembro de 1988: quatro vereadores eleitos, três têm ligações com o sindicato"*.[126] Gilmar Dominici também foi eleito prefeito da cidade de Franca por duas vezes consecutivas, mas não conseguiu eleger o candidato do PT como seu sucessor nas eleições de 2004, que foi vencida por Sidnei Franco da Rocha, do PSDB.

Para o presidente do Sindicato dos Sapateiros, Paulo Afonso, este distingue-se dos demais sindicatos por ser um dos poucos que "legitimamente" defendem os interesses dos trabalhadores diante de seus patrões:

> *"É totalmente democrático, quem...todo mundo que é sócio do sindicato é por livre e espontânea vontade, por isso que esse sindicato nós....nós..que ele tem um pouco de diferente dos outros. Então nós num ...num...fica levantando demais a nossa bola, porque é ruim, num tem isso, mas nós tentamos trabalhar diferente dos demais, não só nóis,. vários sindicatos petistas são assim, dentro a CUT também temos problemas, sindicatos que num representa os trabalhadores de fato nem todo mundo que tá dentro da CUT tem a mesma concepção nossa. Tem gente que tá dentro da CUT só pra usar o guarda-chuva da CUT, só pra dizer que é cutista pra*

[125] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.
[126] DOMINICI, Gilmar. Sapateiros em Luta. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Franca, 1988.

> *conseguir verba no FAT, num sei o que, tem tudo isso, né? Mas esse é o.... Esse é o.... perfil do nosso sindicato."*[127]

O Sindicato dos Sapateiros também possui um programa de rádio na emissora Difusora FM chamado "A Voz dos Sapateiros", transmitido das treze às quatorze horas, aos sábados, e um folhetim intitulado "O Sapateiro".

O folhetim é editado mensalmente e surgiu em 23 de novembro de 1941, durante a gestão do "antigo" sindicato, o "Sindicato Pelego". Tinha um intuito apenas informativo, porém hoje podemos perceber o caráter reivindicativo que o boletim adquiriu, fazendo uso do logotipo da CUT e elementos característicos do PT, como por exemplo, o uso da expressão "companheiros".

[127] Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 04/07/2003.

O SAPATEIRO

Filiado à CUT BRASIL

SAPATEIRO

SINDICATO

Boletim nº 484 - Fevereiro 2005

CAMPANHA DOS SAPATEIROS 2005

0% Esta é a proposta do seu patrão

Companheiros/as

Depois de oito rodadas de negociações, com muito custo conseguimos discutir toda a nossa pauta, os patrões simplesmente não apresentaram nenhuma proposta de reajuste, ou seja, até agora, a proposta de reajuste é 0%.

Em relação aos outros pontos da pauta, escutamos muito não, alguns talvez e nenhum sim concreto até agora. Esperamos que os patrões mudem de atitude nas próximas reuniões, pois até agora as argumentações usadas não foram capazes de nos convencer de que as empresas não podem atender as nossas reivindicações.

Todos nós sabemos o quanto nós trabalhamos no ano que passou, o quanto de horas extras que foram feitas, a velocidade das esteiras, o quanto que os pecistas trabalharam e o tão pouco nós estamos recebendo pela nossa força de trabalho.

As exportações foram recordes, algo em torno de 12 milhões de pares, sem contar o mercado interno que consumiu alguma coisa em torno de 20 milhões de pares fabricados pela nossa categoria. Enfim, todos os indicadores mostram que às empresas estão fortalecidas e produzindo muito lucro para os patrões.

Daqui a alguns dias se necessário, entraremos mais a fundo na questão da produtividade e da lucratividade das empresas, já que os patrões insistem em dizer que não tem condições de nos atender e para responder setores da imprensa que insistem em afirmar que as nossas reivindicações são absurdas.

Vejam no verso algumas das nossas reivindicações e a resposta dos patrões para cada uma delas até agora.

Pela valorização da nossa força de trabalho

LEVANTE-SE, VAMOS À LUTA!

Você vem, ou vai ficar aí parado/a?

Na última Assembléia já enchemos o barracão, mas isso não basta se quisermos alcançar os nossos objetivos.

Sabemos que os patrões só saem da toca quando as Assembléias estão cheias, com os trabalhadores e as trabalhadoras nas ruas exigindo os seus direitos.

Portanto, companheiro/a.

Não fique aí parado/a só esperando, venha ajudar conquistar os nossos objetivos.

Assembléia Geral

SEXTA-FEIRA (25/02), ÀS 17:30 HORAS, NA SEDE DO SINDICATO

LEVANTE-SE, VAMOS À LUTA!

Fig. 17. Folhetim “O Sapateiro”, fornecido pelo Sindicato dos Trabalhadores de Calçados e Vestuário de Franca e Região, 2005.

Esse tipo de campanha por aumento salarial, observada no folhetim, acontece em todos os inícios de ano e, em algumas, dependendo da participação operária e da organização do movimento, conseguem resultados positivos.

Para Gilmar Dominici, os elementos fundamentais para o desenvolvimento sindical são a imprensa sindical, campanhas salariais e a formação política de seus membros. A imprensa sindical de Franca, portanto, constitui-se principalmente do folhetim "O Sapateiro", que possui forma simples e linguagem direta, o que facilita a comunicação com os trabalhadores. As campanhas salariais, para este autor, são as maiores evidências da presença de um novo sindicato, sendo um elemento fundamental no processo de conscientização e mobilização da categoria dos sapateiros através das negociações e assembléias que são realizadas.

Para alguns trabalhadores essas assembléias são importantes e representam uma perspectiva positiva, pois há a possibilidade de um aumento salarial e de melhorias como um todo para a categoria, porém acreditam que a luta seria mais valorizada se houvesse melhor organização e participação dos operários, que, na sua maioria, não se interessam pelo movimento:

> *" Igual, o ano passado teve um aumento de dezessete ponto alguma coisa no salário da gente. Só que foi aquela coisa, no começo, na primeira palestra que eles... todo começo de ano eles começam a soltar um folheto pedindo pra pessoa ir, discutir as coisas. E num vai muita gente. Eu, por exemplo, fui, agora tem gente que num vai, fala que o sindicato é a toa, que num serve. Aí, por fim mesmo, a hora que o patrão num queria dar aumento mesmo, aí começou a encher a rua, aí bloqueava a rua, vinha aquele monte de gente, mais gente e aí por fim conseguiu um bom aumento. Quer dizer se não fosse o sindicato num teria conseguido."*[128]

A falta de organização e participação dos trabalhadores também é ressaltada, porque além de enfraquecer o movimento, fortalece e incentiva os donos das fábricas a resistirem a qualquer tipo de negociação:

> *"A última houve, houve, assim, cê vê que o patrão, cê senta na mesa pra negociar a campanha salarial, eles debocham mesmo, eles não dão nada, começa a brigar, começa né? Agora até que começa a aumentar as assembléias, assembléia começa a fazer no barracão, cinqüenta, duzentas, as vezes não cabe mais vai pra rua, na rua fica feio porque tá pouco, a gente vai indo. As últimas assembléias chegou a juntar quatro mil, cinco mil. E eles conseguiram um aumento razoável, a diretoria. Depois de muita luta, de muito boletim, né? Mais uma turma que tava desempregada também né? Que misturou, bagunçou, lutou pela greve. Então vamo dizer, quase que o acordo que saiu caiu, só que na hora da greve eles num fizeram. Aí o patrão debochou mesmo."* [129]

[128] João Paulo da Silva. Entrevista realizada em 19/01/2004.
[129] Nelson Fanan. Entrevista realizada em 02/03/2005.

Outro elemento importante a ser considerado é a organização política sindical, formada por uma equipe de assessoria composta por advogados e assistentes sociais, que assistem os dirigentes do sindicato.

A formação política dos dirigentes do sindicato é considerada fundamental, e para isso, na década de oitenta, o sindicato começou a organizar cursos de formação de diretores, apoiados por alunos do curso de Serviço Social da UNESP, campus de Franca, que ajudavam na organização dos cursos e também ministrando-lhes aulas vinculadas a assuntos sobre administração sindical. Na base da organização desses cursos está a premissa de que diretores mais capacitados fazem com que o sindicato tenha maior controle sobre a categoria, assim como melhor poder de organização e de representação.

No início da década de 1980 as campanhas de abertura política das "Diretas Já" estimularam a formação de movimentos de lutas operárias por todo o país. No município de Franca essa luta foi motivada também pelo fato de que a indústria calçadista passava por uma de suas melhores fases de produção, principalmente no setor de exportação de calçados. Tal fato encorajava a luta sindical nos trabalhadores que não tinham medo de serem demitidos, pois o emprego era abundante na cidade. O Sr. Paulo, que foi dispensado de um emprego de doze anos por causa da greve de 1986, não teve dificuldade alguma para ingressar em outra fábrica:

> *"Antes de eu terminar lá, já tinha aqui três ou quatro fábrica na minha casa aqui. Eu já morava aqui já, veio me procurar"*[130]

A partir da década de 1990 vieram os períodos de queda na produção calçadista e a terceirização das partes do setor produtivo, o que aumentou o desemprego no setor e causou a precarização do trabalho na cidade. Os trabalhadores perderam a motivação para participar de qualquer movimento operário que pudesse prejudicá-los. Era e ainda é melhor manter o emprego com o mesmo salário do que correr o risco de perdê-lo.

O setor da indústria de calçados de Franca tem sua representação no Sindicato das Indústrias de Franca, o SINDIFranca. Desde o início de 1950 já havia na cidade a Associação dos Profissionais da Indústria de Calçados de Franca e, em 1959, a

[130] Paulo Vergueiro. Entrevista realizada em 02/03/2005.

associação transformou-se em sindicato. Seu primeiro presidente foi Américo Palermo, proprietário da Cia. de Calçados Palermo.

Para o empresariado, a transformação da associação em sindicato era necessária porque já existia o Sindicato dos Trabalhadores de Calçados e todas as negociações com a categoria, principalmente salariais, eram feitas diretamente com o Sindicato das Indústrias de Calçados do Estado de São Paulo, sediado na capital e distante 400 Km de Franca.

A principal função do SINDIFranca é defender os interesses políticos e econômicos das empresas e também prestar-lhes diversos serviços, como assistência jurídica nas áreas trabalhistas e tributárias, assessoria em comércio exterior etc. A entidade possui ainda um laboratório de testes físicos e químicos para calçados, e gerencia o aterro industrial da cidade, mantendo-o em condições ideais de não agressão ao meio ambiente. O Sindicato também participa do Instituto Pró-Criança, criado em 1994 para combater o trabalho infantil. O atual presidente do sindicato é Jorge Felix Donadelli, proprietário dos Calçados Donadelli, empossado em setembro de 2005 (o mandato tem duração de 3 anos).

Qualquer empresa que tenha como finalidade a produção de calçados pode se associar ao sindicato, que hoje conta com aproximadamente 500 fábricas filiadas. Alguns trabalhadores acabaram montando suas fabriquetas, que em sua maioria são irregulares (não registradas) e não fazem parte do sindicato, o que as deixa alheias a quaisquer questões que o SINDIFranca ponha em pauta sobre a fabricação de calçados.

Tanto o Sindicato dos Sapateiros quanto o Sindicato das Indústrias têm as suas dificuldades, como a de agregar novos membros aos seus quadros de filiados. Os trabalhadores e as fábricas informais, que no processo de terceirização do trabalho foram prejudicados e muitas vezes considerados como “inexistentes”, são um mercado paralelo gerador de recursos econômicos e empregos.

Assim os trabalhadores do setor calçadista demonstram suas aspirações, manifestam-se de forma própria, ou seja, dentro e fora do sindicato. Desde as primeiras manifestações o sindicato aparece às vezes como um órgão de apoio e em outras como o principal mediador nas negociações. A relação com o sindicato aparece como conflituosa, porque os trabalhadores têm posições diferentes sobre o papel do sindicato no movimento operário e, aliado a isso, as situações vividas por

eles em espaços e tempos diversos, os levam a construir relações variadas com as empresas, nem sempre no caminho proposto pelo sindicato.

Percebemos que a forma de luta trabalhista continua se modificando em Franca, ela era alheia ao sindicato, se vinculou e transformou-o e hoje parece que volta a se desvincular e a ficar alheia. Essa luta acompanha não os processos de mudanças nos sindicatos, mas o contrário, ela vem se modificando de acordo com o comportamento organizacional das empresas e das próprias mudanças culturais que os trabalhadores estão vivenciando.

Considerações Finais

A indústria calçadista de Franca é a maior produtora e exportadora de calçados masculinos do país e o setor mais importante da cidade. Entender esse setor através das relações de trabalho dos operários desta indústria é o objetivo principal desta pesquisa.

Com o desenvolvimento do setor calçadista o ambiente de trabalho deslocou-se das casas e oficinas, onde o sapato era produzido manualmente, para um ambiente de produção de maior escala, ou seja, a fábrica, onde inicialmente persistiu a produção manual dos calçados. Esse ambiente fabril modificou-se e desenvolveu-se ao longo dos anos, assim como a própria estrutura da cidade. Por meio das relações de trabalho pudemos analisar essas transformações e o significado que produziram na vida das pessoas que as vivenciaram.

Através dos depoimentos dos trabalhadores, inclusive daqueles que trabalharam na década de 1940, foi possível analisar como as transformações na indústria geraram mudanças em seus costumes, cotidiano e relacionamentos familiares, assim como nos aspectos geográficos da cidade de Franca.

As mudanças em Franca também provinham dos órgãos administrativos que visavam ampliar cada vez mais os investimentos do setor no município, assim como ampliar a sua mão-de-obra. Havia interesse por parte da Prefeitura Municipal de agregar a imagem do município aos calçados, e também de reordenar geograficamente a localização das fábricas, o que se deu na transferência da maioria delas para as periferias e para o Distrito Industrial, o que, conseqüentemente, também gerou o crescimento demográfico de tais regiões.

O crescimento do setor calçadista atingiu toda a região de Franca. Houve um grande processo de migração em direção a cidade, o que ocasionou um crescimento de até cem mil habitantes somente na década de 1980.

Percebe-se esse deslocamento populacional também em várias regiões brasileiras na mesma década, pois o Brasil passava por um processo de abertura econômica em fins da Ditadura Militar atraindo investidores, principalmente estrangeiros, e também favorecendo a exportação de diversos produtos em diferentes setores industriais.

O acelerado crescimento industrial gerou maior competitividade no mercado e a concorrência entre as empresas “forçaram-nas” a ingressar em um processo de reestruturação produtiva, que foi intensificada na década de 1990.

A presente pesquisa possibilitou perceber algumas diferenças e particularidades do setor calçadista em relação à reestruturação ocorrida em outros setores, mas também, assim como nesses outros setores, a reestruturação gerou um aumento da terceirização, da flexibilização e da precarização do trabalho, tema bastante discutido dentro dos centros acadêmicos.

A terceirização em Franca, como analisada, constitui-se em partes da produção do calçado, principalmente nas bancas de pesponto e na costura manual. Este incremento da terceirização influenciou o aumento do trabalho infantil no setor calçadista, já arraigado culturalmente na cidade devido ao fato de partes da produção dos calçados, como a costura manual, por exemplo, serem realizadas em residências onde inclusive as crianças se envolviam na produção. Tal fato reforçou a precarização deixando muitos trabalhadores sem registro e sem direitos, assim com trabalhando em ambientes totalmente inapropriados.

Através da entrevista realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores juntamente com o Núcleo de Promoção e Educação em Saúde Escolar da Universidade de São Paulo - USP, feita em 1994, com algumas crianças nas escolas de Franca, foi possível perceber como o trabalho infantil era difundido, principalmente nos costumes das próprias famílias que valorizavam mais o trabalho que a formação escolar.

O trabalho infantil em Franca foi combatido pelo Sindicato dos Trabalhadores e pelo Ministério Público, que de certa forma conseguiram amenizar o problema. Porém, infelizmente, era mais fácil localizar um foco de trabalho infantil do que alterar culturalmente as famílias que insistiam que os filhos menores trabalhassem. Além disso, com a má distribuição de renda que recai sobre as famílias, com a desigualdade social, com o desemprego e com o desmantelamento dos serviços públicos voltados à educação e à proteção da criança e do adolescente, o problema se agrava. Ainda há muito para ser feito contra este quadro, principalmente a longo prazo, como a difusão de políticas voltadas ao combate ao trabalho infantil entre empregadores e empregados, em toda a sociedade e em órgãos administrativos e educacionais.

A precarização do trabalho, principalmente nas bancas de pespontos, também foi e está sendo combatida pelo sindicato, pelo Ministério Público e por acordos tratados com as próprias empresas, alguns deles impostos pelos compradores internacionais; porém nas fábricas menores e em bancas informais, como naquelas onde os trabalhadores não possuem registros, e que se localizam em fundos de casa, garagens etc, o combate torna-se praticamente impossível. A solução não se encontra apenas na erradicação dessa forma de trabalho, que para muitos é a única maneira de sobrevivência, mas na regularização das bancas para que estas possam oferecer condições dignas de trabalho.

Podemos dizer que a reestruturação produtiva na indústria calçadista francana se deu mais em sua forma organizacional que tecnológica. Desde quando o trabalho dentro da fábrica ainda era totalmente manufatureiro, já havia máquinas para facilitar o aumento da produção e atualmente elas apenas se modernizaram.

A esteira, por exemplo, já estava presente nas fábricas desde a década de 1950. As mudanças que elas trouxeram na produção calçadista está vinculada à sua forma de implantação dentro das fábricas, nas chamadas células de produção que aceleram o tempo de fabricação do calçado aumentando a produtividade.

Além do aumento da produtividade essa nova forma de aplicação das esteiras exigiram maior flexibilização dos trabalhadores, ditando o ritmo e as atividades de cada um. No início existiam praticamente três profissionais na produção de calçados: o cortador, o pespontador e o montador. Em meados da década de 1970 as tarefas começaram a ser divididas.

As relações de trabalho foram afetadas com essas mudanças. O ambiente fabril que antes trazia um ar de familiaridade, onde as pessoas tinham mais tempo de convivência, relações de amizade intensas e companheirismo, agora tornara-se um ambiente totalmente formal.. Quais tipos de valores serão agregados às relações de trabalho?

Essa nova organização aumentou a produtividade, porém não se tornou sinônimo de qualidade, que é um dos requisitos de competitividade. O calçado é um produto que exige grande demanda do trabalho manual, e a sua qualidade está não apenas na matéria prima, mas principalmente na qualificação do trabalhador.

Antes da intensificação da reestruturação produtiva, e antes das múltiplas divisões de tarefas, o sapateiro era um “profissional”, cuja profissão aprendera através de todas as experiências obtidas na fábrica e não apenas no manuseio das

máquinas. Era uma produção artesanal, feita com dom, e a profissão era uma carreira a ser obtida com orgulho.

A divisão do trabalho levou também a divisão do “montante salarial”, isto é, da desvalorização salarial. A imagem do sapateiro como o profissional que tinha bom salário, estabilidade e status social foi desaparecendo até tornar-se apenas mais um emprego. A rotatividade dos empregos dentro do esquema de sazonalidade, a terceirização e os baixos salários desvalorizaram a profissão e debilitaram o próprio trabalho do sapateiro, assim como seus direitos trabalhistas.

A informalidade nos setores econômicos, característica não só dentro da indústria calçadista, necessita de novas formas de organização, regulamentação e direito que possam beneficiar esses trabalhadores.

Podemos destacar como principal forma de reestruturação tecnológica na indústria calçadista o aparecimento da máquina de montar o calçado, ou Molina, que produz até 2000 pares de sapatos por dia, exigindo intensa qualificação do operário e substituindo vários montadores dentro das fábricas.

Perante essas mudanças, a organização dos trabalhadores francanos se intensificou com o aparecimento de grupos organizados de discussões trabalhistas sobre a precarização e às novas formas organizacionais impostas pelas empresas aos trabalhadores. A nova organização trabalhista, antes representada pelo “Sindicato Pelego”, acabou tornando-se uma oposição ao sindicato supracitado com o apoio da Pastoral Operária.

As idéias de libertação da Pastoral Operária levaram a luta trabalhista para uma nova trajetória, que derrubou as lideranças do antigo sindicato, formando uma nova chapa vinculada ao Partido dos Trabalhadores, cuja sede na cidade de Franca foi fundada na década de 1980. Esse “novo” sindicato realizou greves, campanhas salariais, lutou por melhores condições de trabalho e realmente representou os trabalhadores de calçados em todas as suas reivindicações.

O sindicato deve ser um meio de luta, ou seja, um instrumento para o trabalhador reivindicar seus interesses. Mas, em Franca, o Sindicato dos Sapateiros vinculado com o partido político gerou interesses internos partidários que na maioria das vezes colidiram, e ainda colidem, com as aspirações dos trabalhadores, que continuam preocupados com seus direitos, melhores salários e condições de trabalho e não em vinculação partidária, eleições etc.

É necessário que o sindicato repense suas atuações e reorganize-se de acordo com as necessidades atuais dos trabalhadores, mesmo porque, a indústria calçadista tem passado por constantes mudanças, principalmente organizacionais, afetando milhares de trabalhadores diretamente.

Outro problema apresentado é a diminuição do emprego formal e o aumento do emprego informal, o que tem reduzido o número de associados ao sindicato, dificultando a organização trabalhista. A sazonalidade dos empregos formais também diminui o poder de reivindicação dos trabalhadores, que já não conseguem se encontrar e se organizar de forma eficaz como faziam até a década de 1990, ficando a mercê das negociações entre patrões e dirigentes sindicais.

Ao longo do trajeto da presente pesquisa, as entrevistas tornaram possível a abordagem presente-passado das relações de trabalho. As diversas experiências dos trabalhadores que ingressaram em diferentes épocas no setor calçadista me levaram a estas considerações e a buscar novas fontes, apontando os caminhos percorridos pela pesquisa que finaliza nessas considerações, mas não se conclui, deixando em aberto outras possibilidades de análises e questionamentos.

Fontes

1 – Fontes Orais

Antônio Centeno – natural de Franca, 48 anos, casado, começou a trabalhar na indústria calçadista nos anos setenta. Exerceu várias funções dentro da fábrica onde está trabalhando até hoje. Nunca trabalhou em banca de pesponto, sempre em fábrica de calçados. Entrevista realizada em 14 de julho de 2004.

Edson – natural de Franca, casado, trabalha na empresa Albanesi há treze anos, já trabalhou em outra fábrica por cinco anos. Quando mais jovem trabalhou em banca de pesponto. Entrevista realizada em 24 de setembro de 2003.

Fabiano – natural de Franca, 18 anos, solteiro, há um ano e meio está trabalhando em uma banca de pesponto terceirizada. Já trabalhou em outras bancas e nunca em fábrica de calçados. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2004.

Isabel Vergueiro – casada, 58 anos, chegou em Franca na década de setenta, começou a trabalhar nos Calçados Amazônia, depois trabalhou alguns anos nos Calçados Terra e em várias outras fábricas. Costurou sapato em bancas de pesponto e em casa por vários anos. Atualmente não costura mais calçado devido a um problema de saúde. Entrevista realizada em 2 de março de 2005.

João Paulo da Silva – natural de Franca, casado, 20 anos, trabalha há cinco anos e meio nos Calçados Ferracini; já trabalhou em outras fábricas de calçados e nunca trabalhou em bancas de pesponto. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2004.

Luiz Fernando – natural de Franca, 15 anos, está trabalhando em uma banca de pesponto há um ano e meio. Nunca trabalhou em outras bancas e nem em fábrica de calçados. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2004.

Márcia Helena Marçal – natural de Franca, 21 anos, solteira, começou a trabalhar com calçados desde os quinze anos de idade. Trabalhou nos Calçados Samello e na Carmem Steffens. Atualmente trabalha em uma fábrica de pequeno-médio porte, localizada próxima a sua residência. Entrevista realizada em 9 de julho de 2004.

Maria Sônia Marçal – natural de Franca, casada, começou a trabalhar em fábrica aos quinze anos de idade, no início dos anos setenta. Trabalhou nos Calçados Terra e em outras fábricas menores. Costurou sapato em casa para bancas de pesponto por muitos anos. Infelizmente, alguns meses após a entrevista, D. Maria Sônia faleceu. Entrevista realizada em 9 de julho de 2004.

Nelson Fanan – Natural de Franca, 73 anos, casado, atualmente está aposentado. Começou a trabalhar aos quatorze anos como aprendiz em uma farmácia, ingressando na fábrica de calçados, também como aprendiz, dois anos depois. Trabalhou em várias fábricas desde os anos quarenta. Filiou-se no Sindicato dos Trabalhadores na década de cinqüenta, onde até hoje participa ativamente. É presidente da Associação dos Trabalhadores Aposentados. Entrevista realizada em 2 de janeiro de 2005.

Olivier Resende Neto – natural de Franca, 26 anos, solteiro, começou a trabalhar na fábrica de calçados do seu tio há quatorze anos, onde está até hoje. Entrevista realizada em 9 de julho de 2004.

Paulo Afonso Ribeiro – natural de Mutum – MG, 35 anos, solteiro, chegou em Franca com 14 anos de idade, em 1985. Já trabalhou em várias fábricas de calçados e atualmente está registrado na empresa Calçados Ravelli. Também trabalhou na construção civil, supermercado, vendedor ambulante e outros. Está na presidência do Sindicato dos Sapateiros desde 25 de outubro de 2000.

Paulo Vergueiro – casado, chegou em Franca em 1968 e começou a trabalhar nos Calçados Terra. Trabalhou em várias fábricas de calçados. Em 1973 começou a trabalhar como molineiro na máquina chamada Molina, máquina esta que exige grande habilidade do trabalhador. Aposentou-se trabalhando como molineiro. Entrevista realizada em 3 março de 2005.

2 – Imagens

- Fotografias

- Acervo Ana Paula Crico, 2005:
  Foto da Praça Central Nossa Senhora da Conceição, fotos da máquina molina, máquina de pesponto, a esteira e área de cortes do couro para a fabricação do calçado.

- Cartão Postal sobre a cidade de Franca – s.d.

- Fotografias sobre a cidade de Franca, dos anos trinta aos anos oitenta – Acervo do Arquivo Municipal de Franca e Museu Histórico Municipal de Franca.

- Fotografias de panfletos sobre as greves na indústria calçadista de Franca no período de 1985 e 1986 – Acervo Nelson Fanan.

3 – Periódicos

- Revista Ciudad de Franca, 1998.

- Folhetim – O Sapateiro - n°477, setembro 2004 e n°484, fevereiro 2005.

4 – Mapas e Plantas

- Mapa da cidade de Franca em escala de 1: 12000, fornecido pela Prefeitura Municipal, s.d.

- Mapa do Distrito Industrial, fornecido pelo DINFRA – Departamento da Indústria de Franca, s.d.

5 – Documentos Oficiais

- Recenseamentos:
  Censo Franca-2005 – www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemum=franca. Acesso em 11/07/2005.

  Censo Franca 1940 a 1991, dados fornecidos pelo Museu Histórico Municipal de Franca.

- Shopping do Calçado de Franca – www.shopingdocalcado.com.br, acesso em 03/08/2005.

- Informações Gerais Sobre o Setor Calçadista – Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, 20/08/2003.

Bibliografia

ANDRADE BALTAR, P. E. e DEDECA, C. S. Mercado de trabalho e exclusão social no Brasil. In: MATTOSO,J. e OLIVEIRA, C. A . B.(org.). *Crise e trabalho no Brasil*. São Paulo: Scritta, 1996.

ARANTES, Antônio A. Desigualdade e Diferença (Cultura e cidadania em tempos de Globalização). In: *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BARBOSA DE OLIVEIRA, C. A. et al. *O mundo do trabalho*. São Paulo: Scritta, 1994.

BENJAMIN, C. *et al*. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

BRAGA FILHO, H. A reorganização da indústria de calçados de Franca. In: *FACEF Pesquisa*, Franca, SP, v.3, nº 2, 2000.

CANÔAS, José Walter. Elementos referenciais da pesquisa sobre os movimentos: operário sindical e serviço social. In: (Org.) CANÔAS, José Walter. *A reestruturação produtiva em Franca*: os sindicatos em movimento. Franca: UNESP-FHDS, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. "Introdução: a questão da história do movimento operário". In: _____ *A experiência do movimento operário*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 11-78.

CEVASCO, Maria Elisa. Questões de Teoria: o materialismo cultural. In: *Para Ler Raymond Williams*, São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CINTRA, Raquel B., ANDRADE, Raquel M. *A criança: o calçado X a escola* – uma reflexão sobre a terceirização em Franca, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1995.

COSTA, A. *Competitividade da indústria de calçados*. Campinas: UNICAMP-IE. Relatório de Pesquisa "Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira".

DOMINICI, Gilmar. *Sapateiros em Luta*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1988.

GARCIA, R. *Vantagens competitivas de empresas em aglomerações industriais:* um estudo aplicado à indústria brasileira de calçados e sua inserção nas cadeias produtivas globais. Campinas, UNICAMP-IE, 2001- Tese de doutorado.

GORINI, A.P.; CORREA, A. A indústria calçadista de Franca. *BNDES Relato Setorial*, dez, 2000.

GORZ, André. O despotismo de fábricas e suas conseqüências. In: GORZ, André.(org.) *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão*. Petrópolis: Vozes,1998

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____.*Os trabalhadores*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. "O fazer-se da classe operária". In: _____. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.273-298.

_____. "A formação da cultura da classe operária britânica" In: _____ *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.251-272.

_____. A outra História – Algumas Reflexões, In: KRANTZ, F. (org.) *A Outra História*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, RJ.

_____O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários. In: *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, 1991.

LOPES, Neusa A. *O processo de intervenção: Sindicato dos Sapateiros de Franca em 02 de fevereiro de 1985*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, Campus Franca, São Paulo, 1998.

MANZANO, M. P. F.Custo de demissão e proteção do emprego no Brasil. In: MATTOSO,J. e OLIVEIRA, C.A.B. (org). *Crise do trabalho no Brasil*. São Paulo: Scritta., 1996.

_____. *O Brasil Desempregado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

NAJBERG, S., MOREIRA, M. M.. O impacto da abertura comercial sobre o emprego*:* 1990 – 1997. In: GIAMBIAGI, F. e MOREIRA, M. M.(org.). *A economia brasileira nos anos 90.*Brasília: BNDES, 1999.

NAVARRO, Vera Lúcia. *A produção de calçados de couro em Franca (SP)*: a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

NERI, M. *et al*. *Mercado de trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações*. Texto para Discussão. Rio de Janeiro: BNDES, nº 743, 2000.

PASTORE, J. *Flexibilização dos mercados de trabalho e contratação coletiva*. São Paulo: Ltr, 1994.

PICCININI, V. Mudanças na indústria calçadista brasileira: novas tecnologias e globalização do mercado. In: FENSTERSEIFER, J. (org.). *O complexo calçadista em perspectiva*: tecnologia e competitividade. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

POCHMANN, M. e SANTOS, A . L. dos. O custo do trabalho e a competitividade internacional. In: MATTOSO, J. e OLIVEIRA, C. A .B.(org.). *Crise e trabalho no Brasil.* São Paulo: Scritta, 1996.

_____. *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *Políticas do trabalho e de garantia de renda no capitalismo em mudança.* São Paulo: Ltr, 1995.

ROSA, Raquel L. B. Educação sindical e organização de trabalhadores: o "Sindicato dos Sapateiros" de Franca – SP. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, campus Franca, São Paulo, 1995.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: *Revista Projeto História*, nº 14, São Paulo: EDUC, 1997.

RUAS, R. O conceito de *cluster* e as relações interfirmas no complexo calçadista do Rio Grande do Sul. In: FENSTERSEIFER, J. (org.). *O complexo calçadista em perspectiva*: tecnologia e competitividade. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entram em Cena: Experiência, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SANTOS, A. Encargos Sociais e custo do trabalho no Brasil. In: MATTOSO, J. e OLIVEIRA, C. A. B. (org.). *Crise e trabalho no Brasil.* São Paulo: Scritta, 1996.

SALES, Telma Bessa. *Experiências de João Ferrador em tempos de reestruturação produtiva*: VW Anchieta – SBC. Tese de Mestrado apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2000.

SANTOS, Silvana Barbosa dos. *O Trabalho Infantil em Franca*: a ciência na luta pelo direito a ser criança. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista, campus Franca, São Paulo, 1995.

SARLO, Beatriz. “Raymond Willians”. In: _____ *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 85-95.

_____.“Um olhar político”. In: _____ *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 55-64.

SINDIFRANCA: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, 2004.

STICV: Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados e do Vestuário de Franca e Região, 2004.

SINGER, P. *Uma utopia militante*. Petrópolis : Vozes, 1998.

_____. *Globalização e Desemprego*: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

STEPHEN A., M. Desenvolvimento e crise na divisão do trabalho. In: GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes,1980.

SUZIGAN, W.; FURTADO, J.; GARCIA, R.; SAMPAIO, S. *Sistemas Produtivos Locais no Estado de São Paulo*: o caso da indústria de calçados de Franca. Brasília: IPEA, 2000. Relatório de pesquisa

THOMPSON, E. P. “Prefácio”. In: _____.*A formação da classe operária inglesa*. V I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9-14.

_____. “Exploração”. In: _____ *A formação da classe operária inglesa*. V II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 11-38.

_____. “Padrões e experiências”. In: _____ *A formação da classe operária inglesa*. V II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 179-224.

_____. “Introdução: costume e cultura”. In: _____*Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 13-24.

_____. “Folclore, Antropologia e História Social”. In: _____ *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2001, p. 227-267.

WILLIANS, Raymond. “Ideologia”. In: _____ *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979, p. 60-76.

_____. “Hegemonia”. In: _____ *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979, p. 111-117.

_____. “Dominante, residual e emergente”. In: _____ *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979, p. 124-129.

_____. “Com vistas a uma sociologia da cultura”. In: _____ *Cultura*. 2ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.9-31.